



## Merleau-Ponty. Um pensamento emaranhado no corpo

**Fabio Di Clemente**  
Um convite à radicalidade

**Marina Marcondes Machado**  
A fenomenologia da infância e a criança  
mundocentrada

**Verilda Speridião Kluth**  
Kant e Merleau-Ponty: um debate entre  
filosofia e matemática

E mais:

>> **Marcelo Henrique Toledo:**  
Plantação extensiva de  
eucalipto X culturas tradicionais

>> **Sergio Mattos:**  
A tecnologia digital pode e deve ser  
usada para transmitir serviços e  
conceitos de cidadania

# Merleau-Ponty.

## Um pensamento emaranhado no corpo

O meio século de falecimento do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) inspira a presente edição da **IHU On-Line**, realizada em parceria com a Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT. O PPG em Educação da UFMT promove, em Cuiabá, de 10 a 12 de novembro, o **Simpósio Internacional Merleau-Ponty vivo aos 50 anos de sua morte. Percursos ao redor da fenomenologia aos 90 anos do nascimento de Paulo Freire.**

Inspirada pelos conceitos do pensador francês, a artista plástica **Carmen Sylvia Guimarães Aranha**, da Universidade de São Paulo - USP, menciona que a pintura sempre celebra o enigma da visibilidade. **Fabio Di Clemente**, filósofo italiano docente na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, acentua o convite à radicalidade feito por esse autor. A psicopedagoga **Maria Alice de Castro Rocha** analisa o corpo como “santuário” em relação ao outro, repositório do pensamento de forma emaranhada. A fenomenologia da infância e a criança mundocentrada é o tema da psicóloga **Marina Marcondes Machado**, analisando os Cursos da Sorbonne, proferidos por Merleau-Ponty. **Luiz Augusto Passos**, docente na UFMT, examina a vasta e atual obra merleau-pontyana e estabelece relações entre a fenomenologia do pensador francês e Paulo Freire nos movimentos sociais brasileiros na década de 1980. O matemático **Ubiratan D’Ambrosio**, professor na Universidade Bandeirante - Uniban, situa a fenomenologia e a etnomatemática “para além das grades da gaiola”. A também matemática **Verilda Kluth**, da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp e da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp, analisa o debate entre filosofia e matemática nas obras de Kant e Merleau-Ponty, enquanto a professora da PUC-SP, **Vitória Espósito**, situa “o homem no cerne do acontecimento vivo”. Destacar o sensível das relações para aprender melhor o sentido das experiências é uma das temáticas abordadas pelo filósofo **Reinaldo Furlan**, da Universidade de São Paulo - USP. Uma entrevista com o filósofo italiano **Mauro Carbone**, editor da revista *Chiasmi Internacional. Trilingual Studies concerning Merleau-Ponty’s Thought*, completa a matéria de capa. Ele frisa que a obra de Merleau-Ponty é um debate com o cartesianismo.

O coordenador do Movimento em Defesa dos Pequenos Agricultores - MDPA, **Marcelo Henrique Santos Toledo** fala sobre a plantação extensiva de eucaliptos. Ele estará no Instituto Humanitas Unisinos - IHU em 03-11-2011, das 17h30min às 19h, debatendo sobre esse tema.

Uma visão sintética do “estado da arte” da implementação do SUS é o tema do artigo de **Nelson Rodrigues dos Santos**, da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp.

Globalização tecnologias digitais e os questionamentos éticos é o tema do artigo de **Sérgio Mattos**, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

O filósofo **Selvino Assmann**, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, colabora neste número com uma tradução da apresentação do livro *Altissima povertà. Regole monastiche e forma di vita. Homo sacer IV*, de Giorgio Agamben.

**Mari Margarete dos Santos Forster**, professora na Unisinos há cerca de 40 anos, recorda sua trajetória pessoal e profissional no depoimento publicado nesta edição.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamisris Magalhães (thamirism@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Rafaela Kley e Stefanie Telles. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 1173.

UNISINOS



INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

LEI DE INCENTIVO À CULTURA



Ministério da Cultura

BRASIL  
UM PAÍS DE TODOS  
GOVERNO FEDERAL

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | Mauro Carbone: Uma obra em debate com o cartesianismo

PÁGINA 11 | Maria Alice de Castro Rocha: O corpo: um “santuário” em relação com o outro

PÁGINA 15 | Marina Marcondes Machado: A fenomenologia da infância e a criança mundocentrada

PÁGINA 18 | Vitória Espósito: “O homem no cerne do acontecimento vivo”

PÁGINA 21 | Verilda Speridião Kluth: Kant e Merleau-Ponty: um debate entre filosofia e matemática

PÁGINA 25 | Carmen Sylvia Guimarães Aranha: O olhar criador a partir de Merleau-Ponty

PÁGINA 28 | Reinaldo Furlan: Destacar o sensível das relações para aprender melhor o sentido das experiências

PÁGINA 31 | Fabio Di Clemente: Um convite à radicalidade

PÁGINA 39 | Ubiratan D’Ambrosio: Fenomenologia e etnomatemática: para além das grades da gaiola

PÁGINA 41 | Luiz Augusto Passos: Um autor em diálogo com o mundo contemporâneo

### B. Destaques da semana

» Artigo da Semana

PÁGINA 49 | Nelson Rodrigues dos Santos: Uma visão sintética do “estado da arte” da implementação do SUS

» Coluna do Cepos

PÁGINA 52 | Sergio Mattos: Globalização, tecnologias digitais e os questionamentos éticos

» Destaques On-Line

PÁGINA 54 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 57 | Marcelo Henrique Santos Toledo: Plantação extensiva de eucalipto X culturas tradicionais

PÁGINA 59 | A trilogia “Homo Sacer”, de Agamben

» IHU Repórter

PÁGINA 62 | Mari Margarete dos Santos Forster



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## Biografia

Merleau-Ponty nasce em 14 de março de 1908, em Rochefort sur Mer, em França. Falece em Paris aos 53 anos, em 3 de maio de 1961, vítima de um ataque cardíaco. Estuda e gradua-se em filosofia na École Normal Supérieure em 1930; instituição onde conhece Jean Paul Sartre. Depois de exercer o cargo de professor nos Liceus de Beauvais (1931-1933) e de Chartres (1934-1935), é nomeado “agrégé-répétiteur” na École Normal Supérieure, onde ensina de 1935 a 1939. Com a eclosão da guerra, serve o exército francês como oficial de infantaria. Desmobilizado o exército francês por causa da ocupação alemã, volta a ensinar em alguns Liceus em Paris. Durante a Segunda Guerra Mundial, com Sartre, forma um pequeno grupo chamado “Socialismo e liberdade”, para lutar contra a ocupação nazista. Terminada a guerra, passa a lecionar na Universidade de Lyon (1945). Com Sartre, em 1945 funda o importante periódico político-literário “Les Temps Modernes”; iniciativa editorial que causa em seguida entre os dois amigos tensões, silêncios, afastamentos. Em 1948, novamente com Sartre, Merleau-Ponty funda um novo partido político socialista, o RDR (Reunião Democrática Revolucionária), com o intuito de não se identificar nem com o comunismo, nem com o anticomunismo. O partido teve pouco êxito diante do então dominante PCF (Partido Comunista Francês).

De 1949 a 1952, leciona na Sorbonne. Desse ensino resultam cursos de grande abrangência, com ênfase em questões de relevância psicológica, psicanalítica, pedagógica, antropológica e sociológica. Em 1952, obtém a cátedra de filosofia no Collège de France, a maior instituição universitária francesa, onde leciona até o ano de sua morte. A filosofia de Merleau-Ponty alimenta-se, entre outras tantas fontes, do diálogo contínuo com a chamada filosofia clássica francesa e com Edmund Husserl e Martin Heidegger, assim como das pesquisas provenientes de outras áreas, entre as quais cabe destacar a psicologia (em particular, os estudos da psicologia da forma e da psicologia da criança), a psicanálise, a linguística (em particular, a de Fernand de Saussure), as pesquisas da física moderna e em âmbito biológico (em particular, os estudos zoológicos de Jakob von Uexküll, de anatomia do comportamento de George Ellett Coghill, de embriologia do comportamento de Arnold Gesell e Catherine Strunk Amatruda).

Como muitos outros jovens intelectuais franceses do final dos anos 30, interessa-se pela dialética de Hegel e do jovem Marx, cujos escritos conduzem a voltar, após a Primeira Guerra Mundial, à questão do humanismo. Mas, como poucos,



empreende o caminho da “paciência do conceito”, para poder pensar o “conceito sem destruí-lo” nas várias áreas, como as das ciências naturais, sociais e humanas, da literatura, das artes plásticas, do cinema. Diante do “discurso confuso” da história, tanto da história das ideias como dos povos, lida com as descobertas científicas, reabilitando o diálogo com as “provocações” da ciência; atravessa as promessas contidas num “humanismo em expansão”, contra um “humanismo de compressão”, superando até mesmo o dualismo excludente interno à alternativa entre violência e não violência, entre valores e fatos, na vertente da violência capitalista e da violência comunista; enfim, persegue um grande projeto antidu-

alista e antirreducionista, voltando até a pintura de Leonardo Da Vinci: pensada na obra do gênio italiano explicitamente sob forma de filosofia, essa pintura se tornou - ao ver do filósofo francês - o anúncio de uma frequentação dos inúmeros lados da Natureza, entendida como “solo” (Boden) da nossa relação antidualista e antirreducionista com os outros seres e entes. A fecundidade contida na abrangência da interrogação merleau-pontiana pode ser apreciada hoje não apenas nas questões centrais da Filosofia, mas também em relação às ciências e a todos os outros saberes. Se, no passado, foi muito menos conhecido do que o amigo Jean Paul Sartre, sobretudo desde as últimas três décadas, Merleau-Ponty é unanimemente considerado como uns dos maiores pensadores do século XX pela sua leitura crítica ‘radical’ da condição humana, cujo ‘impensado’ ainda precisa ser pensado.

**Autor: Prof. Dr. Fabio Di Clemente (UFMT)**

### Obras principais:

La structure du comportement (Paris: Presses universitaires de France, 1953)

Phénoménologie de la perception (Paris: Gallimard, 1945)

Humanisme et terreur (Paris: Gallimard, 1947)

Les aventures de la dialectique (Paris: Gallimard, 1977)

(fonte: <http://gempo.com.br/portal/biografia-do-filosofo/>)

## Uma obra em debate com o cartesianismo

Legado de Merleau-Ponty é, “acima de tudo”, um debate com a tradição filosófica dualista, ressalta Mauro Carbone. Referências literárias e artísticas são uma constante ao longo de seus escritos

POR MÁRCIA JUNGES / TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

**A**pós o grande “boom” da redescoberta dos textos de Merleau-Ponty nos anos 90 do século XX, o estudo de seu pensamento ganha novo fôlego “em duas das questões às quais a atual reflexão filosófica internacional resulta mais sensível: de um lado, os desenvolvimentos das ciências neurológicas e, do outro, o estatuto assumido pelas imagens de nossa época também à luz da revolução digital”. A constatação é do filósofo italiano Mauro Carbone, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Quem lê os textos desse pensador fica impressionado com a centralidade e frequência das referências literárias e artísticas, desde a pintura até o cinema e à música, garante. Carbone examina, ainda, a influência da *Fenomenologia do espírito* de Hegel sobre a filosofia de Merleau-Ponty: “Direi que Merleau-Ponty dialoga com a *Fenomenologia do espírito* sobretudo em torno ao problema de como conceber a filosofia de modo que ela resulte realmente em condições de conduzir a expressão a experiência humana”. Em sua opinião, a obra desse pensador francês é, “acima de tudo, um debate sobre o cartesianismo”, que retomou e atualizou o dualismo platonista e “teve um papel crucial na formação do pensamento da humanidade ocidental moderna e, em particular, da cultura francesa, para qual permanece como o ponto de referência e de confronto inamovível”. Outros temas em discussão foram a “nova ontologia” merleau-pontyana e os seus escritos políticos, dentre os quais *Les aventures de la dialectique*.

Mauro Carbone é professor na Faculdade de Filosofia Jean Moulin, Lyon 3, na França. Recebeu seu PhD em 1990, na Universidade Católica de Louvain, Bélgica, com a dissertação *La visibilité de l'invisible: Merleau-Ponty entre Cézanne et Proust*, publicada em inglês sob o título *The Visibility of the Invisible: Merleau-Ponty between Cézanne and Proust* (Hildesheim: Olms, 2001). Acaba de publicar *La chair des images: Merleau-Ponty entre peinture et cinéma* (Paris: Vrin, 2011) e é o fundador e co-editor da revista *Chiasmi International. Trilingual Studies concerning Merleau-Ponty's Thought*. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é a importância da filosofia de Merleau-Ponty dentro do contexto da ontologia?**

**Mauro Carbone** - Quando Merleau-Ponty morre, no mês de maio há cinquenta anos, o centro de sua reflexão é precisamente o problema da ontologia, ou melhor, para usar seus próprios termos, o problema de uma *nova ontologia*. O primeiro ponto sobre o qual convém dar clareza refere-se, então, ao que Merleau-Ponty entende por ontologia, já que sabemos que há quem, com este termo, queira rigorosa e estritamente referir-se a uma disciplina que tem por objeto o ente, enquanto para outros ele designa um discurso não já em torno ao ente, e sim em tor-

no do ser. A primeira pergunta a colocar-se é, então: quando Merleau-Ponty fala de “nova ontologia”, em que acepção assume este último termo? A esta pergunta poder-se-ia responder que para Merleau-Ponty falar de “nova ontologia” significa falar de uma nova relação com o ser, de modo a não poder senão *fazer tudo uno* com uma nova relação com o ente.

Na perspectiva da nova ontologia que Merleau-Ponty visa formular, portanto, as duas acepções do termo “ontologia” - como discurso em torno ao ente e como discurso em torno do ser - se mantêm juntos, já que aquela perspectiva visa formular quanto Merleau-Ponty define também como

“endo-ontologia”<sup>1</sup>, ou seja, uma ontologia que não se pode elaborar senão *do interior* do horizonte do ser no qual os entes se encontram colocados. Uma ontologia assim concebida não poderá senão configurar-se, então, como uma ontologia para a qual o discurso em torno à relação com o ser deverá inevitavelmente passar através do discurso em torno à relação com os entes. Neste sentido, a ontologia só poderá ser *indireta*, ou seja, mediada precisamente através da relação com os entes, os quais vêm assim a nivelar-se como *espelhos* que, a seu modo, refletem a luz (e a sombra) do ser.

<sup>1</sup> M. Merleau-Ponty, *Le visible et l'invisible*, texto estabelecido por C. Lefort, Gallimard, Paris 1964, p. 279. (Nota do entrevistado)

Esta questão da “nova ontologia” é, dizia, o problema para o qual convergem as pesquisas e as reflexões de Merleau-Ponty nos últimos anos de sua vida. Em outras palavras, trata-se, de um lado, de compreender quais sejam os caracteres de tal “nova ontologia”, isto é, de tal nova relação com o ser, que não pode se dar senão através de uma nova relação com os entes e, de outro lado, trata-se de dar a tal “nova ontologia” uma formulação filosófica apropriada.

**IHU On-Line - Dentro da filosofia contemporânea, qual é sua relevância após meio século de sua morte? É um filósofo que vai sendo “redescoberto” e mais estudado nos últimos anos?**

**Mauro Carbone** - A grande redescoberta do pensamento de Merleau-Ponty já eclodiu nos anos noventa do século passado. De um lado, de fato, estes estudos iniciaram na Itália com a publicação de minha tese de doutorado intitulada *Nos confins do exprimível. Merleau-Ponty a partir de Cézanne e de Proust* (1990)<sup>2</sup> e logo depois na França com a publicação da tese de Renaud Bárbaras intitulada *De l'être du phénomène: Sur l'ontologie de Merleau-Ponty* (1991)<sup>3</sup>: duas teses que relacionaram e renovaram de modo decisivo os estudos sobre Merleau-Ponty em nível internacional. De outro lado, os anos noventa do século passado concluíram com a fundação de *Chiasmi International. Pubblicazione trilingue intorno al pensiero di Merleau-Ponty*, a revista que acompanhou a renovação dos estudos merleau-pontyanos e a integrou com o ulterior impulso que, em seguida, lhes foi oferecido pela publicação de muitos inéditos e pelas pesquisas da geração de estudiosos que mais se encarregaram disso, tornando-se agora o ponto de referência imprescindível para todo aquele que no mundo se interesse pelo pensamento de Merleau-Ponty e de seus contornos.

Hoje o estudo do pensamento de Merleau-Ponty encontra novo alimento

2 M. Carbone, *Ai confini dell'exprimibile. Merleau-Ponty a partire da Cézanne e da Proust*, Milão, Guerini e Associati, Milão 1990. (Nota do entrevistado)

3 R. Bárbaras, *De l'être du phénomène : Sur l'ontologie de Merleau-Ponty*, Grenoble, Milieu, 1991. (Nota do entrevistado)

## “A grande redescoberta do pensamento de Merleau-Ponty já eclodiu nos anos noventa do século passado”

em duas das questões às quais a atual reflexão filosófica internacional resulta mais sensível: de um lado, os desenvolvimentos das ciências neurológicas (basta pensar na descoberta dos neurônios-espelho) e, do outro, o estatuto assumido pelas imagens de nossa época também à luz da revolução digital (às quais retornarei mais detidamente na conclusão desta entrevista). Em ambos os casos, tende-se a encontrar, nas impositões merleau-pontyanas, importantes elementos que precedem os desenvolvimentos presentes daquelas questões e que podem, portanto, contribuir a *pensá-los*. Mais em geral, o que resulta tanto mais atual, é o convite do último Merleau-Ponty a pensar a mutação dos modos pelos quais, em nossa época, os homens vão se relacionando consigo próprios, com os outros, com as coisas e o mundo no referente ao passado<sup>4</sup>. É esta que eu chamo “a filosofia a ser feita”.<sup>5</sup>

**IHU On-Line - Qual é o nexos que une o visível e o invisível entre Merleau-Ponty, Cézanne e Proust?**

**Mauro Carbone** - Para Merleau-Ponty o nexos entre visível e invisível designa, entre outros aspectos, o elo entre nossa relação com o mundo e os modos pelos quais o mesmo encontra expressão. Num certo sentido, esta expressão torna visível quanto, na experiência de cada um de nós, de outra forma permaneceria invisível aos outros. Num outro sentido, aquela expressão dá uma invisível profundidade à nossa experiência sensível, tornando-a participável aos outros. Tanto num sentido quanto no outro - entre si indivisíveis - o modelo da operação de expressão é, para Mer-

4 Cf. M. Merleau-Ponty, *L'oeil et l'esprit*, (datado em 1960, 1961), Paris, Gallimard, 1964, p. 63. (Nota do entrevistado)

5 Cf. M. Carbone, *Sullo schermo dell'estetica. La pittura, il cinema e la filosofia da fare*, Milão, 2008. (Nota do entrevistado)

leau-Ponty, o trabalho do artista e do escritor, que ele analisa referindo-se em particular a Cézanne<sup>6</sup> e a Proust<sup>7</sup>. Ele o faz enquanto isso evidencia como a passagem do nosso encontro sensível com o mundo à sua expressão articulada se configura como contínua “retomada criadora” de um no outro e, portanto, como a expressão, tanto em suas formas não verbais quanto nas verbais, mantém com aquele encontro uma relação de recíproco envolvimento. Além disso, na ótica acima delineada, através do aspecto de atividade do trabalho expressivo se manifesta aquele aspecto de passividade que sempre o duplica e que remete à nossa inscrição carnal no Ser.

Na impositão de Merleau-Ponty, nem a produção artística, nem a linguística gozam, portanto, de autonomia absoluta, sendo ambas radicadas na perspectiva ontológica do sensível, cuja verdade, precisamente através da operação expressiva que tem naquelas o seu modelo, se faz caminho, mesmo indiretamente.

**IHU On-Line - Em que aspectos se dá a maior contribuição deste pensador aos campos da estética e da arte?**

**Mauro Carbone** - Merleau-Ponty não pode ser considerado propriamente um “estetólogo” ou esteticista. De fato, não endereça a própria meditação sobre os problemas teóricos peculiares à estética. Todavia, lendo os seus textos se é impressionado por quão frequentes e centrais sejam as referências literárias e artísticas, onde estas últimas não se referem somente à pintura - como por demasiado tempo se sustentou - mas também ao cinema e à música. A meditação merleau-pontyana sobre a arte e a literatura é, em suma, parte integrante, ou melhor - para usar uma expressão recorrente nos seus escritos - “parte total” da meditação filosófica: aquela parte na qual a totalidade se desdobra e da qual é tornada visível. Arte e filosofia parecem, em suma, entreter no pensamento de Merleau-Ponty uma relação “quiasmática” análoga àquela

6 Paul Cézanne (1839-1906): pintor francês. (Nota da IHU On-Line)

7 Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (1871-1922): escritor francês. (Nota da IHU On-Line)

que ele chega a descrever entre o visível e o invisível, onde o segundo termo se perfila como o reverso do primeiro. Neste sentido se pode ler o título do último ensaio merleau-pontiano dedicado à pintura: *L'oeil et l'esprit*, onde o olho remete precisamente ao visível da estética - a entender-se como reflexão tanto sobre o conhecimento sensível quanto sobre as artes - e o espírito ao invisível da filosofia. Esta imposição mostra, então, como os motivos pelos quais Merleau-Ponty não foi, em sentido próprio, um estético sejam profundamente radicados em sua concepção das relações entre arte e filosofia, que impede considerar a estética como campo autônomo. A estética enquanto reflexão sobre o conhecimento sensível serve antes, a Merleau-Ponty, para meditar sobre a ininterrupta relação que nosso corpo entretém com o mundo e a estética enquanto filosofia das artes sobre as modalidades nas quais aquela relação encontra expressão. Neste quadro, uma dezena de páginas antes que o manuscrito do *Visible et l'invisible* seja interrompido pela morte repentina de seu autor, Merleau-Ponty escreve:

“Toca-se aqui no ponto mais difícil, isto é, no elo da carne e da idéia, do visível e da armadura interior que ele manifesta e que ele esconde. Ninguém esteve mais longe do que Proust na fixação das relações do visível e do invisível, na descrição de uma idéia que não é o contrário do sensível, mas que é sua duplicação e profundidade”.<sup>8</sup>

### O “último” Merleau-Ponty

Merleau-Ponty começa, portanto, aqui, a partir da *Recherche* proustiana, sua reflexão sobre o “ponto mais difícil”, para o qual cria a expressão “ideias sensíveis”: uma expressão que, por sua vez, sublinha de maneira potente a dificuldade deste ponto, já que nomeia algo de literalmente *impensável* para a tradição do pensamento ocidental. Com efeito, esta última, a partir de Platão, sempre teve a tendência de pensar segundo a separação e oposição entre o sensível e o ideal, ou seja, segundo a separação e oposição entre o visível e o invisível.

<sup>8</sup> M. Merleau-Ponty, *Le visible et l'invisible*, op.cit., p.193. (Nota do entrevistado)

## “Na perspectiva da nova ontologia que Merleau-Ponty visa formular, portanto, as duas acepções do termo “ontologia” - como discurso em torno ao ente e como discurso em torno do ser - se mantêm juntas”

Ao contrário, o último Merleau-Ponty soube mostrar que, em nossa experiência, as ideias não são separadas e opostas ao sensível, mas surgem precisamente graças ao nosso encontro com isso: certa ideia do amor é inseparável para Swann, o protagonista do primeiro volume da *Recherche*, da escuta da “pequena frase” da *Sonata*<sup>9</sup> de Vinteuil que tinha sido “o hino nacional” de sua história de amor com Odete. Nas páginas em que Proust descreve esta experiência de Swann, Merleau-Ponty vê, portanto, o esboço de uma nova concepção das ideias que foi e, por certos aspectos, não cessa de ser a pilastra do pensamento ocidental.

Infelizmente, como eu dizia, a elaboração da noção de ideia sensível e, portanto, de uma teoria não platônica das ideias continua, no entanto, interrompida pela morte repentina de Merleau-Ponty. Olhando bem, é até muito estranho que os especialistas do pensamento de Merleau-Ponty não tenham quase nunca procurado estudar a noção de ideia sensível que para ele não era somente “o ponto mais difícil”, mas também, como bem se pode entender, o mais importante. Por isso, em meu livro *Proust e les idées sensibles*<sup>10</sup>, eu procurei estudar e *prolongar* a elaboração merleau-pontiana da noção de ideia sensível, reconhecendo a

<sup>9</sup> Confira a sonata em <http://migre.me/61MUI>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>10</sup> M. Carbone, *Proust et les idées sensibles*, Paris, Vrin, 2008. (Nota do entrevistado)

maior contribuição que Merleau-Ponty queria oferecer - através da reflexão sobre a experiência estético-sensível e a estético-artística - à formulação de uma nova ontologia.

**IHU On-Line - É correto afirmar que a filosofia de Merleau-Ponty é um debate com o cartesianismo e a tradição filosófica dualista? Por quê?**

**Mauro Carbone** - É realmente correto afirmar que a filosofia de Merleau-Ponty seja *acima de tudo* um debate sobre o cartesianismo. Este último, de fato, retomando e atualizando o modo de pensar dualista herdado do platonismo, teve um papel crucial na formação do pensamento da humanidade ocidental moderna e, em particular, da cultura francesa, para qual permanece como o ponto de referência e de confronto inamovível.

Mas, a pesquisa de uma “nova ontologia” da parte do último Merleau-Ponty radicaliza o confronto com a tradição dualista ocidental, procurando pôr em discussão não só a versão cartesiana, e sim os próprios pressupostos platonistas. Escolher *Le visible et l'invisible* como título da grande obra interrompida pela morte significa escolher confrontar-se precisamente com aqueles pressupostos, com o fim de analisar *de novo* o problema ontológico. E descrever o visível e o invisível em termos de mútua referência e recíproca implicação bem como de separação e oposição recíprocas significa procurar oferecer, precisamente, uma nova formulação àquele problema.

Então: revocar a intenção opoitor com que a metafísica instituiu *todos os dualismos* reassumíveis naquela ideia de visível e invisível - filosofia e não-filosofia, sensível e inteligível, atividade e passividade, sujeito e objeto - para nomear o íntimo co-pertencimento entre os elementos que a compõem e, por isso, mudar conduta e linguagem de modo a corresponder à atual mutação nas relações entre o homem e o ser: é esta a tarefa que Merleau-Ponty entreviu, assumido e deixado aberto. Para a própria dimensão epocal desta tarefa não podia, de resto, ser de outro modo, já que, além das vivências biográficas de cada um, não se trata da tarefa de um pensador,

mas do próprio pensamento.

**IHU On-Line - Quais são os principais pontos de diálogo entre o pensamento merleau-pontyano e a *Fenomenologia do espírito* de Hegel?**

**Mauro Carbone** - Acima de tudo seja assinalado que o diálogo entre o pensamento merleau-pontyano e a *Fenomenologia do Espírito* (7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002) de Hegel<sup>11</sup> resulta sempre mediado pela interpretação que João Hipólito deu daquela obra e mais em geral da filosofia hegeliana. Isso já se encontra no artigo de Merleau-Ponty intitulado *L'existentialisme chez Hegel*, publicado em "Les Temps modernes" em 1946<sup>12</sup>. A interpretação fornecida por Hyppolite<sup>13</sup> da relação entre a *Fenomenologia do Espírito* e os subsequentes desenvolvimentos da filosofia de Hegel se confirmam como centrais no curso intitulado *Philosophyie depuis Hegel* que Merleau-Ponty estava dando no Collège de France em 1960-61, no momento de sua morte repentina. Neste curso, como já naquele artigo, Merleau-Ponty retoma, de fato, de Hyppolite, a tendência de ler os desenvolvimentos do pensamento hegeliano em termos de contraste entre as posições expressas na *Fenomenologia do espírito* e aquelas assumidas subsequentemente.

O intento do curso consiste em traçar e discutir as diversas tentativas conduzi-

11 Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/zaON>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/zaOX>. (Nota da IHU On-Line)

12 M. Merleau-Ponty, *L'existentialisme chez Hegel*, « Les Temps Modernes », n. 7, 1946, p. 1311-1319, agora in Id., *Sens et non-sens*, Paris, Gallimard, 1996. (Nota do entrevistado)

13 Jean Hyppolite: filósofo francês conhecido por seu trabalho com Hegel e outros filósofos alemães. Ele realizou a primeira tradução francesa da obra de Hegel *Fenomenologia do Espírito*. Foi professor na Universidade de Strasbourg, onde escreveu *The Genesis and Structure of Phenomenology* (1947). (Nota da IHU On-Line)

**“Les aventures de la dialectique não se limitou a percorrer a derrota do comunismo soviético, nem a escolha - então raríssima - de mostrar a ascendência marxista e mesmo marxiana dos motivos de tal falência, sem aportar por isso a posições anticomunistas”**

das a partir de Hegel para elaborar uma ideia de filosofia tal que saiba rejeitar a própria separação tradicional da “não-filosofia” e mensurar-se, assim, com esta reconhecendo-a como *o outro lado de si* antes do que *o outro de si*, para inaugurar assim uma nova relação com o Ser: é tal ideia que Merleau-Ponty define também como “a-filosofia”. Dasquelas tentativas ele reconhece *o princípio* - no duplo sentido de momento inicial e noção fundamental - na concepção hegeliana da fenomenologia, embora julgue que daquele princípio Hegel acabe por destacar-se.

Em todo caso, Merleau-Ponty dialoga com a *Fenomenologia do espírito* sobretudo em torno ao problema de como conceber a filosofia de modo que ela resulte realmente em condições de conduzir a expressão a experiência humana.

**IHU On-Line - Como ocorre a relação entre filosofia e cinema no pensamento deste autor?**

**Mauro Carbone** - Em 1945 Merleau-Ponty é convidado ao Institut des Hautes Études Cinématographiques de Paris, onde pronuncia uma conferência com título *Le cinema et la nouvelle psychologie*, cujo texto é publicado dois anos depois em “Les Temps Modernes” e após coletado em 1948, com os outros principais ensaios por

ele escritos naquele período em *Sens et non-sens*<sup>14</sup>. Preparando-se para concluir aquela conferência, Merleau-Ponty faz uma afirmação que agradará muito ao cineasta Jean-Luc Godard<sup>15</sup>, o qual a citará em seu filme *Masculin Féminin* (1966):

“O filósofo e o cineasta têm em comum certa maneira de ser, certa visão do mundo que é aquela de uma geração”<sup>16</sup>.

Mas, não é só entre filosofia e cinema que Merleau-Ponty indica uma convergência histórica nos escritos deste período. Mais em geral, em *Sens et non-sens* ele sublinha a profunda convergência de certas experiências artísticas (a pintura no *A dúvida de Cézanne*, o cinema no ensaio a ele dedicado, a literatura no *O romance a metafísica*, que comenta *A convidada* de Simone de Beauvoir<sup>17</sup>, e em *Um autor escandaloso*, escrito em defesa de Sartre) com aquela que chama preferencialmente “nova psicologia” - e tende a identificar na psicologia da forma - bem como com a filosofia contemporânea. Esta convergência se coagularia segundo ele em torno aos temas de nossa relação com o mundo e de nossa relação com os outros.

Até menos de dez anos atrás, acreditava-se que a conferência *Le cinema et la nouvelle psychologie* fosse o único caso de reflexão dedicada por Merleau-Ponty ao cinema. Na realidade, esta reflexão percorre toda a curva de seu pen-

14 M. Merleau-Ponty, *Le cinema et la nouvelle psychologie*, « Les Temps Modernes », n. 7, 1946, p. 1311-1319, agora in Id., *Sens et non-sens*, Paris, Gallimard, 1996. (Nota do entrevistado)

15 Jean-Luc Godard (1930): cineasta francês, reconhecido por um cinema vanguardista e polêmico, que tomou como temas e assumiu como forma, de maneira ágil, original e quase sempre provocadora, os dilemas e perplexidades do século XX. Além disso, é também um dos principais nomes da Nouvelle Vague, assim como Truffaut. Um de seus filmes é *Vivre sa vie* (1962). (Nota da IHU On-Line)

16 M. Merleau-Ponty, *Sens et non-sens*, op.cit., p. 75. (Nota do entrevistado)

17 Simone de Beauvoir (1908-1986): escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Ligou-se pessoal e intelectualmente ao filósofo francês Jean-Paul Sartre. Entre seus ensaios críticos cabe destacar *O Segundo Sexo* (1949), uma profunda análise sobre o papel das mulheres na sociedade; *A velhice* (1970), sobre o processo de envelhecimento, onde teceu críticas apaixonadas sobre a atitude da sociedade para com os anciãos; e *A cerimônia do adeus* (1981), onde evocou a figura de seu companheiro de tantos anos, Sartre. (Nota da IHU On-Line)

samento, como o demonstrou o número 12 da revista “Chiasmi International”, publicado em 2010, e como eu documentei em meu livro intitulado *La chair des images. Merleau-Ponty entre peinture et cinéma [A carne das imagens. Merleau-Ponty entre pintura e cinema]*, saído faz pouco<sup>18</sup>.

### Tendências convergentes

Com efeito, em alguns dos últimos cursos de Merleau-Ponty se pode ler seu projeto de mostrar como se possam encontrar, também nas experiências e nas reflexões desenvolvidas pelo cinema, certas linhas de tendência convergentes com aquelas desenhadas contemporaneamente por outras formas expressivas (como literatura e pintura) no tracejar o perfil da “nova ontologia” de que eu fazia referência na minha primeira resposta. Em particular, era sua intenção indicar tais linhas assumindo, por exemplo, “la question du mouvement au cinéma”<sup>19</sup>. Não resulta, então, surpreendente - mas parece tanto mais interessante - relevar que os outros traços de reflexões dedicados por Merleau-Ponty ao cinema se refiram precisamente àquela questão, já a partir do primeiro curso por ele dado no Collège de France, o de 1953 intitulado *Le monde sensible et le monde de l'expression*, cujas notas preparatórias foram publicadas também elas muito recentemente.<sup>20</sup>

**IHU On-Line - O interesse de Merleau-Ponty pela ontologia jamais diminui seu interesse pelo pensamento político, coisa que pode ser atestada pelas cartas nas quais ocorre seu “rompimento” com Sartre. Quais eram suas principais ideias políticas?**

**Mauro Carbone** - No centro da reflexão política de Merleau-Ponty está a questão comunista, em particular a maneira pela qual tal fora colocada nos países da Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial. Imediatamente após a mesma, Merleau-Ponty, que de

18 M. Carbone, *La chair des images. Merleau-Ponty entre peinture et cinéma*. Paris, Vrin, 2011. (Nota do entrevistado)

19 M. Merleau-Ponty, *Notes des cours au Collège de France 1958-1959 et 1960-1961*, « Préface » de C. Lefort, texto estabelecido por S. Ménasé, Paris, Gallimard, 1996, p. 391. (Nota do entrevistado)

20 M. Merleau-Ponty, *Le monde sensible et le monde de l'expression*, Genebra, MétisPresses, 2011. (Nota do entrevistado)

fato era então diretor político de “Les Temps Modernes”, em seu primeiro livro dedicado a tal âmbito - *Humanisme et terreur* (1947) havia professado “em relação ao comunismo uma atitude prática de compreensão sem adesão e de livre exame sem difamação”<sup>21</sup>. Nos anos subsequentes este “livre exame” atravessou a reflexão sobre os campos de deportação soviéticos e a ruptura com Sartre<sup>22</sup>, para desaguar no segundo livro político de Merleau-Ponty: *Les aventures de la dialectique* (1955). As conclusões a que o mesmo chega - declarando acabada a credibilidade da ideologia comunista sem dever sequer esperar, dezoito meses mais tarde, a revolta da Hungria e sua sangrenta repressão da parte soviética - antecipavam em 34 anos a queda do muro de Berlim. Mas, atenção: *Les aventures de la dialectique* não se limitou a percorrer a derrota do comunismo soviético, nem a escolha - então raríssima - de mostrar a ascendência marxista e mesmo marxiana dos motivos de tal falência, sem aportar por isso a posições anticomunistas. Sua potência prefiguradora consiste mais em haver procurado impostar os problemas que se teriam aberto com a queda do muro de Berlim, ou aqueles problemas que o fim da credibilidade da ideologia comunista não deixou de colocar.

Além disso, a queda do muro de Berlim e a subsequente dissolução da União Soviética assinalaram o início do processo de globalização ainda em andamento, que foi então saudado por anúncios sobre o fim da história e das ideologias e, portanto, sobre o próprio fim da filosofia da história. Houve depois quando ocorreu no 11 de setembro de 2001 fazendo desmoronar também, junto com as Torres Gêmeas de Nova York, o castelo de tais

21 M. Merleau-Ponty, *Humanisme et Terreur*, Paris, Gallimard, 1947, p. 160. (Nota do entrevistado)

22 Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu *ensaio O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

anúncios<sup>23</sup>, já que realmente, como escreve Merleau-Ponty criticando a noção de “fim da história”: “cada decisão porte des conséquences inattendues, et comme d'ailleurs l'homme répond à ces surprises par des inventions qui déplacent le problème (cada decisão traz consequências inesperadas, e como aliás o homem responde a essas surpresas por invenções que deslocam o problema)”<sup>24</sup>. Eis, então, que retorna a exigência daquela interrogação filosófica da história e daquela interrogação histórica da filosofia que Merleau-Ponty magistralmente pratica de modo complementar em *Les aventures de la dialectique*. Por isso a reflexão sobre a época presente pode encontrar neste livro um pensamento surpreendentemente precioso.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Mauro Carbone** - Gostaria de falar da concepção das imagens que emerge da reflexão sobre a visão conduzida pelo último Merleau-Ponty. Recentemente pude focar aquela concepção também graças a alguns inéditos seus. Decidi dedicar àquele tema o livro que acabo de publicar em francês, *La chair des images [A carne das imagens]*, porque pude encontrar no modo pelo qual ele o enfrenta algumas noções ainda inexploradas e todavia profundamente inovadoras, tanto para a teoria das imagens quanto para a ontologia nela implicada. Trata-se de noções que, do primeiro ponto de vista, oferecem elementos de pensamento surpreendentemente à altura das novidades que o estatuto das imagens assumiu nos últimos vinte anos. Por isso, tais noções mostram convergir e integrar-se com algumas das mais significativas reflexões que os teóricos da assim dita “virada icônica” dirigem à questão do atual estatuto das imagens. Do segundo ponto de vista - aquele mais requintadamente ontológico - aquelas noções sugerem uma rede de implicações e de consequências em cuja perspectiva a filosofia apenas começou a pensar e a pensar-se.

23 Discuti este tema em meu volume intitulado *Essere morti insieme. L'evento dell'11 settembre 2001 [Ter morrido juntos. O evento de 11 de setembro de 2011]*, Turim, Bollati Boringhieri, 2001. (Nota do entrevistado)

24 M. Merleau-Ponty, *Les aventures de la dialectique*, Paris, Gallimard, 1955, p. 36. (Nota do entrevistado)

## O corpo: um “santuário” em relação com o outro

Dotado de intencionalidade encarnada, o corpo abriga o pensamento de forma emaranhada. Vivemos o presente banhados no passado e lançados no futuro, num vir a ser constante, de forma relacional com a alteridade, aponta Maria Alice de Castro Rocha

POR MÁRCIA JUNGES

Contraopondo-se ao dualismo cartesiano que cinde corpo e mente, Merleau-Ponty demonstra “que o pensamento se dá emaranhado no corpo”. A ponderação é da psicopedagoga Maria Alice de Castro Rocha, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Esse pensador francês “traz o corpo como um ponto fundamental de apreensão do mundo, ponto que muitas vezes descuidamos na filosofia, ou mesmo na educação”, completa. Mas não se trata do mesmo enfoque dado ao corpo atualmente, focado no cumprimento de padrões estéticos. O que está em questão é “um corpo dotado de uma intencionalidade encarnada”. E acrescenta: “Filosoficamente, Merleau-Ponty aponta para o corpo como um santuário dotado de ossos, sangue, órgãos, células, que precisa destes para agir, mas que são subsumidos por uma ordem humana, que é formada na relação com o outro, sobretudo com a cultura”.

Docente nas Faculdades Integradas Rio Branco, em São Paulo, Maria Alice de Castro Rocha é especialista em Psicopedagogia pelo Instituto Sedes Sapientiae - Sedes, é mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo - USP com a tese *Um estudo sobre a percepção: Merleau-Ponty e Piaget*. Leciona nas Faculdades Integradas Rio Branco, em São Paulo, na Faculdade de Pedagogia. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais as maiores razões que fazem de Merleau-Ponty um filósofo atual?**

**Maria Alice de Castro Rocha** - Merleau-Ponty mostra-se ainda extremamente significativo e cada vez que o releemos parece que desvelamos novos aspectos no que se refere à percepção e à estrutura do comportamento. Ele traz o corpo como um ponto fundamental de apreensão do mundo, ponto que muitas vezes descuidamos na filosofia, ou mesmo na educação.

Ele vem se contrapor ao pensamento de Descartes<sup>1</sup> que separa corpo e

1 René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se, sobretudo, pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa.

mente, procurando mostrar que o pensamento se dá emaranhado no corpo. Um corpo dotado de condições físicas, anatômicas, fisiológicas, biológicas que permitem ao ser interagir com o mundo e ir se constituindo. Vem destacar que sou o meu corpo, um corpo que sente e expressa emoções, sentimentos, dor, alegria, tristeza...

Hoje o corpo é muito cultuado, mas no sentido de exposição e de preenchimento de requisitos para padrões de beleza. Esquece-se, porém, do corpo de que fala Merleau-Ponty. Um corpo dotado de uma intencionalidade encarnada. Corpo que se constitui, sobretudo na troca com o outro, em que os significados de suas ações estão entranhados neste, nos movimentos, nos pensamentos. Por exemplo, pegar um lápis pode ter vários sentidos para o corpo, para o ser: porque alguém me pediu (mostro um movimento de gentileza ou obrigação); por uma ânsia de escrever algo importante; por uma obrigação desagradável de cumprir

(Nota da IHU On-Line)

uma tarefa dada na escola. Todos os movimentos são dotados de significações ligadas a todo o funcionamento corporal.

Isto é, Merleau-Ponty, embasando-se em Husserl<sup>2</sup>, vem destacar a questão da intencionalidade como uma “consciência de”, um movimento que se dirige ao mundo e o capta. Não há uma ação unilateral dos objetos sobre a mente, como na visão empirista, mas também não há uma visão intelectualista de julgamento acima do meio. A intencionalidade fenomenológica não se refere a uma decisão intelectualista *a priori*, mas a um direcionamento pré-reflexivo que me impulsiona ao mundo e permite captá-lo, em movimentos contínuos.

2 Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como idéia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e epoché. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da IHU On-Line)

Merleau-Ponty, em *A estrutura do comportamento* (São Paulo: Martins Fontes, 2006) e na *Fenomenologia da percepção* (São Paulo: Martins Fontes, 1999), estuda este corpo em “direção à” pormenorizadamente. Ele se debruça sobre a neurologia de sua época e começa por meio da análise de lesões cerebrais a mostrar um cérebro que possui especificidades e que, ao mesmo tempo, funciona em rede onde determinadas lesões precisam ser compreendidas à luz do sentido da ação. Uma lesão pode trazer danos não necessariamente a movimentos ou sensações específicas, mas para a expressão de determinados sentidos na relação da pessoa com aquilo que lida. Merleau-Ponty dá o exemplo de um indivíduo cuja lesão tirou-lhe a capacidade de agir com parcimônia, mas não lhe impediu de pensar racionalmente sobre as decisões morais.

### O corpo como santuário

Isso pode permitir um avanço na compreensão da relação do homem com o mundo. Vemos hoje esse assunto sendo estudado por autores significativos da neurologia, como Antônio Damásio<sup>3</sup>. Em seu livro *O erro de Descartes - emoção, razão e o cérebro humano* (São Paulo: Companhia das Letras, 1996) há uma análise de casos que nos faz lembrar interpretações de Merleau-Ponty. A obra mostra como as lesões alteram as formas de ação do sujeito, mesmo quando o raciocínio se mostra intacto.

Filosoficamente, Merleau-Ponty aponta para o corpo como um santuário dotado de ossos, sangue, órgãos, células, que precisa destes para agir, mas que são subsumidos por uma ordem humana, que é formada na relação com o outro, sobretudo com a cultura. Em sua visão, não podemos ver ora o homem como uma mente que pensa, ou como um corpo que obedece. Com este o ser vai percebendo o mundo e se constituindo, formando uma identidade em meio ao outro.

Outro fator importantíssimo para

<sup>3</sup> Antônio Rosa Damásio (1944): médico neurologista, neurocientista português que trabalha nos estudos do cérebro e das emoções humanas. Atualmente é professor de Neurociência na University of Southern California. Entre os anos de 1996-2005 Damásio trabalhou no hospital da University of Iowa. (Nota da IHU On-Line)

a atualidade é seu apontar para uma percepção que se dá em situação, frente à história, em meio à cultura e, sobretudo por meio do corpo que se movimenta, que sente, amor, ódio, respeito, atração. Não há percepção acabada, fechada, mas é sempre um processo que se dá em meio a horizontes. Isso é dependente dos limites e condições que se oferecem em um dado momento. Do ponto de vista que olho para um objeto, por exemplo, da luz que incide sobre ele. Vemos sempre partes dos objetos e o pressentimos como um todo por uma operação intencional.

A percepção está sempre ligada aos horizontes que se apresentam; estes dependem tanto das possibilidades dos objetos de se mostrarem para nós. Merleau-Ponty, por exemplo, destaca que podemos expressar uma cor para um cego, pela sensação que pode provocar por meio de uma música. Mas isso também é banhado nas nossas vivências culturais e dos significados que vamos atribuindo. Cada ser é único, capaz de ter uma identidade, mas por intermédio do outro. A linguagem é aqui fundamental porque não só nos permite a comunicação, mas também, para o filósofo, abre ao próprio conhecimento do mundo. Diz que uma criança apreende o que é cadeira, por exemplo, não por uma comparação entre objetos, mas que encontra a semelhança pela palavra.

Corpo, cultura, palavra, o outro abrem-me para percepções diversas. Pelo grupo que vivo, pela língua que falo sou capaz de olhar para as coisas de uma dada maneira. Sou capaz de me iludir, por meio delas, mas também de me “desiludir”, isto é, chegar mais próximo do fenômeno. Hoje vemos uma troca muito grande entre os povos, entre as pessoas, mas muitas vezes com visões distorcidas que dão destaque a determinados pontos, causando intolerância. É necessário aprendermos com Merleau-Ponty a procurar ver as coisas por pontos diversos. Para isso precisamos saber olhar por ângulos diferentes, refletir sobre eles, mover nossos olhares para outros pontos diversos, procurando por novas apreensões. O perceber é algo que não se esgota e se elucida também pelo olhar do outro.

Merleau-Ponty mostra-se atual para que possamos refletir sobre vários pontos das relações do homem com o mundo. Ele traz para as artes muitas contribuições refletindo sobre a relação entre percepção e expressão. Conjuntamente com Husserl, ele é imprescindível, a nosso ver, para a pesquisa qualitativa, evitando distorções na percepção e sabendo considerar a subjetividade como estando sempre presente na apreensão do objetivo.

### IHU On-Line - Qual a relevância de Merleau-Ponty especificamente para a Educação?

**Maria Alice de Castro Rocha** - Primeiramente, pode-se destacar a importância de se considerar o homem como um ser em situação que vive em um espaço, em um tempo, dotado de uma linguagem e de uma cultura que na sua correlação com o outro e com o mundo vai atribuindo significados às coisas.

É importante se considerar que o homem não sofre influências causais que irão determinar seu comportamento, mas que há uma operacionalidade que permite o entrelaçamento do espaço e tempo vivido pelo indivíduo e os significados que ele atribui a isso. Hoje, é muito comum que se busquem causas lineares ou culpados para dificuldades escolares de cada criança. Um pai ausente, uma família desestruturada, ou mesmo uma doença. Não que tais aspectos não sejam importantes, mas não podem ser generalizados pontualmente. O ser humano é mais rico do que isso, como nos mostra Merleau-Ponty.

Cada aluno precisa ser compreendido na sua relação com o outro, com o aprendizado, de uma forma ampla, em que se dê espaço para cada ser se expressar. Merleau-Ponty nos fala que uma criança ao nascer modifica seu lar. A educação precisa dar espaço para que cada sujeito amplie seus conhecimentos, possa olhar as coisas sobre outros ângulos, mas também para que se manifeste, expresse seu caminhar, troque ideias com os outros, de forma que as pessoas não sejam encurraladas em horizontes pobres, ou então sejam obrigadas a ver por meio de binóculos deformantes do professor.

## Outros olhares

Aprender a olhar o aluno, buscar sempre se despir de ideias pré-concebidas; procurar trazê-lo para a construção do conhecimento; procurar fazer com que ele saiba escolher, ter uma percepção mais apurada, são elementos fundamentais nos dias de hoje. Em Merleau-Ponty a linguagem é um ponto fundamental para a percepção. Aqui podemos nos lembrar de Paulo Freire<sup>4</sup> ao trabalhar por meio do diálogo, do dar possibilidades ao aluno para ter outro olhar sobre o mundo, o que Merleau-Ponty poderia dizer a outros olhares. A linguagem também tem o poder de direcionar nosso olhar, como coloca Merleau-Ponty. Para ele, como vimos, a criança aprende a dar nome às coisas não por encontrar semelhanças entre elas, mas por procurar semelhanças diante de um nome.

Dessa forma, a educação é fundamental no processo de alfabetização, que permita uma leitura crítica, significativa, e que favoreça o desenvolvimento de competências e o uso de diversas linguagens e análises de pontos de vista diferentes.

**IHU On-Line - Sob quais aspectos a filosofia desse pensador é importante para se repensar a educação em tempos de globalização e de complexidade?**

**Maria Alice de Castro Rocha** - A globalização traz com ela a grande troca entre as pessoas, as várias culturas, uma fluidez imensa de informações e a necessidade de construção de novos conhecimentos. A educação precisa estar atenta a esta diversidade de aces-

4 Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). No II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, do dia 30-09-2004, o professor Dr. Danilo Streck, do PPG em Educação da Unisinos, apresentou o livro *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria do professor Danilo na 117ª edição, de 27-09-2004. Confira, ainda, a edição 223 da revista IHU On-Line, de 11-06-2007, intitulada Paulo Freire. Pedagogo da esperança, disponível para download em <http://migre.me/2peDT>. (Nota da IHU On-Line)

## “Ele vem se contrapor ao pensamento de Descartes que separa corpo e mente, procurando mostrar que o pensamento se dá emaranhado no corpo”

...s a dados e trocas empreendidas em redes sociais.

Merleau-Ponty torna-se contemporâneo ao mostrar a necessidade de a educação se focar na compreensão da apreensão de significados, que dependem do horizonte enfocado em cada momento. Nosso olhar para a realidade depende do ângulo do qual partimos. Por exemplo, se vemos uma casa apenas por um de seus lados, podemos nos enganar em relação a seu real tamanho. Ao mesmo tempo, quando se olha por este ângulo podemos captar elaborações anteriores, que podem vir da capacidade de cálculo do engenheiro; do ecologista que valoriza ou não aquela ocupação; da recordação da infância de um quintal semelhante com experiências gostosas.

A cultura de um povo é um dos grandes fatores que direcionam, formam e deformam nossa percepção. Essa elaboração perceptiva precisa ser conhecida e ampliada. Para isso não bastaria numa visão fenomenológica apenas ensinamentos racionais, mas vivências, trocas de visões, ampliação dos dados.

A educação precisa mostrar ângulos diferentes de direcionamento ao mundo, o sentido e o respeito a cada cultura, para que seja possível compreender o sentido de tomada de posições diferentes. Voltando àquela casa do exemplo acima, pensemos que poderíamos ter uma imagem negativa dela; mas quando de repente se me apresentam crianças brincando e sentimos um cheiro de bolo caseiro, isso pode se transformar.

A educação precisa considerar o sujeito como tendo uma intencionalidade

de encarnada; trata-se, portanto, de pessoas dotadas de sentimentos, emoções, significados que estão sempre presentes no processo de percepção e de conhecimento. É preciso respeitá-las e ajudar cada ser a saber lidar com o caso. É necessário pesquisar dados e ir além deles, criando, dando opiniões e construindo uma identidade.

A linguagem está aqui presente o tempo todo e precisa também ser ampliada para que possa captar formas e noções diferentes. A linguagem matemática, por exemplo, vem permitir ao indivíduo fazer cálculos, resolver problemas, que afetam a si e ao mundo; mas a linguagem poética poderá lhe abrir para formas mais significativas de sentir e usar seus cálculos. Cada forma de linguagem abre a possibilidade ou pode mesmo fechá-la. Ela precisa ser trabalhada.

## Corpo e complexidade

Merleau-Ponty nos traz um ser dotado de um corpo, o que nos aproxima da ideia de complexidade trazida por alguns filósofos, na atualidade, como Morin<sup>5</sup>. Há o ultrapassar da dialética dos contrários para entrar na correlação circular de várias possibilidades. O homem na complexidade é visto como um ser múltiplo que vai se humanizando por meio do cérebro, mão, linguagem, espírito, cultura e sociedade. Há sempre a presença do lógico, do racional em meio a emoções, sentimentos, sentidos. A lucidez se confronta no homem, segundo Morin, com a demência. Ordem, desordem, interações e organização fazem parte da complexidade. Merleau-Ponty mostra que o conhecimento, a percepção, nunca se fecham, mas se aproximam,

5 Edgar Morin (1921-): sociólogo francês, autor da célebre obra *O Método*. Os seis livros da série foram tema do Ciclo de Estudos sobre “O Método”, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre, em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na Sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A Religião dos Saberes. O desafio do século XXI* (Bertrand do Brasil, 2001). (Nota da IHU On-Line)

se complementam, ilusão e desilusão são possibilidades humanas.

Merleau-Ponty destaca que o homem possui condições físicas, fisiológicas, biológicas que são fundamentais, mas que se subsumem pela ordem humana, dotada de significados existenciais. A educação precisa formar pessoas que saibam raciocinar, mas que ao mesmo tempo saibam fazer uma leitura da relatividade, que se vejam como humanos e que também se voltem para uma sociedade que exista no confronto entre diferenças e aproximações, entre incertezas e planejamentos. Merleau-Ponty nos mostra este caminho da apreensão do mundo, mas não de forma absoluta e fechada, que está sempre aberta a novas visões. Quando mostra que a linguagem e a cultura direcionam nosso olhar, mostra também que a educação é uma das responsáveis por ele, osso olhar, embora não a única, podendo abri-la ou fechá-la mais. Caberia à educação aqui oferecer formas de perceber a inexistência de uma única visão.

**IHU On-Line - Em que medida Merleau-Ponty e Piaget contribuem para os estudos sobre a percepção? Suas ideias sobre o tema são complementares e convergentes?**

**Maria Alice de Castro Rocha** - Ambos trazem uma visão interacionista para a percepção. Ela não é vista nem por meio de uma construção racional, nem como uma ação empirista, em que as sensações exerceriam uma função dominante sobre a percepção. Há sempre uma troca entre homem e mundo e esta vai se transformando ao longo do vida do indivíduo.

O corpo é fundamental para a percepção em Merleau-Ponty - é o corpo que se movimenta, que tem sentimentos, emoções, que sente tristeza, alegria, dor. Há sempre um movimento de busca numa intencionalidade encarnada. Piaget mostra o corpo, sem usar esta expressão, sobretudo ao analisarmos o primeiro período de desenvolvimento da criança, no estágio sensório motor. A criança tem um potencial de desenvolvimento, mas ela precisa agir para construir essa percepção e o conhecimento. A criança, experimen-

## “Merleau-Ponty traz o corpo como fundamental na percepção por uma troca com o meio, mas coloca em evidência a força da intencionalidade, em que se evidencia o existencial”

tando movimentos e sensações, vai organizando-os. Por meio deles ela cria formas de organização; é capaz até, mais ou menos, 18 meses de ter elaborado as relações de causa e efeito, a temporalidade, a espacialidade, a noção de que o objeto pode permanecer em sua ausência.

Merleau-Ponty traz o corpo como fundamental na percepção por uma troca com o meio, mas coloca em evidência a força da intencionalidade, em que se evidencia o existencial. Dá o exemplo de um trem em movimento: se estamos no trem e olhamos distraidamente pela janela a paisagem corre em disparada. Por outro lado, se prestamos atenção à paisagem, somos capazes de percebê-la inerte. Na percepção há sempre um movimento iterativo, em que entram significados humanos que abrangem e subsumem o cultural.

Para Merleau-Ponty, a linguagem é um dos fatores organizadores da percepção; ela nos ensina a ordenar as coisas e olhá-las de forma diferente. Podemos dizer que ela nos orienta, em um primeiro momento, a organizar objetos, uni-los, separá-los, abstraí-los. Para Merleau-Ponty, o intelectual é um dos fatores organizadores da percepção, mas não o único. Piaget já destaca este como principal ao lado do biológico.

A nosso ver, os dois podem ser olhados como complementares, pois é importante vermos que a criança precisa ser estimulada a agir sobre o meio e que esta ação não é pré-determinada,

mas que ela é extremamente rica e inteligente, pois a criança está corporalmente construindo noções que a ajudarão a perceber o mundo de forma mais rica e organizada. Merleau-Ponty, por outro lado, nos chamará a atenção para outros fatores norteadores da percepção, como os sentimentos, a linguagem, a emoção, a cultura. Organização, desorganização e reorganização fazem parte do pensamento da complexidade, e nesse ponto Merleau-Ponty nos ajuda.

**IHU On-Line - Em que consiste a fenomenologia da percepção? Nesse sentido, como podemos compreender o falar como expressão do ser na visão de Merleau-Ponty?**

**Maria Alice de Castro Rocha** - A fenomenologia tem por característica a busca do fenômeno, mas de uma forma contínua e aberta, por meio da “consciência de”. Como já destacamos, é uma consciência intencional que se direciona ao mundo. Esta consciência pode abranger o racional, mas não é racional em sua essência. Há aqui um forte componente pré-reflexivo. O ser quando faz algo tem uma intencionalidade na relação com o objeto, mas não necessariamente é capaz de tematizar isso ou saber que o faz.

O objeto, o mundo, estão lá; dão-se de uma forma própria. A coisa em si nunca pode ser conhecida, mas se doa de uma dada maneira e pode ser apreendida por um ser em situação. Esse ser tem uma intencionalidade formada na sua corporeidade, em meio à história, à cultura, à linguagem. A fenomenologia da percepção vai estudar a relação entre o homem capaz de captar o mundo ao seu redor e as coisas em seu entorno que se doam de uma maneira múltipla e própria.

Merleau-Ponty vai estudar essa apreensão, como já foi destacado, por meio de um homem encarnado, isto é, um homem dotado de um corpo, dotado de uma natureza física e biológica que abrange o neurológico, mas que é subsumido pela ordem humana. Essa ordem humana é o que caracteriza o ser em sua existência como homem, como tendo uma intencionalidade, uma corporeidade, como vivendo no presente, banhado no passado e se lançando ao

“O falar é uma troca intencional com o outro que se dá num mundo-vida, dotado de intenções e significados, mas que tem objetos com seu potencial próprio a ser desvelado”

futuro, num vir a ser constante.

Este potencial biológico ajuda o homem a perceber o mundo, mas não isoladamente. A percepção vai se formando ao longo da vida do indivíduo, não no sentido desenvolvimentista de Piaget, mas como se embebendo da cultura, da linguagem, de significados múltiplos que são construídos e des-construídos.

#### As palavras fluem do ser

A fala é dos meios de comunicação mais ricos do indivíduo, porque ela permite desenvolver a troca de visões entre os homens e a aquisição de linguagens que, como já colocamos, norteiam nosso olhar. Isso não deve ser visto como um aprisionamento, mas como abertura para buscas e de significados. É um elo operacional entre o ser e o outro, entre o ser e o mundo.

A fala é a concretização da linguagem, ela é para Merleau-Ponty uma ação encarnada. Ela depende de um equipamento anatômico e fisiológico, mas transcende-o, dá-se na expressão com o outro. Para o filósofo, ela permite que o indivíduo se expresse e se constitua, pois ele destaca que as palavras fluem do ser, sem precisar que ele pense e depois fale.

O falar é uma troca intencional com o outro que se dá num mundo-vida, dotado de intenções e significados, mas que tem objetos com seu potencial próprio a ser desvelado. Na fala há uma troca de apreensões que me ajudam a descortinar o entorno.

## A fenomenologia da infância e a criança mundocentrada

Habitantes do mesmo mundo, adultos e crianças o vivenciam e o apreendem de modos distintos. Nos seus Cursos da Sorbonne, Merleau-Ponty analisa a infância sob um prisma existencial, assinala Marina Marcondes Machado

POR MÁRCIA JUNGES

A criança não é egocentrada, mas mundocentrada. A ideia, tributária a Merleau-Ponty, concebe a infância de modo existencial a partir de um descentramento. O adulto é “destronado” do centro, assim como as teorias do desenvolvimento que criou. A ponderação é da psicóloga Marina Marcondes Machado, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. De acordo com a pesquisadora, o ego da criança “não se encontra formado, desenhado, é, antes, esboço a ser completado, banhado, vestido e acalentado. É na outriedade, na relação eu/outro, que a corporalidade, isto é, a relação eu/corpo se desenha. E o corpo próprio, acompanhado pelo outro, encontra-se no mundo: adultos e crianças habitam o mesmo mundo, diferem apenas no modo de viver nele, de apreendê-lo”. Essas ideias são originárias dos Cursos na Sorbonne, ministrados por Merleau-Ponty entre os anos de 1949-1952, quando faz uma fenomenologia da psicanálise e propõe um outro olhar sobre a infância - o olhar culturalista. Conforme Marina, “o mote da fenomenologia da infância é deixar a criança ser o que ela é, sem nunca deixá-la à deriva”. E alerta, inspirando-se no termo “antiestructuras”, cunhado pelo antropólogo Victor Turner: é preciso que as “crianças vivam suas infâncias de maneira onírica, polimorfa, não representacional, a seu tempo, como é seu direito”.

Pesquisadora das relações entre infância e cena contemporânea, formadora de professores de teatro e docente na Escola Superior de Artes Célia Helena, Marina Marcondes Machado é graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, e mestre em Artes pela Universidade de São Paulo - USP com a dissertação *Cacos de infância/nascimento, vida e morte da personagem criança em roteiros de improviso*. Na PUC-SP cursou doutorado em Educação com a tese *A flor da vida - sementeira para a fenomenologia da pequena infância*, e é pós-doutora em Pedagogia do Teatro, pela USP, com a pesquisa *Territórios do brincar*. De sua produção bibliográfica, destacamos *O brinquedo-sucata e a criança/A importância do brincar - Atividades e Materiais* (5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994); *A poética do brincar* (2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998); *Cacos de infância/teatro da solidão compartilhada* (São Paulo: Fapesp/ Annablume, 2004) e *Merleau-Ponty & a Educação* (Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em que consistem os Cursos na Sorbonne, oferecidos por Merleau-Ponty, e em que período ocorreram? Quais são as abordagens e relações que o pensador faz nesses cursos sobre a criança?**

**Marina Marcondes Machado** - Os Cursos na Sorbonne aconteceram entre 1949 e 1952 e tematizaram a psicologia da criança e a pedagogia. Como publicação, não são textos de autoria de Merleau-Ponty, e sim a compilação dos apontamentos de seus alunos, reunidos em livro a partir de boletins publicados pelo Centro de Documentação Universitária da Sorbonne. No Brasil, foram editados em dois volumes pela Editora Papyrus, com os seguintes títulos e subtítulos: *Merleau-Ponty na Sorbonne - Resumo de Cursos*; subtítulo para o volume 1: *Filosofia e linguagem* (1990a), e subtítulo para o volume 2: *Psicossociologia e filosofia* (1990b). Mais tarde os dois volumes viraram apenas um, na edição da Editora Martins Fontes (2006) sob o título *Psicologia e pedagogia da criança*. A compilação dos Cursos na Sorbonne foi revisada por Merleau-Ponty quando vivo.

Nos Cursos na Sorbonne Merleau-Ponty nos presenteia com uma espécie de desconstrução filosófica do raciocínio desenvolvimentista que desdobra a infância em fases, etapas e faixas etárias. Ele procura trabalhar a partir de uma fenomenologia da psicanálise. O filósofo não propõe “outra teoria”, mas “outro olhar” para as teorias; esse “outro olhar” para a infância pode ser nomeado, inicialmente, de culturalista.

Merleau-Ponty afirma que estaria por ser inventada uma psicanálise culturalista, em que as interpretações não mais irão se pautar, por exemplo, em fatos, teorias do trauma ou fases da libido, mas, antes, nos modos de vida das crianças inseridas em suas culturas; o caminho para esta mudança é relacional e observacional, e será papel do adulto perscrutar as relações da criança/corpo, criança/outro, criança/tempo, criança/espaço, criança/língua, criança/mundo. Isso levará à reflexão filosófica e existencial sobre o ser criança e seu ser no mundo.

### **Criança mundocentrada**

Pensar a infância de modo existencial parte de um descentramento, ou seja, ti-

ramos o adulto do centro - bem como as teorias do desenvolvimento que o adulto criou. Assim o filósofo formula, por meio de uma imagem feliz, que a criança não é egocentrada, ela é mundocentrada. Seu “ego” não se encontra formado, desenhado, é, antes, esboço a ser completado, banhado, vestido e acalantado. É na “outridade”, na relação eu/outro, que a corporalidade, isto é, a relação eu/corpo se desenha. E o corpo próprio, acompanhado pelo outro, encontra-se no mundo: adultos e crianças habitam o mesmo mundo, diferem apenas no modo de viver nele, de apreendê-lo. Esses modos inserem-se num dado tempo, num dado espaço, em uma dada cultura: temporalidade, espacialidade, mundaneidade. O uso dessas palavras, na perspectiva da fenomenologia, comunica a não existência de separação eu/tempo, eu/espaço, eu/mundo. Portanto, dizer mundaneidade não é sinônimo de dizer a *relação da criança com o mundo*, pois ela encontra-se no mundo, mergulhada nele, de tal forma que a criança está no mundo tanto quanto o mundo está nela. Ela é ser no mundo: não há, nessa leitura, divisões nem distinções de fronteiras entre “indivíduo” e “ambiente”.

**IHU On-Line - Como se imbricam a fenomenologia e a infância? Nesse sentido, como podemos compreender a “fenomenologia do rabisco”?**

**Marina Marcondes Machado** - É meu ponto de vista que a fenomenologia é uma ótima via para compreender a primeira infância, especialmente a criança muito pequena: trata-se de positivar o que a criança é, como ela está, como ela se apresenta a si mesma, a nós, ao mundo - em vez de tentar modelar seu “quem” por meio de uma teoria e defini-la pelo que ela ainda não tem, esperando que chegue em outro “patamar”. Nesse sentido a fenomenologia da criança é feita de um trabalho antropológico bastante cuidadoso, denso, significativo. É preciso focar na criança mesma, descentrando o olhar adulto e seus contextos teóricos. Podemos pensar que a fenomenologia é uma atitude frente ao outro, uma atitude paciente, algo que não vemos nas disciplinas mais técnicas, imbuídas da “cura” e da “extinção do sintoma”.

Você faz menção a um artigo meu, *Fenomenologia do rabisco* (2002), que

foi publicado em uma excelente revista de divulgação, vendida em bancas de jornal. No texto da “fenomenologia do rabisco” proponho que nunca se diga: “Carlinhos ainda não desenha” (pois “apenas” rabisca). Trata-se, noutra perspectiva, de positivar o ato de rabiscar de Carlinhos, da seguinte maneira: Como Carlinhos rabisca? Como escolhe as cores? Em que situação gosta de rabiscar? Conversa com seu rabisco? Como se mostra sua corporalidade e sua relação com os materiais durante o seu rabiscar? E assim por diante. Escrevi esse texto a partir do que Merleau-Ponty nos ensina, nos Cursos na Sorbonne, sobre o desenho: a criança, ela mesma, não é representacional. Ela não pretende, em absoluto, reproduzir o mundo - ela, ao desenhar, expressa, exprime e vive o momento de desenhar: uso dos materiais, prazer e desprazer, mergulho na experiência.

A leitura não representacional da infância é o aspecto mais original e contemporâneo dos Cursos na Sorbonne. Sessenta anos atrás Merleau-Ponty já afirmava que a criança não representa, mas presentifica; noutras palavras, a criança encontra-se no aqui-agora e está banhada e mergulhada em um caldo pré-reflexivo. Isso é algo extremamente próximo do que se quer chegar, em arte contemporânea, nas *performances* em dança-teatro, por exemplo. Daí meu trabalho atual nomear a criança como *performer*<sup>1</sup>.

**IHU On-Line - Essa abordagem foi uma novidade na filosofia e na pedagogia? Por quê?**

**Marina Marcondes Machado** - Digamos que esta abordagem não seria “novidade”, mas antes, uma leitura possível - a fenomenológica - da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento já existentes. Merleau-Ponty é muito elegante em suas críticas aos sistemas já estabelecidos, e deixa claro que as psicologias mais próximas ao pensamento ao qual se refere nos Cursos na Sorbonne são as de Henri Wallon<sup>2</sup> e dos gestaltistas. Ele, por-

<sup>1</sup> “A criança é performer” (2010) é um artigo que resume meu pensamento atual, disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/11444>. (Nota da entrevistada)

<sup>2</sup> Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962): filósofo, médico, psicólogo e político francês, e marxista convicto. Foi neto do político francês Henri-Alexandre Wallon. (Nota da IHU On-Line)

tanto, não “joga fora” as teorias, apenas as coloca entre parênteses, como requer o método fenomenológico, para procurar a criança tal qual ela se apresenta no mundo. Ele não trabalha com essencialismos, mas antes, com o modo de ser e estar da criança pequena. Merleau-Ponty destaca três principais modos de ser: o onirismo, o polimorfismo e a não representacionalidade. O polimorfismo nos faz compreender a inteligência da criança pequena, inteligência vivida no corpo cuja capacidade plástica lhe possibilita concentrar-se e encontrar-se simultaneamente em diferentes ações, algo que o adulto muitas vezes lê noutra chave, como desatenção e imaturidade; o modo onírico revela sua capacidade para mesclar realidade e fantasia, especialmente em desenhos, pensamentos e sentimentos, e no brincar de faz de conta; a não representacionalidade nos revela uma criança mergulhada na experiência de vida e incapaz de distanciar-se para “representar”. Se pensarmos em sintonia com o pensamento sobre a infância de Merleau-Ponty, diversas prerrogativas sólidas da psicologia clássica se desmancham, especialmente tudo que foi construído com base na noção projetiva e representacional de um “mundo interno”. Também “o mundo da criança” é questionado pelo filósofo: adultos e crianças convivem no mesmo mundo, o que difere são nossas apreensões dele.

### IHU On-Line - Como se dá atualmente a apropriação e atualidade desse filósofo nas práticas pedagógicas?

**Marina Marcondes Machado** - Hoje, é bastante evidente a aproximação das noções fenomenológicas propostas por Merleau-Ponty e os grupos de pesquisa em Estudos Sociais da Infância, proponentes do que se está usualmente chamando de Culturas da Infância, o que reafirma o arejamento e pioneirismo de Merleau-Ponty no início da década de 1950. No entanto, minha percepção é de que ainda há pouco interesse pela fenomenologia da infância; esse modo de fazer filosofia inserido na psicologia e na pedagogia muitas vezes é associado ao ato de “apenas” descrever; Foucault<sup>3</sup>, por exemplo, afirmou que

a fenomenologia sofre de um “sono antropológico”. Todavia, esta é uma compreensão de um dos aspectos da propositiva fenomenológica, o aspecto descritivo, e adormecer a avidez adulta para intervir na vida da criança, modelá-la, curá-la, etc. parece uma boa atitude para o século XXI, que apenas começou e que certamente revelará uma enorme indústria da infância, como já acontece: o *melhor* brinquedo, a *melhor* papinha e a *melhor* colher para não deixar cair a papinha, o *melhor* sapato, a *melhor* pasta de dente e assim por diante. Num mundo em que os objetos tecnicamente desen-

se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (História da Loucura, O Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas, A Arqueologia do Saber) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como Vigiar e Punir e A História da Sexualidade. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em três edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMj7>, e edição 364, de 06-06-2011, disponível em <http://bit.ly/k3Fcp3>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos Cadernos IHU em Formação, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à IHU On-Line 325, sob o título Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico, disponível em <http://migre.me/zASO>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/JyAH>. Confira a edição 343 da IHU On-Line, intitulada O (des)governo biopolítico da vida humana, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/bi5U9l>, e a edição 344, intitulada Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em <http://bit.ly/95QCgl>. (Nota da IHU On-Line)

volvidos para o consumo infantil impediram, encontramos também a *melhor* teoria sobre a infância e faz-se necessária uma contracultura, uma cultura da infância que propicie o surgimento de antiestruturas - termo cunhado pelo antropólogo Victor Turner - para que as crianças vivam suas infâncias de maneira onírica, polimorfa, não representacional, a seu tempo, como é seu direito. Mas para chegarmos lá a comunidade adulta de intelectuais que pensam a infância precisaria desapegar-se de seus referenciais mais arraigados, especialmente aqueles que fazem foco na cognição e nas formas de inteligência, bem como na metodologia baseada nos conceitos de projeção e na representacionalidade, para que o estudo da obra de Merleau-Ponty ganhe seu espaço nas disciplinas da educação infantil, psicologia e psicopedagogia.

### IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

**Marina Marcondes Machado** - Sim. Gostaria de terminar dizendo que a fenomenologia nos leva a uma via longa do conhecimento acerca das crianças. Ou seja, é um tipo de pensamento e ação que não nos leva rapidamente a nenhum lugar; não promove saúde nem tampouco cura; não quer gerar, de jeito nenhum, pedagogias eficientes ou edificantes. A via longa se recusa a responder “por quê?”, em nome de compreender o “como?”. Isso, somado à noção merleau-pontiana do *ser em situação*, desbanca muitas das promessas de resultados de transformação de comportamento, saltos, giros desenvolvimentistas e outras formas de psicologia e pedagogia centrados no adulto e que não levam em conta processos existenciais, nem tampouco “a dor e a delícia” de sermos o que somos. A infância é uma temporalidade deste tipo - de dores e delícias - e as crianças têm o direito de experienciá-la em seu ritmo e em seu estilo próprio. O mote da fenomenologia da infância é deixar a criança ser o que ela é, sem nunca deixá-la à deriva. Trata-se de uma espécie de arte *zen* a ser praticada em cada gesto e palavra, a cada acontecimento *entre* adultos e crianças, cotidiana e ordinariamente.

## “O homem no cerne do acontecimento vivo”

A partir da fenomenologia de Merleau-Ponty, o ser humano rompe com a inexperiência do mundo das “verdades prontas” e da “bidimensionalidade aprisionadora” para desvelar a profundidade, acentua Vitória Espósito

POR MÁRCIA JUNGES

**P**ara Vitória Espósito, a “atualidade do pensamento de Merleau-Ponty está em trazer elementos para a discussão e vivência de questões atuais do mundo contemporâneo, colocando-nos no cerne do acontecimento vivo. De estarmos sempre sendo com o outro na facticidade do mundo, de nosso corpo próprio e assim conscientes do caráter desse inacabamento, de nos vermos em nossa incompletude, seres históricos, enredados numa dialética sempre inacabada (homem/mundo)”. Passamos, então, a nos vermos frente ao abismo, mistério e lugar do sagrado. E completa: “com Merleau-Ponty apreendemos que a gênese dos atos de conhecimento se faz a partir do ‘corpo próprio’, rompendo a dicotomia homem/mundo”.

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, Vitória Espósito é mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP com a tese *A escola. Os processos institucionais e os universos simbólicos*. Professora da PUC-SP, escreveu, entre outros, *A escola. Um enfoque fenomenológico* (São Paulo: Escuta, 1993) e *Construindo o conhecimento da criança/adulto. Uma perspectiva interdisciplinar?* (São Paulo: Martinari, 2006). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais são os principais impactos e implicações da obra de Merleau-Ponty nos processos das ciências, em geral e da educação, em específico?**

**Vitória Espósito** - Em trabalhos e estudos por nós desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa Educação e Produção de Conhecimento (CNPq/PUC-SP), e da Cátedra Joel Martins, temos procurado tornar visível que a fenomenologia propõe uma verdadeira viragem epistemológica ao colocar no centro do inquérito não o conhecimento em si mesmo, mas aquele que conhece. Para tanto, interroga como nas situações vividas o conhecimento se mostra de forma significativa para aqueles que os experienciam conhecer.

A fenomenologia propõe, dessa forma, uma ordenação qualitativa em direção aos atos de conhecimento. Atos de conhecimento, na medida em que eles se dão em situação. No movimento da existência, no tempo e no espaço e na ação deste ser que face “ao mundo” enreda-se numa dialética sempre

inacabada (noema/noésis/noema). Implica essa perspectiva em resgatar o sentido original da palavra conhecimento (do latim *cum+gnosco*), uma apreensão conjunta, sendo esse o fundamento da vida mental e consciente. No entanto, historicamente temos contemplado uma interpretação fraca do termo como “informação” ou “representação”, em detrimento daquele considerado forte, pois criador (poiético) construído na “participação” e “realização conjunta”.

Com Merleau-Ponty apreendemos que a gênese dos atos de conhecimento se faz a partir do corpo próprio, rompendo a dicotomia homem/mundo. Esse movimento torna possível a apreensão de diferentes ordenações de mundo. Desse modo, o distanciamento é o elemento que nos permite capturar a profundidade. Profundidade que não pode ser confundida com a terceira dimensão do espaço objetivo. Como nos ensina Merleau-Ponty, profundidade é o suporte invisível da visibilidade, a estrutura. Não é coi-

sa nem ideia, mas a inteligibilidade de nascentes estruturações. É o que possibilita movimentações, apreensões diversificadas; torna possível ver outras formas, apreender interdisciplinaridades e transdisciplinaridades, novas estruturas de conhecimento, o rompimento com ordenações disciplinadoras. Possibilita recriar... transfazer.

**IHU On-Line - O que é um enfoque fenomenológico de currículo? Quais são os aspectos desse tipo de currículo que “dialogam” com o legado de Merleau-Ponty?**

**Vitória Espósito** - Em primeiro lugar, é preciso deixar claro que a fenomenologia é um modo de ver o homem, o mundo e as coisas que nele se mostram. É uma filosofia que traz em si um método próprio e visa dar acesso aos fenômenos que investiga - o método fenomenológico. Consideramos, ainda, que a fenomenologia encontra suas motivações ao buscar um acesso direto às estruturas essenciais e à

descrição dos fenômenos que são experienciados pela consciência, sem teorias sobre a sua explicação causal e tão livre quanto possível de pressupostos e preconceitos. Visa chegar à compreensão ou a um conhecimento de *primeira ordem*. Seu estudo, com Husserl, se faz contrastando-o ao positivismo, concepção filosófica hegemônica na segunda metade do século XIX. Este busca tal acesso investigando os “fatos objetivamente dados” a partir da ordenação proposta pelos métodos científicos; portanto um conhecimento de segunda ordem, pois não visa uma apreensão direta ao conhecimento, mas mediada. Dessa forma, difere da fenomenologia que interroga pelos fenômenos tal como eles se mostram nas descrições daqueles que o vivenciam (pré-reflexivo).

Retomando a questão da fenomenologia e currículo, consideramos que fazer currículo, à luz da fenomenologia, implica em não considerá-lo como um meio para determinado fim, e, sim, ver como este poderá ser construído pela escola ao qual se destina. Em apreender o mundo daqueles que lá estão, em interrogar pelos valores, crenças e desejos, enfim em ter acesso à realidade daqueles que lá estão. Currículo será então um projeto pedagógico, caminho a ser percorrido, que poderá gerar compreensões e vir a partir destas se constituir em elemento da estrutura e de uma cultura em desenvolvimento. Para subsidiar essa construção, poderão ser usadas descrições ingênuas, relatos das histórias de vida, de observação de movimentos e corpos, de forma a capturar os significados do mundo daqueles que lá estão. Significa ver a escola no mundo, no tempo e no espaço, numa certa cultura em transformação.

### Despertar da consciência

Conforme nos traz Joel Martins, à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty, esse modo de construir currículo implica em romper com o ideário de uma concepção causal e/ou idealizada, pois objetiva recuperar a crença na importância da consciência subjetiva e no valor da intersubjetividade. Solicita também, compreender a cons-

## “A fenomenologia nos abre para a necessidade de busca constante de apreender o mundo no seu movimento próprio”

ciência como atribuidora de significados, em resgatar o mundo-vida tal como este se apresenta para cada um de forma inalienável, em ver como ele se mostra “aí” (mundo), antes que a reflexão incida sobre ele.

Trata-se de buscar a essência do comportamento e da percepção interior presente nas experiências vividas e de considerar que a intencionalidade operativa pode nos oferecer ‘uma certa textura’ que emerge das significações já dadas, um aspecto fundamental da consciência que opera com o mundo no conjunto de seus diversos movimentos. A questão básica será, então, compreender qual é, em nós e no mundo, a relação entre sentido e não senso, uma vez que é visão comum aos fenomenólogos que a consciência use signos para expressar os significados que atribui. Nesse sentido, a maneira pela qual a consciência atribui significados indica que ela o faz a partir da forma como se relaciona com as estruturas já construídas pelos sujeitos investigados. Assim, uma estrutura mínima de crenças passa a existir, momento este em que há um despertar da consciência para alguma coisa (MARTINS, 1992, p. 92).

Considerando a pergunta: qual é o enfoque fenomenológico de currículo? Lembramos que Joel Martins publicou em 1992 o livro: *Um enfoque fenomenológico de currículo. Currículo como poiesis*, que no Brasil parece ser o primeiro volume na área, considerada até então, pouco precisa entre os educadores. Este livro hoje, um clássico em currículo, oferece-nos a oportunidade de situar uma visão de curriculum à luz da fenomenologia, um registro da resistência à tal concepção, considerada na época, pouco significativa por não apresentar uma perspectiva política. Mais ainda, tal livro ilustra a resistência encontrada à fenomenologia

nos estudos educacionais. Referia Joel Martins que a reação parecia ligada ao medo e à hostilidade em direção ao desconhecido, portanto, ainda não compreensível, uma pré-disposição cultural a ser superada. Consideramos que hoje já é consensual não se ver currículo apenas como um instrumento preestabelecido em decorrência de objetivos, métodos, conteúdos, avaliações. Currículo na acepção fenomenológica fala de vida; de uma situação de mundo; o mundo da educação, lugar onde estão localizadas a escola, a comunidade, a natureza, as coisas dentro da natureza mesma. Tudo isso lembra Martins, dentro de sua concepção de *consciência de* e da atribuição de significados por essa consciência. Constitui-se na produção de conhecimento a partir do experienciado, isto é, do mundo vivido pelo sujeito, considerado como um ser transformador (MARTINS, 1992, p. 88).

### IHU On-Line - Qual é a atualidade da fenomenologia desse educador para a educação do século XXI?

Vitória Espósito - Consideramos que a atualidade do pensamento de Merleau-Ponty está em trazer elementos para a discussão e vivência de questões atuais do mundo contemporâneo, colocando-nos no cerne do acontecimento vivo. De estarmos sempre sendo com o outro na facticidade do mundo, de nosso corpo próprio e assim conscientes do caráter desse inacabamento, de nos vermos em nossa incompletude, seres históricos, enredados numa dialética sempre inacabada (homem/mundo). Essa inconsistência, ao ser sentida e vivida como *consciência de*, inquieta-nos, amedronta e exige respostas, faz proposições, age, interfere. Essa forma de situar-se no mundo solicita o apoio de uma ética que considere a incessante busca de sentidos para o que há. Implica em se saber habitando o “entre”, o hiato que separa e une o mundo e as coisas que nele estão. Em ver-se frente ao abismo, ao mistério, ao lugar do sagrado. Colocando o homem no cerne do acontecimento vivo pela mediação do corpo próprio, a fenomenologia de Merleau-Ponty aponta para a possibilidade de rompimento com a in experiência do mundo

de evadir-se de verdades prontas e da bidimensionalidade aprisionadora, de desvelar a profundidade. Profundidade, berço do entre-si que, ao se mostrar, permite capturar outros perfis, perspectivas, deixando ver não só figuras, mas também formas que se mostram e se ocultam. Essa percepção de dimensões diferenciadas traz consigo também a percepção de valores, suscita o desejo de novas formas de ser e existir no mundo com o outro. Gera responsabilidades.

Na esteira do pensamento fenomenológico nasce a possibilidade de nos depararmos com o princípio da responsabilidade e da necessidade, enquanto seres humanos e educadores, de nos posicionarmos no mundo e atuar com cautela, tendo discernimento necessário. Solicita cuidados e uma séria disposição para mantermos o discernimento possível, pois nosso ver é incompleto, em perspectivas. Disposição em manter uma atitude de investigação, de análise e reflexão sobre si e o mundo como sendo (co-)responsáveis pela própria morada humana e pela existência do planeta.

Nessa perspectiva, a fenomenologia nos abre para a necessidade de busca constante de apreender o mundo no seu movimento próprio. Lembrando que é o mundo percebido o que nos situa em nossa existência. Busca assim, como *consciência de*, que nos vejamos situados no entrecruzamento, no quiasma entre o visível e o invisível, habitando o mistério.

### **IHU On-Line - Como avalia a questão do corpo e do mundo percebido a partir da obra de Merleau-Ponty?**

**Vitória Espósito** - Retomando a obra *Fenomenologia da percepção*, lembramos que Merleau-Ponty coloca alguns pontos os quais consideramos fundamentais para apreender a questão corpo e mundo percebido. Nela encontramos os elementos para a viragem epistemológica que se coloca como ponte indispensável para compreensão, na sequência de seus estudos, de certos termos como movimento, profundidade, reversibilidade, quiasma, o visível e o invisível e o de carne como matéria comum entre corpos videntes e corpos visíveis.

Dessa forma, em *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty contrasta o pensamento do empirista inglês de Bacon<sup>1</sup> (1561-1626) ao idealismo racionalista de Descartes (1596-1650). Vale lembrar que o empirismo dessa época considerava que o conhecimento advinha da experiência, enfatizando nesse pensar o método indutivo, pelo qual os fatos particulares são objeto de agrupamentos, experiências e comprovação para se chegar aos conceitos gerais, ao conhecimento. Ainda que esse modo de explicar as coisas se assentava em um modo de compreender o “mundo como algo já dado”. Dessa forma, o comportamento humano era visto como uma simples reação a estímulos externos captados pelos órgãos dos sentidos e registrados no cérebro como percepções. Nesse raciocínio, homem e mundo estão indelevelmente separados. Nessa concepção, o comportamento humano e o psiquismo reduzem-se às suas manifestações objetivas, a reações passíveis de verificação. O resultado, o homem deixando de ser responsável pelo mundo e, dele, irremediavelmente separado.

No segundo caso, o pensamento cartesiano estabelecia a primazia daquele que pensa sobre o objeto pensado, utilizando para isso o método indutivo. O mundo é algo a ser considerado pelo sujeito que o pensa; o comportamento humano é o resultante de uma consciência constituinte de natureza externa (divina) ao sujeito.

A partir dessas duas correntes do pensamento, considerou Merleau-Ponty que dadas as especificidade de cada concepção, embora diferentes, estas se completavam. Em ambas, o mundo era considerado algo que está aí. O homem, um ser não participante dessa construção, pois ele era algo “já dado”, e a existência em ambos ocorria de forma independente. Dessa maneira, perdia-se de vista a experiência perceptiva concreta, conexão imprescindível entre homem e mundo, síntese que somente seria encontrada posteriormente, por meio do “corpo

próprio”.

### **Corporeidade do corpo**

E como ocorre tal síntese? Merleau-Ponty considera que o mundo-vida (*Lebenswelt*) traz uma estrutura significativa que lhe é própria e fundada nas ordens humana, física e biológica. Coloca ainda a ideia de corpo próprio, corpo que é “carne” e que habita a “carne do mundo”. Considera ainda, que é com o corpo encarnado que o homem passa a ser visto como fundamento de uma espacialidade (síntese espacial). Ao reconhecer-se um corpo próprio, situado num determinado lugar do espaço (o presente), é que se viabiliza um afastamento. Afastamento como elemento decisivo que lhe permite projetar um duplo horizonte (o passado e o futuro), produzir movimentos, reversibilidades. Dessa forma, situado na corporeidade do corpo - o corpo encarnado - passa a ser assumido como ponto referencial; o espaço aberto, o vazio a ser habitado pelo corpo em movimento, o que lhe possibilita o existir dialético (homem-mundo).

Apreender esses três grandes momentos do pensamento filosófico e científico de Merleau-Ponty e seus desmembramentos foi crucial e serviu como ponto de referência para leitura que trazemos nesse momento.

### **IHU On-Line - Você delinearía alguma proximidade entre Paulo Freire e Merleau-Ponty? Por quê?**

**Vitória Espósito** - Penso que, se não há uma proximidade, não há também nada que a contradiga. Naturalmente, Merleau-Ponty foi um filósofo de grande expressão no seu tempo. Seu compromisso político, assim como o de Paulo Freire, foi uma característica que o marcou e a toda sua obra projetando-o no cenário de sua época. O mesmo se deu com nosso querido e sempre mestre Paulo Freire. Considero que a relação de proximidade entre ambos constitui-se um tema a ser estudado com o carinho e respeito que ambos merecem.

<sup>1</sup> Francis Bacon (1561-1626): político, filósofo e ensaísta inglês. Sua principal obra filosófica é o *Novum Organum*. (Nota da IHU On-Line)

## Kant e Merleau-Ponty: um debate entre filosofia e matemática

Contribuições de Merleau-Ponty à matemática são um de seus legados mais importantes, pontua Verilda Speridião Kluth. De acordo com a pesquisadora, a matemática pode “ser pensada como presença no momento de percepção”

POR MÁRCIA JUNGES

“**N**ão vejo nos pensamentos de Merleau-Ponty os mesmos princípios que regem a explicitação dos juízos sintéticos a priori de Kant, pois os juízos são imagens do mundo, enquanto que os núcleos de significação que compõem o primado do conhecimento em Merleau-Ponty são presença de mundo corporificada, relações orgânicas entre sujeito e mundo explicitadas na noção de corpo próprio como sujeito da percepção”. A explicação é da matemática Verilda Speridião Kluth, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. E completa: “O próprio Merleau-Ponty na introdução de seu livro *A fenomenologia da percepção* faz uma crítica à bilateralidade das relações sujeito e mundo posta em Kant, afirmando que a análise reflexiva, a partir da experiência do mundo, reconstitui a experiência para o sujeito como algo distinto dela e apresenta uma síntese universal como algo, sem o qual não haveria mundo”.

Licenciada e bacharel em Matemática pela Fundação Educacional de Bauru, Verilda Kluth é mestre e doutora em Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp, com a tese *Estruturas da Álgebra - investigação fenomenológica sobre a construção do seu conhecimento*. Docente na Universidade Federal de São Paulo - Unifesp e da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp, é presidente da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos - SE&PQ, além de membro da Sociedade Brasileira de Educação Matemática - SBEM. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais são as maiores contribuições de Merleau-Ponty ao estudo da matemática? Por que sua filosofia inspira o estudo dessa ciência?**

**Verilda Speridião Kluth** - A característica mais conhecida da matemática é a sua abstração. E o abstraído é entendido como algo que está fora do alcance, fora do campo de percepção, fora do campo das sensações. A matemática torna-se com isso uma disciplina estranha àquele que não a estuda ou a aplica em sua profissão.

É difícil reconstituir o caminho de volta que a põe no mundo. Muitas tentativas educacionais têm sido pensadas para apresentá-la ao público em geral de forma a ser compreendida, dada a necessidade dessa compreensão que é imposta pela nossa civilização, principalmente porque o conteúdo matemático traz em seu bojo uma abrangente aplicabilidade que perpassa não

só as relações comerciais e políticas, mas também a construção de conhecimento de outras áreas científicas, tonificando o obscurecimento de seus conceitos e processos. Muitas vezes as dificuldades em matemática afastam possíveis interessados nos estudos que dela dependem, contribuindo para o aprofundamento da cisão entre ciências exatas e ciências humanas.

A contextualização da matemática, que une a matemática constituída ao cotidiano das pessoas, tem sido um dos recursos didático-pedagógicos utilizados para a construção da aproximação entre o sujeito e a matemática.

### Núcleos de significação

Em meu entender, a principal contribuição dos pensamentos de Merleau-Ponty é o aprofundamento que realiza de algumas ideias husserlianas,

esclarecendo-nos um modo de compreender a construção desse caminho de volta ao evidenciar o enraizamento do primado do conhecimento na relação homem/mundo, e ao designar a percepção como a primeira camada do sentir.

Isso nos permite dizer de uma contextualização que, embora ainda esteja em concordância com a aplicabilidade da matemática, não só diz dela, mas também de aspectos ontológicos, extremamente necessários para compreendermos a construção do conhecimento matemático realizada pelo sujeito e para mantermos a autoctonia dessa ciência, tão importante no momento de avaliarmos sua aplicabilidade em termos da ética, da estética e da sustentabilidade.

Numa visão fenomenológica husserliana e merleau-pontyana, o termo contexto não se restringe às condições

externas, como, por exemplo, juros de um empréstimo, tampouco apenas ao potencial intelectual particular daquele que vive o acontecimento, saber calcular o juro ou ser capaz de aprender a calcular o juro. O contexto tem como fundante uma situação de acontecimento que possibilite a presença do núcleo de significação, do qual emerge a estrutura do juro. O contexto, assim entendido, caracteriza-se como coexistência de valores, como aquilo que legitima uma aplicabilidade compatível dos objetos matemáticos na vida das pessoas e nas ciências em geral.

A meu ver, os educadores matemáticos fenomenológicos que se orientam pelas ideias de Merleau-Ponty têm como uma de suas preocupações buscar a compreensão dos núcleos de significação que deram e dão, ainda hoje, origem aos objetos matemáticos, fazendo jus à contribuição que o autor nos deixou. Porque aí temos a possibilidade de conhecermos não só aspectos dos objetos matemáticos, mas também o que é sentido e pensado por aqueles que os vivenciam.

### **IHU On-Line - Em que consiste a investigação fenomenológica sobre a construção do conhecimento das estruturas da álgebra?**

**Verilda Speridião Kluth** - As investigações sobre *O que acontece no encontro sujeito-matemática?* e *Estruturas da álgebra - investigação fenomenológica sobre a construção do seu conhecimento*, ambas acessíveis em: <http://www.sepq.org.br/61.asp>, se entrelaçam.

Enquanto a primeira foca o momento em que a matemática se faz presente para o sujeito na relação homem/mundo e estuda como se dá o primado do conhecimento das noções de formas matemáticas, a segunda questiona como acontece a construção do conhecimento matemático formal ao longo do tempo, inserida em uma tradição. Nela as estruturas algébricas são colocadas em *epoché* pela interrogação: Como se revela o pensar no movimento da construção do conhecimento das estruturas algébricas?

Ela é uma investigação teórica que tece uma metodologia própria funda-

mentada na hermenêutica filosófica de Gadamer<sup>1</sup> posto em *Verdade e método* e no texto de Husserl intitulado *Die Urstiftung und das Problem der Dauer. Der Ursprung der Geometrie (O estabelecimento e o problema da duração. A origem da geometria)*. Os textos citados possibilitam a realização de uma análise intencional retrospectiva de obras sobre as estruturas matemáticas.

### **Novos horizontes**

Através dessa análise constatamos que os números complexos constituem um circunstancial propulsor das noções de estruturas matemáticas. Com isso pudemos evidenciar os números complexos como uma ontologia formal, descrição realizada por Husserl, como o primado das estruturas da álgebra.

A descrição da análise intencional retrospectiva torna-se, como parte dos procedimentos da investigação, o texto-solo para compreendermos o movimento da construção do conhecimento das estruturas da álgebra. Desse segundo momento de análise, chegamos a três categorias abertas: os modos de doação das estruturas da álgebra; as estruturas das presenças: estrutura da álgebra e ser humano; e o modo de ser matemático do ser humano.

Com a compreensão até aí elaborada sobre o movimento da construção do conhecimento das estruturas da álgebra tecemos uma articulação inspirada em Husserl, utilizando uma complementação à obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* intitulada *Schichten des Weltbewusstseins* - em português: *Camadas da consciência de mundo* e nos pensamentos de Merleau-Ponty sobre o *cogito*, em torno da interrogação: Como se revela o pensar no movimento da construção do conhecimento das estruturas algébricas?

Resumidamente, o pensar que se revela no movimento da construção do conhecimento das estruturas da álgebra

<sup>1</sup> Hans-Georg Gadamer: filósofo alemão, autor de *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13-03-2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da IHU On-Line número 9, de 18-03-2002, *Nosso adeus a Hans-Georg Gadamer*, disponível em <http://migre.me/Dtik>. (Nota da IHU On-Line)

não se trata absolutamente de um jogo, de uma articulação lógico-matemática de regras; ou de uma articulação puramente interpretativa/associativa de uma linguagem desvinculada da compreensão que é: presença das estruturas da álgebra em suas características fundamentais e presença do ser humano em seu potencial intuitivo/criativo. Ele diz de um olhar que o ser humano lança sobre o já conhecido, os números, que é novo porque vislumbra novos horizontes; porém, esses novos horizontes contemplam e têm raízes no conhecimento matemático historicamente instituído.

### **IHU On-Line - O que acontece no encontro sujeito-matemática? Há uma problematização de Merleau-Ponty sobre essa intersecção?**

**Verilda Speridião Kluth** - No texto *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty traz alguns exemplos matemáticos para esclarecer a elaboração de seu pensamento, mas ele não problematiza de forma direta o encontro sujeito-matemática.

Em meu entender, ele descreve o encontro sujeito-mundo. Esse encontro se dá na percepção, momento em que temporalidade e espacialidade se fazem presentes; é o tempo-lugar onde o sujeito está, em que o sujeito é sendo. Dessa forma, o encontro é abertura e doação de sentido (*Sinngebung*) de mundo. Nele se colocam presenças: homem e mundo. Presenças que se dão perfiladas. Perfis ou núcleos de significação de mundo que, ao serem incorporados no momento da percepção, tecerão a primeira camada de sentir o mundo, tendo como fundo o mundo percebido, entendido aqui como o mundo natural, o mundo cultural, os seres - semelhantes ou não - e o mundo em construção.

E como o real é um tecido sólido que não espera os nossos juízos ou nossas asserções para juntar a si os fenômenos, esse encontro é também um encontro do sujeito com os objetos da nossa cultura, com tudo aquilo que se põe como presença doando-se enquanto sentido de mundo. A matemática poderá, então, ser pensada como presença no momento de percepção. E a interrogação se coloca, pondo o encontro sujeito-matemática em *epoché*. Essa problematização, pensada aqui como pergunta norteadora

ra, é levantada e pesquisada na minha dissertação de mestrado.

Respondendo à questão “o que acontece no encontro sujeito-matemática?”, numa interpretação inspirada nas ideias de Merleau-Ponty, de depoimentos sobre atividades vividas por participantes de um curso para formação de professores de escolas Waldorf<sup>2</sup>: a matemática manifesta-se no corpo próprio e no mundo. O sujeito percebe-se como formas: geométrica e numérica, ora como formas percebidas, ora como formas sentidas e ora como formas produzidas.

Dá-se a percepção de estruturas de mundo que podem estar presentes tanto na matemática como na música, ou ainda no mundo natural, que reafirmam as possibilidades doadas à criatividade humana, engendradas pelos núcleos de significação de mundo.

### Sentido e existência

Perceber e sentir os núcleos de significação no já conhecido pelo sujeito - o retorno “às coisas mesmas”, como anunciado por Husserl e explicitado por Merleau-Ponty - abrem-se à compreensão em várias perspectivas; a construção da realidade vai se dando concomitante à construção do conhecimento no sentido de que a realidade não está descolada da aparência das coisas: ela é a armação de relações que diz respeito a todas as aparências.

Disso temos que, no mundo real, o sentido coincide com a existência, contraem-se relações a todos os momentos. Nas palavras de Merleau-Ponty: “o real distingue-se de nossas ficções porque nele o sentido investe e penetra profundamente a matéria”.

Como último destaque desta pesquisa, ao analisarmos o encontro sujeito-matemática, emergem modos de sentir a própria percepção da matemática. É nessa camada da construção do conhecimento, seguindo o pensar merleau-pontiano da exploração sensorial, que se constitui da vivência da unidade do sujeito e da unidade intersensorial do objeto, que temos a possibilidade de compreender o objeto matemático vivido - a unidade do objeto - na dimensão temporal e na dimensão espacial, ou seja, por evidências seus aspectos humanos em termos de comportamento rítmico,

## “Para Merleau-Ponty, a forma é uma configuração, é a própria aparição de mundo e não sua condição de possibilidade; com ela nasce uma norma; ela é a identidade entre exterior e interior”

métrico, criador, prazeroso, revelador, de equilíbrio e imaginativo que revelam a fisionomia da forma sentida. A forma produzida, aquela que é construída ou posta em desenho, revela uma fisionomia de desafio, favorável a abdução e imaginação cinética. Por outro lado, na unidade do sujeito revela-se uma unidade que não é real. Ela está no horizonte da experiência e a subjetividade só é encontrada em estado nascente na temporalidade, que é a camada primordial em que nascem as ideias. Ao vivê-las o sujeito sente-se seguro.

### IHU On-Line - Como se dá o diálogo entre a filosofia da educação matemática em relação às grandes perguntas ontológicas e epistemológicas da filosofia?

**Verilda Speridião Kluth** - Embora perceba laços entre as perplexidades destacadas nas interrogações da filosofia e da filosofia da educação matemática que se referem a perguntas ontológicas, epistemológicas - principalmente aquelas que procuram elucidar a construção do conhecimento matemático tanto do ponto de vista da construção que o sujeito realiza nos processos educacionais como a construção realizada no movimento das tradições -, eu penso que o principal elemento que une as duas áreas de forma significativa e que sustenta os diálogos possíveis é o modo como elaboram a busca de compreensão ou explicitação do perguntado.

Evidencio aqui o modo de construir trajetórias de compreensão que diz

do pensar filosófico como um pensar interrogativo, analítico, crítico e reflexivo sobre ocorrências, textos, propostas, realizações que permeiam as atividades humanas.

Em particular, na filosofia da educação matemática, as ocorrências, os textos, as propostas e as realizações estão contextualizadas no movimento que vai se dando e se dando como constituído no seio da educação matemática; e de seus efeitos para a sociedade. Ao ser tecida uma reflexão sobre essa realidade, poderá vir a ocorrer não só um diálogo entre perguntas levantadas pela filosofia, mas também por compreensões elaboradas por ela que iluminam caminhos de busca e que fornecem respostas ou parte delas às perguntas formuladas pela educação matemática, como num círculo hermenêutico sustentado por um pensar filosófico.

Por exemplo, a pergunta “o que acontece no encontro sujeito-matemática?” já tem em sua constituição a afirmação de que tal encontro acontece. A legitimação dessa afirmação vai ser explicitada numa perspectiva filosófica para que a própria pergunta ganhe peso e profundidade.

Por outro lado, ao estarmos inseridos no contexto da educação matemática, imbuídos do modo filosófico de se aproximar do mundo, poderemos formular perguntas filosóficas referentes às ocorrências desse contexto específico indagando: o que elas são, como elas se dão; por que são o que são, o que fazer ou ainda perguntas de cunho filosófico sobre os sujeitos que vivem essas ocorrências. Portanto, é o modo de pensar filosófico que coordena a investigação e que se revela no modo de perguntar e de buscar.

### IHU On-Line - É possível apontar uma influência de Immanuel Kant e seus juízos sintéticos *a priori*, possíveis na matemática, no pensamento de Merleau-Ponty?

**Verilda Speridião Kluth** - Bem, essa é uma pergunta interessante e bastante complexa. Para respondê-la terei que retomar alguns aspectos da teoria kantiana tecendo um paralelo com a teoria merleau-pontiana. Não há como negar que Kant<sup>2</sup> deixa um legado muito impor-

<sup>2</sup> Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano.

tante para o desenvolvimento da fenomenologia ao distinguir a coisa em si do fenômeno. Ele nos faz ver que não podemos apreender nenhuma coisa como existente se nós não nos experimentarmos existentes ao apreendê-la. Assim, o ato de ligação é visto como o fundamento do ligado, portanto a unidade de consciência é contemporânea à unidade de mundo. Com isso podemos entender que em Kant o primado da construção do conhecimento é a experiência.

Quando não consideramos a descrição kantiana de como se dá a experiência, poderíamos dizer que aí haveria uma confluência entre aquilo que Kant compreende por experiência e aquilo que Merleau-Ponty vai descrever como vivência; aquilo que Kant descreve como juízos sintéticos *a priori* e os núcleos de significação, oriundos da descrição da percepção em Merleau-Ponty, que estão em sintonia com a unidade primordial posta na “reflexão noemática” de Husserl.

O próprio Merleau-Ponty, na introdução de seu livro a *Fenomenologia da percepção*, faz uma crítica à bilateralidade das relações sujeito e mundo posta em Kant, afirmando que a análise reflexiva, a partir da experiência do mundo, reconstitui a experiência para o sujeito como algo distinto dela e apresenta uma síntese universal como algo, sem o qual não haveria mundo.

Em contrapartida, para Merleau-Ponty, o mundo está ali antes de qual-

quer análise que possamos fazer dele. O real deve ser descrito, e não podem ser incorporadas à percepção as sínteses que são da ordem do juízo, dos atos ou de predicação.

Nas palavras de Merleau-Ponty, no texto acima referido, “A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explicitadas. (...), o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece”.

### Juízos sintéticos *a priori*

Vejamos agora, por meio de exemplos, como essas duas formas de pensar o como se dá a experiência de mundo vão constituir seus esquemas explicativos do como se dá a construção do conhecimento matemático, em particular como se “chega” ao triângulo ou ao número.

Para Kant, podemos traçar um triângulo na nossa imaginação sem nenhuma interferência essencial dos sentidos externos, ou seja, sem qualquer interferência do mundo. Precisamos apenas [da intuição] *espaço* que nos é dado pela sensibilidade pura. Como qualquer triângulo traçado é imperfeito, é a imaginação, faculdade intelectual, que nos permite obter a imagem do conceito de triângulo, que é uma imagem idealmente perfeita. O conceito de triângulo é, assim, o de uma figura plana limitada por três segmentos de reta, apresentada no espaço, por meio de uma construção temporal, um exemplo arbitrário de triângulos.

Da mesma maneira nós nos representamos os conceitos numéricos na intuição pura do tempo. Por exemplo, o conceito de sete (7) é intuitivamente representado por uma sequência de sete instantes em sucessão temporal. Há a possibilidade de espacializarmos essa representação, ao imaginarmos os instantes como pontos. Representando assim os momentos de retenção dos instantes na memória, obtendo o número cardinal.

Para Kant as verdades matemáticas,

conceitos e asserções, são sintéticos, ou seja, aqueles que não são analíticos, nos quais a ideia denotada pelo sujeito contém a ideia representada pelo predicado; e também são *a priori*, ou seja, prescindem de dados empíricos. Sua teoria não dá conta de explicitar toda a matemática. Como, por exemplo, uma figura de muitos lados ou um número muito grande.

### Distanciamento

Para Merleau-Ponty, a forma é uma configuração, é a própria aparição de mundo e não sua condição de possibilidade; com ela nasce uma norma; ela é a identidade entre exterior e interior. Esses pensamentos quando assumidos para explicitar a construção do conhecimento matemático leva-nos a afirmar que o triângulo, é uma configuração cujos elementos: lados, ângulos e vértices possuem valores sensoriais que são determinados por suas funções no conjunto. Assim, os três segmentos de reta tornam-se lados do triângulo ao fundar três vértices, e os pontos de encontro dos segmentos de reta tornam-se vértices ao fundar lados. Dá-se assim, o nascimento de uma norma. O triângulo, agora como um objeto percebido é a identidade entre aquele que percebe e o mundo que se mostra.

O mesmo se dá ao pensarmos as formas numéricas, uma explicitação já posta em Husserl a partir da ideia de ser os números uma pluralidade determinada. Não vou me ater a isso. Ao articularmos as ideias de Merleau-Ponty com o corpo de conhecimento matemático, vemos ser explicitada a percepção de mundo como o primado de seu conhecimento numa concepção fenomenológica de homem e de mundo.

Não vejo nos pensamentos de Merleau-Ponty os mesmos princípios que regem a explicitação dos juízos sintéticos *a priori* de Kant, pois os juízos são imagens do mundo, enquanto que os núcleos de significação que compõem o primado do conhecimento em Merleau-Ponty são presença de mundo corporificada, relações orgânicas entre sujeito e mundo explicitadas na noção de corpo próprio como sujeito da percepção.

no, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrh>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNru>. (Nota da IHU On-Line)

## O olhar criador a partir de Merleau-Ponty

Conceitos do filósofo francês inspiraram o trabalho da artista plástica Carmen Sylvia Guimarães Aranha, que afirma que a pintura sempre celebra o enigma da visibilidade

POR MÁRCIA JUNGES

“**P**ara nos aproximar do olhar que tece o conhecimento criador e objetivando trazê-lo à luz no seu sistema de correlações, apropriei-me de alguns conceitos refletidos por Merleau-Ponty nas suas discussões sobre conhecimento estético. Essa apropriação ofereceu instrumentais reflexivos para a escolha de artistas e obras que podem nos dar a visibilidade procurada para os fenômenos interrogados na compreensão e interpretação do olhar criador”. A declaração é da artista plástica Carmen Sylvia Guimarães Aranha, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. E completa: “Instrumento que se move por si mesmo, meio que inventa seus próprios fins, o olho é aquilo que foi comovido por um certo impacto do mundo e que o restitui ao visível pelos traços da mão. Seja qual for a civilização em que nasça, sejam quais forem as crenças, os motivos, os pensamentos, as cerimônias de que se cerquem e, mesmo quando parece fadada a outra coisa, desde Lascaux até hoje, pura ou impura, figurativa ou não, a pintura jamais celebra outro enigma a não ser o da visibilidade”.

Graduada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP, Carmen é mestre e doutora em Educação, respectivamente, pela Universidade de Boston, Estados Unidos, e pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP com a tese *A arte visual na sala de aula*. É livre-docente pela Universidade de São Paulo - USP, onde é professora do Museu de Arte Contemporânea. É autor de *Exercícios do olhar. Conhecimento e visibilidade* (São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Unesp/Funarte, 2008). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em que consiste uma fenomenologia do conhecimento visual?**

**Carmen S. G. Aranha** - Consiste numa compreensão dos sentidos da criatividade artística. Quando o indivíduo é criativo? Como deflagrar a criatividade no ser humano? Como situar esse fenômeno do espírito humano? Nessas perguntas reside em parte uma resposta na qual a fenomenologia permitirá a aproximação.

Ao trabalhar com estudantes de artes plásticas durante doze anos, percebi que a liberdade criadora emerge, inúmeras vezes, da inspiração. Na sua ausência, os alunos apresentavam certa dificuldade no desenvolvimento de trabalhos que projetassem interrogações próprias e, por decorrência, produzissem pesquisas artísticas genuínas. E então, como deflagrá-la na sala de aula? Compreendi, pouco a pouco, que o exercício fundamental seria encontrar relações no tecido da cultura. Verificamos também que o olhar, sín-

tese da cultura, poderia tornar visível essa etérea linha decisiva. O exercício fundamental seria o exercício do olhar e a criatividade plástica seria somente uma das maneiras de codificar a cultura, no caso em questão em materialidades próprias das artes visuais. Assim, minha investigação dirigiu-se às relações que o olhar podia criar com os objetos artísticos, ou melhor às relações visuais de fenômenos estéticos, reveladas pelas obras de arte.

Para nos aproximar do olhar que tece o conhecimento criador e objetivando trazê-lo à luz no seu sistema de correlações, apropriei-me de alguns conceitos refletidos por Merleau-Ponty nas suas discussões sobre conhecimento estético. Essa apropriação ofereceu instrumentais reflexivos para a escolha de artistas e obras que podem nos dar a visibilidade procurada para os fenômenos interrogados na compreensão e interpretação do *olhar criador*.

**IHU On-Line - Qual é a influência de Merleau-Ponty nessa concepção especificamente?**

**Carmen S. G. Aranha** - Talvez, possamos, ao definir o *olhar criador*, compreender as influências pontyanas nesse tipo de pesquisa. Por exemplo, sabemos que a visão de algo nem sempre estrutura um conhecimento visual de mundo. Assim, buscamos em Merleau-Ponty alguns aspectos reflexivos que pudessem nos ajudar na aproximação desse fenômeno. Em primeiro lugar, o filósofo reflete sobre o *olhar o mundo* afirmando que é preciso fundar esse olhar em um pensar, ou seja, aliá-lo a um pensamento que “desmancha o tecido da tradição da razão, puxando seus fios com argumentos sobre não coincidências e irrazões”.

Tentando compreender essas colocações, pensamos então em um olhar que fizesse correlações visuais no mundo e, ao mesmo tempo, se intencionasse longe das observações absolutas: um olhar

que interpretasse esse mundo sem distanciamentos entre seus sujeitos e objetos, sem modelos pré-dados e, acima de tudo, longe de interpretações inadequadas à descrição do conhecimento visual de mundo. Outro aspecto da organização de um olhar livre para criar é que esse não se oferece com uma clareza imediata, nem é reconhecido diretamente na obra artística. Na construção da linguagem criadora, num primeiro momento, só temos indícios de fenômenos estéticos percebidos no mundo, de forma que o ato de olhar deve ser um ato de construção motivador: “como numa tapeçaria, numa renda, num quadro ou numa fuga, nos quais o motivo puxa, separa, une, enlaça e cruza os fios, traços e sons, configura um desenho ou tema a cuja volta se distribuem os outros fios, traços ou sons, e orienta o trabalho do artesão e do artista”.

Situada por Merleau-Ponty, a origem criadora é uma “racionalidade alargada: não o que é razão, mas aquilo que é antes da razão”. Quando o filósofo fala em um olhar que é pensamento, está referindo-se a um olhar junto a “um pensar não como a posse da ideia, mas como a circunscrição de um campo de pensamento”. Isso quer dizer que, nessa construção, os movimentos da criação visual pairam na matéria como estruturas do *olhar-pensar* em exercício.

### IHU On-Line - Quais são as grandes proposições desse autor para o diálogo entre filosofia, arte e educação?

**Carmen S. G. Aranha** - É uma questão que envolve um poder de síntese que teríamos que ter mais tempo para construí-lo, mesmo porque Merleau-Ponty cria um sistema filosófico em relação à arte, à linguagem, à política, e, ao refletir sobre esses aspectos, entrelaçá-los com a movimentação filosófica do seu pensamento. Ao adentrarmos a dimensão, percebemos uma visão de mundo, um modo de estar aqui. Não poderia realizar essa tarefa neste espaço. Entretanto, parece-nos que alguns instrumentais da filosofia fenomenológica na construção da aproximação do fenômeno *criatividade e visualidade* podem ser pontuados.

Cito a seguir três aspectos esclarecedores tanto para o estudante de

arte como para o professor da área e até mesmo para o artista plástico.

### O corpo reflexivo

Os conceitos existem através das experiências que temos deles. Uma experiência significativa aloja-se no ser como um acontecimento, diz Merleau-Ponty.

“Um corpo humano aí está quando entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do sensiente-sensível, quando se inflama o que não cessará de queimar, até que um acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente teria bastado para fazer”.

Esse acidente se dá no “corpo-reflexivo” e constituirá o lugar que aloja motivações vividas e refletidas no discurso da consciência, ou seja, essas movimentações formam um solo sensível como um panorama de percepções que, no caso da apreensão estético-visual, são cifradas em visualidades. Merleau-Ponty situa o conhecer fenomenológico na movimentação do corpo-reflexivo, operante, habitado por uma consciência com janelas para o mundo, os olhos: “Meu olhar se move, meu corpo se move, me aproximo do mundo por essas movimentações e vejo que o movimento é parte da visão”. Nessa movimentação, “o vidente vai se abrindo para o visível”. Mas, ao mesmo tempo, “o ser é vidente e visível, olha para todas as coisas e seres e é olhado. Nessa troca, acaba se reconhecendo no que está vendo, como se as coisas pudessem despertar-lhe em um eco de visualidades”. O que é olhado transforma-se em um desenho no ser e todas as qualidades das coisas do mundo passam a reverberar no indivíduo que se expressa com a arte, olha o mundo e vê o que lhe falta para ser obra. O fazer artístico criador busca o olhar com um pensar que recorta o mundo. Isso deflagrado, a linguagem nos permite interceptar a criatividade na obra.

### Aproximação do fenômeno

A noção de percepção fenomenológica oferece os movimentos da consciência no corpo reflexivo que possibilita

correlações entre os fenômenos visuais apreendidos nas coisas do mundo: as luzes modificam formas, a linha modifica sua primitiva direção, os materiais oferecem outras materialidades. Essas correlações de fenômenos situam, por exemplo, a ideia de que “um gesto difere de uma soma de movimentos”.

O fenômeno da vida aparece no momento em que a extensão de um corpo, pela disposição de seus movimentos e pela alusão que cada um faz a todos os outros, volta-se sobre si mesmo e começa a expressar alguma coisa, a manifestar um interior sendo exteriorizado”.

Podemos dizer que o sentido apreendido é um fenômeno desvelado pelo ser que se dirige às relações entre os diversos movimentos do corpo ou mesmo ao intervalo das positivities do mundo. De acordo com Merleau-Ponty, a ideia refere-se à consciência que projeta um novo meio em direção ao mundo e, assim, passa a ser integrada à dialética das ações e reações.

“Enquanto que um sistema físico se equilibra em relação às forças dadas pelo meio e um organismo animal constrói um meio estável para si mesmo correspondendo às necessidades e instintos, o trabalho humano inaugura uma terceira dialética que projeta objetos de uso - roupas, mesas, jardins - e objetos culturais - livros, instrumentos musicais, língua -, que constituem o próprio meio do homem e trazem novos ciclos de comportamentos: *situação percebida-trabalho*, diferentemente de comportamentos relativos ao par situação vital/reação instintiva.

No momento em que forças físicas chegam ao corpo, em vez de passarem através dele e liberarem respostas automáticas, são acompanhadas por uma consciência de si mesmas que as dissipa num centro de indeterminação que torna o ser capaz de ação própria. A zona dessas possíveis ações será marcada em detalhe pela percepção. Entretanto, a compreensão da dimensão da percepção fenomenológica ainda demanda uma reformulação da noção de consciência.

### Cogito fenomenológico

Merleau-Ponty, ao final da *Fenomenologia da percepção*, diz que “sua vida,

constantemente, se dirigiu às coisas transcendentais: os objetos do mundo tornam-se transcendentais à medida que se oferecem para ser compreendidos e interpretados em seus sentidos e em suas correlações. Mas, mesmo assim, ao situar os objetos em relações significativas, muitas vezes, fazemos afirmativas vagas sobre sua existência”.

O filósofo evoca, então, o *cogito* cartesiano em contraponto ao *cogito* fenomenológico afirmando que, ao estruturar o conhecimento humano, o primeiro provoca uma divisão entre percepção e razão porque descarta, diferentemente do último, a experiência-vivida pelo ser como gênese de um conhecimento que, ao mesmo tempo, é contato com a coisa, é consciência e é construção do imaginário.

Razão e percepção precisam necessariamente serem tomadas simultaneamente e serem apresentadas uma a outra sem nenhuma distância intermediária, numa intenção indivisível. Todo pensamento de alguma coisa é, ao mesmo tempo, consciência de si mesmo; isso falhando não se pode ter objeto. A experiência humana não é uma coleção de eventos psicológicos dos quais o “eu” é meramente um nome ou uma causa hipotética. “A experiência humana deve ao evento”.

Na raiz de todas as nossas experiências e reflexões encontramos, então, um ser que imediatamente se reconhece, porque é o conhecimento de si mesmo e de todas as coisas que possibilita conhecer sua própria existência, não pela observação de um fato dado, nem pela interferência de alguma ideia de si mesmo, mas pelo contato direto com o mundo.

Consciência de si é a própria essência da mente em ação. O ato pelo qual me torno consciente de alguma coisa precisa ser apreendido no próprio momento no qual está sendo realizado; de outro modo, sofreria um colapso.

Em síntese, a percepção é um ato do conhecimento que se origina com os sentidos apreendidos na experiência vivida pelo sujeito com os objetos de uso criados pelo homem. O campo perceptivo é composto por correlações, e essa compreensão, de acordo com Merleau-Ponty, é própria do pintor. Sendo seu mundo de visualidades, a experiência fica gravada

como cifras do visível.

Instrumento que se move por si mesmo, meio que inventa seus próprios fins, o olho é *aquilo* que foi comovido por um certo impacto do mundo e que o restitui ao visível pelos traços da mão. Seja qual for a civilização em que nasça, sejam quais forem as crenças, os motivos, os pensamentos, as cerimônias de que se cerquem e, mesmo quando parece fadada a outra coisa, desde Lascaux<sup>1</sup> até hoje, pura ou impura, figurativa ou não, a pintura jamais celebra outro enigma a não ser o da visibilidade.

### IHU On-Line - De que forma esse diálogo se dá em sala de aula?

Carmen S. G. Aranha - Parte da investigação sobre o olhar se funda na procura de estruturas que contribuam para a formação do conhecimento visual genuíno e repercutam nos processos do fazer artístico do estudante. Assim, nossa pesquisa levou-nos a algumas ideias-guias que auxiliam a compreensão de como o olhar se constrói em processos da educação e arte. Sob as asas de algumas frases-síntese, apontamos para algumas orientações baseadas em nossa própria experiência em relação à expressão criadora que pende das movimentações do “ver-pensar-fenomenológico”.

### Ver é habitar o corpo e cifrar experiências

O corpo operante se movimenta no espaço da experiência. O ver se move no movimento do corpo, e os deslocamentos tencionam e inquietam o ser, penetram na atmosfera da consciência projetando traçados essenciais ou cifras visuais da vivência própria. É nesse movimento tencionado e inquietante que a ordem vicária vai se dissolvendo, que um princípio de desordem se instala para logo adiante se recompor em nova ordem, mais pessoal, reflexo de uma experiência visual genuína.

### Ver é perceber os códigos e correlacioná-los

<sup>1</sup> Lascaux: complexo de cavernas ao sudoeste da França, famoso pela suas pinturas rupestres. A disposição da caverna, cujas paredes estão pintadas com bovídeos, cavalos, cervos, cabras selvagens, felinos, etc., permite pensar tratar-se de um santuário. (Nota da IHU On-Line)

Nessa formação, a percepção carrega-se de sentidos visuais, ou seja, as tensões e inquietações codificam-se em elementos formais das artes visuais: linhas, formas, cores-luzes, materiais e técnicas. Essa codificação em cifras visuais são os próprios indícios para que um sistema de correlações se estabeleça como possibilidade de construção da linguagem, ou seja, ordene as linhas para engendrar as formas, ordene as formas e cores-luzes para engendrar os espaços, os espaços para engendrar as espacialidades, volúminidades e profundidades; os materiais e as técnicas para engendrar as materialidades e as novas técnicas, as novas expressividades, as novas linhas, novas formas, novas cores-luzes, novos espaços, novas espacialidades...

### Ver é dialogar

A possibilidade da construção da expressão visual-plástica atual reflète-se em muitos diálogos, um deles, nas linguagens artísticas nas mais diversas formas e nos mais variados conteúdos da arte. Ou seja, a visão e o corpo operante movimentam-se com as origens da linguagem artística caracterizando seus elementos espelhados em transformações da própria arte.

A codificação do ver se dá com a aproximação dos elementos da linguagem por meio do fazer artístico como uma possibilidade de construção de expressão genuína. A codificação torna-se olhar com sua movimentação no fazer artístico de sínteses das tensões e inquietações visuais.

A origem do olhar criador com a expressão criadora atual se dá no fazer artístico de correlações entre as tensões da razão construtiva, razão conceitual, expressividade perceptiva e simbólica.

### IHU On-Line - Em que medida a filosofia de Merleau-Ponty nos ajuda a compreender a arte moderna?

Carmen S. G. Aranha - Segundo alguns autores, a filosofia de Merleau-Ponty está somente adequada às interpretações que envolvem a arte moderna. Seus preceitos se formam baseados em estruturas de pensamento que querem superar o distanciamento entre o sujeito

e o objeto, legado esse que as ciências humanas tomaram das ciências exatas a partir de certos modelos baseados na física do século XVII com desdobramentos para o positivismo que assola todas as ciências no final do século XIX.

A superação da divisão sujeito/objeto em Merleau-Ponty se dará por meio de algumas perguntas radicais que situarão o ser em um corpo que reflete sua consciência. Afirma seu conhecimento com os sentidos advindos de suas vivências e afirmará que o ato que não se coloca à parte do fim ao qual está dirigido é o ato perceptivo, ou seja, a percepção e o percebido necessariamente têm uma modalidade essencial, pois ela está na consciência de alguma coisa, ou seja, na consciência que se intenciona nas coisas do mundo. Merleau-Ponty afirma que o conhecimento humano se dá com um pensar que não se dirige ao mundo como um objeto em si ou como uma impressão que se possa ter dele: *cogitar* é um ato de compreensão-interpretção dos significados do mundo, de suas estruturas ou de arranjos espontâneos de suas partes. “Ao nos dirigirmos aos objetos transcendentos não estamos tendo atos de introspecção, atos intuitivos ou fazendo alguma conversão irracional ou ocultista”.

“Na raiz de todas as nossas experiências e reflexões encontramos, então, um ser que imediatamente se reconhece, porque é o conhecimento de si mesmo e de todas as coisas que possibilitam conhecer sua própria existência, não pela observação de um fato dado, nem pela interferência de alguma ideia de si mesmo, mas pelo contato direto com o mundo”.

Esse modo de se situar no mundo de uma maneira una, nascendo nas coisas, traz no seu bojo uma concepção moderna porque arte e vida estarão juntas a partir do nascimento da linguagem artística pós-idade mimética. A arte moderna será um manifesto constante do homem ligado aos problemas dessa vida que o mundo moderno estava trazendo. Entretanto, determinadas noções pontyanas, a meu ver, são perfeitamente atuais e descrevem com muita pertinência certos atos de conhecimento na contemporaneidade.

## Destacar o sensível das relações para aprender melhor o sentido das experiências

Esse era, aliás, o lema inicial da fenomenologia, “voltar às coisas mesmas”, frisa Reinaldo Furlan

POR MÁRCIA JUNGES E THAMIRIS MAGALHÃES

“C reio que assistimos a uma crise de pensamento, onde as filosofias ou determinados saberes das ciências humanas são usados como ferramentas teóricas consolidadas no enfretamento da realidade, quando se deveria fazê-las ‘tremer’ com a própria experiência, para o que sempre favorece o diálogo crítico com outras perspectivas de pensamento. Se não, para usar um termo de Deleuze-Guattari, o pensamento se torna sedentário, fixo, estratificado, o que vai a contrapelo de sua própria filosofia”, afirma Reinaldo Furlan, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Ao se referir a Merleau-Ponty, o professor destaca que, desde o princípio, Ponty, “através de uma filosofia da percepção, e não da consciência, fez a inflexão que tornou possível sua aproximação da noção de inconsciente, sem que ela representasse por princípio um impedimento de sua própria filosofia”.

Reinaldo Furlan possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas, mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Atualmente é professor da Universidade de São Paulo - USP. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como acontece o enlace entre expressão, linguagem e subjetividade na filosofia de Merleau-Ponty?**

**Reinaldo Furlan** - É tema para uma tese. São noções-chave ou de grande alcance e que sofreram mudanças ao longo de sua obra. Posto isso, apenas para anunciar de forma mais esquemática um princípio de encaminhamento a essa questão, talvez possamos privilegiar na filosofia de Merleau-Ponty a noção de expressão como referência básica às demais. Afinal, a fenomenologia, como o próprio nome sugere, implica a investigação do sentido fundamental do fenômeno, isto é, do aparecer das coisas ou da abertura de mundo para nós - visto que as coisas

se revelam sempre num horizonte de mundo. Claro que um “sujeito” se encontra implícito ou implicado nas estruturas desse aparecer, mas definir o seu sentido também faz parte da elucidação do sentido do próprio aparecer. Ora, como destaca Thévenaz, a fenomenologia, enquanto “escola” ou corrente de pensamento inaugurada por Husserl, consiste mais na retomada sucessiva dessa tarefa de elucidação da experiência originária de mundo (sua abertura) do que na instalação de princípios básicos comuns a seus autores. O próprio Husserl, como destaca Merleau-Ponty, sentiu intermitentemente a necessidade de um novo recomeço, como se a fenomenologia estivesse sempre por se iniciar. Ou seja, como

diz Merleau-Ponty, nada é mais difícil dizer do que é isso que nós vemos, o que é outra maneira de afirmar o princípio fundamental de uma teoria da expressão.

Quanto à linguagem, que é uma forma privilegiada de expressão e com a qual a filosofia se realiza, a questão é saber em que medida ela brota nos interstícios da expressão sensível (percepção), provocada ou estimulada por esta, e em que medida ela participa da estrutura da própria percepção. Essa questão assumiu diferentes contornos em sua obra, mas é notável a importância crescente da linguagem em sua filosofia. Em que pese isso, Merleau-Ponty jamais assumiu a exclusividade da linguagem na formação de nosso sentido de mundo. Também é notável sua aproximação da linguagem literária, mais apta, segundo ele, para expressar nossa relação originária com as coisas, uma expressão, vale notar, que toma o sensível como protótipo ao mesmo tempo em que é a criação do seu próprio sentido. Isso porque a literatura, assim como a pintura, diz Merleau-Ponty, não tem a pretensão de possuir qualquer de seus sentidos como a um objeto definido e delimitado. Como se sua capacidade expressiva fosse justamente a de abrir um campo de pensamento, ser “matrizes de ideias”, inseparáveis da maneira de sentir ou ser no mundo. Da mesma forma, para ele o Ser (bruto) só se mostra mantendo-se à distância como horizonte inobjeto do sentido das próprias coisas, ou ainda, como horizontes de mundo que se passam entre si, que se invadem ou se tocam docemente, como um sistema aberto de reenvios de sentidos para a configuração de mundos.

### IHU On-Line - Como situar a filosofia de Merleau-Ponty entre a psicanálise e a filosofia de Wittgenstein?

**Reinaldo Furlan** - Nesse caso, é mais fácil estabelecer sua relação com a psicanálise, que explicitamente foi incorporada em sua obra, sempre de maneira crítica. O grande interesse em se cotejar a filosofia de Merleau-Ponty com a psicanálise encontra-se, em primeiro lugar, sobre a noção de inconsciente, afinal, a fenomenologia se estabeleceu com Husserl através de uma nova concepção de consciência, ou como uma filosofia da consciência. Ora, como nota Nelson Coelho, desde o princípio Merleau-Ponty, através

## “A literatura, assim como a pintura, não tem a pretensão de possuir qualquer de seus sentidos como a um objeto definido e delimitado”

de uma filosofia da percepção, e não da consciência, fez a inflexão que tornou possível sua aproximação da noção de inconsciente, sem que ela representasse por princípio um impedimento de sua própria filosofia. O que assistimos ao longo de sua obra, então, foi o acolhimento mais radical da noção de inconsciente, sem abandonar a prioridade do sentido percebido. Esquemáticamente, se em *Fenomenologia da percepção* encontramos uma versão bastante mitigada da noção de inconsciente através da noção de *cogito* tácito, isto é, como horizonte de sentido de uma vida, muito mais amplo do que os seus sentidos colocados em tese, ao final de sua obra encontramos a noção de inconsciente como princípio de organização da própria percepção, não separado dela, como se fosse outro lugar, tal como supõe a psicanálise através da ideia de divisão do aparelho psíquico, mas como armação no próprio sentido percebido. Nesse sentido, Merleau-Ponty diz que o inconsciente não é o que está atrás e sim o que está à frente. Ele passa a ser, assim, padrão perceptivo, estabelecido ou modificado através da práxis ou das relações com os outros. Por isso ele diz que “as decisões mais fundamentais de uma vida não são de momento”, ou “que não se decide fazer, mas deixar-se fazer”, frisando com isso que a mudança ocorre mais na estrutura ou forma de ver e sentir do que no nível do sentido que se destaca.

### Um discurso filosófico próprio sobre a realidade

No caso da filosofia de Wittgenstein<sup>1</sup>, o

<sup>1</sup> Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas

grande interesse em seu cotejamento com a filosofia de Merleau-Ponty encontra-se sobre a possibilidade ou não de um discurso filosófico próprio sobre a realidade. *Grosso modo*, Wittgenstein, assim como Foucault, e na esteira de Kant, entende a atividade filosófica como um exercício de esclarecimento de nossas formas de pensar e ser no mundo, pois a linguagem, como ele diz, faz parte de uma forma de vida. Ou seja, os significados da linguagem são definidos pelos usos das palavras, pela forma como são empregadas, configurando, assim, determinada situação ou atividade linguística, e por isso a linguagem é uma forma de viver. Ora, isso tudo, *grosso modo*, é bastante coerente com a filosofia de Merleau-Ponty, e poderíamos, com isso, traçar muitos paralelos entre suas filosofias. Ocorre que Wittgenstein crê que a atividade de esclarecimento de nossos jogos de linguagem é a própria atividade filosófica, enquanto para Merleau-Ponty esse aspecto apenas prepara ou favorece um discurso mais lúcido da filosofia sobre a realidade. Mais precisamente, Wittgenstein, de modo geral, enfatiza que a filosofia como discurso próprio sobre a realidade não passa de um efeito de confusões gramaticais, quando ela retira os significados da linguagem comum de seu uso próprio, e com eles pensa construir um sentido mais fundamental sobre as coisas. Então, segundo ele, a linguagem deixa de funcionar com as coisas ou nas atividades dos homens, e passa a girar em falso, sobre si mesma. Claro que, assim como a filosofia de Foucault

inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russel e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da IHU On-Line, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível para download em <http://migre.me/qQYt>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista IHU On-Line 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/IU-Copl>. (Nota da IHU On-Line)

(esta muito voltada para o aspecto político de nossas relações), pode-se ganhar muito com o esclarecimento dos nossos jogos de linguagem, na medida em que se revela uma forma de vida, ou, como diz Foucault, que a crítica do presente abre ou favorece possibilidades futuras. Na verdade, essa é uma questão muito complicada para ser tratada nos limites dessa resposta, que em última instância significa a possibilidade de uma ontologia geral, no caso de Merleau-Ponty, ou apenas histórica, conforme Foucault ou Wittgenstein. Ou ainda, trata-se de uma questão sobre o alcance ou os limites da razão.

**IHU On-Line - Ainda nesse sentido, como se dá o diálogo entre a fenomenologia e a esquizoanálise na psicologia? Que avanços transdisciplinares surgem a partir desses debates?**

**Reinaldo Furlan** - *Grosso modo*, não creio que haja diálogo entre a fenomenologia e a esquizoanálise na psicologia, ou, de modo geral, nas ciências humanas. Se tenho escrito alguma coisa nesse sentido, é justamente para romper um isolamento que em geral constitui a regra em nossas pesquisas universitárias, e que não se limita ao caso dessas filosofias. Por exemplo, como diz José de Souza Martins (*A Política do Brasil, lúmpen e místico*. São Paulo: Contexto, 2011) a respeito do marxismo universitário ao longo de sua história, faltou diálogo e discussão crítica com as outras abordagens sociológicas, o que não só empobreceu o marxismo ensinado nas universidades como também favoreceu sua transformação em uma nova ideologia. Ou seja, há a tendência perniciosa nas pesquisas universitárias de se assumir determinada perspectiva teórica de modo mais ideológico do que de pensamento ou atividade crítica. Cito esse autor para indicar que o caso da fenomenologia e da esquizoanálise não é um fato isolado. Ou seja, creio que assistimos a uma crise de pensamento, em que as filosofias ou determinados saberes das ciências humanas são usados como ferramentas teóricas consolidadas no enfretamento da realidade, quando se deveria fazê-las “tremar” com a própria experiência, para o que sempre favorece o diálogo crítico com outras perspectivas de pen-

## “Creio que assistimos a uma crise de pensamento, em que as filosofias ou determinados saberes das ciências humanas são usados como ferramentas teóricas consolidadas no enfretamento da realidade”

samento. Se não, para usar um termo de Deleuze-Guattari, o pensamento se torna sedentário, fixo, estratificado, o que vai a contrapelo de sua própria filosofia.

**IHU On-Line - Em que consiste o “último Merleau-Ponty”? Como compreender esse período de sua filosofia no conjunto de sua obra?**

**Reinaldo Furlan** - O “último Merleau-Ponty” se encaminhou para uma filosofia da “carne”, sob a necessidade de fundar de forma mais radical o movimento iniciado em suas primeiras obras. Desde o princípio, sua filosofia tratou da necessidade de revisão da metafísica cartesiana, fundada na relação entre sujeito e objeto. Em síntese, tratava-se de unir sensibilidade e inteligibilidade, aquém da separação entre corpo e espírito, ou pensamento e coisa, como estabelecido por Descartes. Ou ainda, se Descartes reconhece de fato a união substancial entre corpo e alma na Sexta Meditação, após havê-las separado de direito na Segunda Meditação, fundando, assim, sua distinção metafísica, podemos dizer que a filosofia de Merleau-Ponty iniciou onde Descartes parou (Lebrun, em nota para a tradução brasileira das *Meditações*, de Descartes). Ora, em *Fenomenologia da percepção*, é através da noção da experiência do corpo próprio que Merleau-Ponty procura encaminhar essa questão, pois a experiência do corpo próprio mostra que ele não é nem coisa nem pensamento,

propriamente ditos (conforme os parâmetros da metafísica cartesiana), mas expressão encarnada de sentido. Com o sentido da experiência do corpo próprio, constata-se que o sujeito é um extensivo-intensivo no mundo, identificando, pois, o que a metafísica cartesiana separou. E com essa operação, todo o sentido do mundo objetivo também se desfaz, ou se torna segundo ou derivado de um sentido de mundo cuja expressão primeira é mais fisionômica e afetiva. Ora, a noção de carne visa o aprofundamento ontológico dessas primeiras obras, pois nelas ainda se partia das noções de consciência e objeto, como ele reconhece em *O visível e o invisível*, o que inviabilizava a sua intenção. Trata-se, então, de recuar mais ou descobrir sob a experiência do corpo próprio uma noção mais fundamental do que esta, e será essa a função da noção de carne. Ela representa, ao mesmo tempo, a abertura de sentidos no seio do próprio sensível, e o princípio de suas relações, inaugurando a possibilidade de uma experiência de mundo através da reversibilidade. Ela será o tecido de nossas relações com as coisas e os outros, a sua trama conjuntiva, não havendo, pois, limites definidos entre eu e o outro, nós e o mundo, senão esses do próprio sentir, como condição de nossas relações.

**IHU On-Line - Como compreender o “desejo da carne” a partir de sua filosofia?**

**Reinaldo Furlan** - Essa expressão faz um trocadilho com a concepção cristã de carne. Mas não se trata em absoluto de uma conotação moral sobre a dimensão do homem, como queda ou pecado. Se a carne, como iniciamos acima, é princípio de reflexividade do sensível (sentir é sentir-se), isto é, princípio de expressão no sensível, e por isso expressão sensível, de tal forma que o corpo vê porque é visto, toca porque é tocado, ou sente porque se sente, a noção de desejo vem para se revelar como a animação fundamental da própria carne. O desejo surge justamente da abertura do sensível a si mesmo através do movimento da percepção ou da própria experiência de sentir, porque sentir

## “A noção de desejo vem para se revelar como a animação fundamental da própria carne”

pressupõe a relação entre o dentro e o fora do corpo, que significa a presença do corpo ao fora (mundo), através de sua distância, sem a qual não haveria relação perceptiva. Então, o desejo surge dessa separação entre o dentro e o fora de um corpo que constitui a própria relação perceptiva, visando sua integração. O importante é não confundir essa tentativa de integração como fusão com o outro (mundo), o que seria a morte, mas como intensificação da presença do fora no dentro ou do dentro no fora. Sobre esse tema vale a pena conferir a fenomenologia de Renaud Barbaras.

### IHU On-Line - Qual a importância da filosofia de Merleau-Ponty no pensamento contemporâneo?

**Reinaldo Furlan** - Vou me ater apenas a um aspecto, o qual me parece essencial. Somos ainda muito cartesianos, como dizia Merleau-Ponty. Nesse ponto, destacam-se dois sentidos de existência, como coisa ou como pensamento. Ora, resgatar o valor expressivo do corpo me parece fundamental para resgatar a própria presença do outro e do mundo, em nós e para nós. Em outros termos, nós temos o hábito de valorizar as ideias ou pensamentos, e, ao mesmo tempo, olhar para as coisas como objetos de um ponto de vista causal. Isso favoreceu e favorece o desenvolvimento da técnica, mas por outro lado coloca à margem todo um campo de experiência de sentidos que tecemos com as coisas e os outros, e que encontramos, de forma privilegiada, nas artes, em particular na pintura e na literatura. Na verdade, é aí que a maior parte de nossas vidas se passa. Então, destacar o aspecto sensível dessas relações é uma forma de apreender melhor o sentido das nossas experiências, o que, aliás, era o mote inicial da fenomenologia, “voltar às coisas mesmas”.

## Um convite à radicalidade

A partir do pensamento desse filósofo, “podemos combater o corpo que foi e é objeto da biopolítica”, pontua Fabio Di Clemente. Ressonâncias de uma antropologia filosófica podem ser encontradas em sua obra, onde há um convite a sermos radicais

POR MÁRCIA JUNGES E THAMIRIS MAGALHÃES

**P**ara o filósofo italiano Fabio Di Clemente, “com Merleau-Ponty, podemos combater o corpo que foi e é objeto da biopolítica. Como reconstruiu o filósofo italiano Roberto Esposito, trata-se de um corpo destinatário de uma ‘intenção imunitária’ da política, enquanto considerado ‘lugar privilegiado do desdobramento da vida’, de um ‘binarismo’ entre crescimento e consumação, vida e morte”. E completa: “podemos dizer que há ressonâncias de uma antropologia filosófica no referencial da obra de Merleau-Ponty, mas é preciso logo esclarecer que a obra merleau-pontyana não desliza em certas tentações. Além disso, diante da profunda atenção para as pesquisas biológicas reservada por esses representantes da antropologia filosófica, a leitura merleau-pontyana sobre o nexos entre vida, organismo, meio ambiente, procede, ultimamente, na direção de uma resistência da mesma biologia a cada formalização transcendental, última, eidética”.

Estudioso italiano, Fabio Di Clemente é graduado em Filosofia pela Universidade de Urbino (Itália), especialista em Antropologia e Filosofia da Ciência pela mesma instituição. Na Universidade La Sapienza, em Roma, cursou Filosofia do Direito. É doutor em Filosofia pela Universidade de Urbino com a tese A percepção entre fenomenologia e dialética em Merleau-Ponty. Colaborou com o “Istituto italiano per gli Studi filosofici” de Nápoles e, na Universidade de Urbino, com o filósofo italiano Domenico Losurdo, presidente da Internationalen Gesellschaft Hegel-Marx für Dialektisches Denken. No Brasil obteve o pós-doutorado em Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, trabalhando sobre as implicações fenomenológicas do corpo em âmbito biopolítico e bioético. Atualmente é professor adjunto na Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT. Nessa instituição liderou em 2011 o Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação - GPMSE, ministrando um curso sobre o pensamento de Merleau-Ponty. De suas publicações, destacamos *La perception et l'histoire dans la pensée de Maurice Merleau-Ponty* (In: Losurdo, D; Tosel, A. Org.). *L'idée d'époque historique. Die Idee der historischen Epoche. Annalen der Internationalen Gesellschaft Hegel-Marx für Dialektisches Denken*. Band 12. Frankfurt a.M., Peter Lang, 2004, p. 419-432). Está preparando um livro de reconstrução crítica do pensamento de Merleau-Ponty e outro sobre questões fenomenológicas. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em que aspectos principais reside a atualidade da obra de Maurice Merleau-Ponty 50 anos após sua morte?**

**Fabio Di Clemente** - Falar de atualidade de um pensador e, ainda mais, de um pensador “radical” como foi Merleau-Ponty, é insidioso, traiçoeiro. Ele escreve no ensaio *O filósofo e a sua sombra* (1959), falando da herança de Edmund Husserl aos 100 anos de seu nascimento: “toda comemoração é traição, seja porque lhe prestamos a homenagem supérflua de nossos pensamentos, como se quiséssemos fornecer-lhe uma garantia a que não tem direito, seja porque, ao contrário, com um respeito cheio de distância, o reduzimos muito estritamente ao que ele próprio quis e disse”. Logo depois, ele esclarece que essas dificuldades pertencem à comunicação entre “os egos”, como já tinha entendido Husserl. Entre uma história ‘objetiva’ da filosofia, que mutilaria os grandes filósofos naquilo que deram aos outros para pensar, e uma meditação disfarçada de diálogo, onde colocaríamos as questões e daríamos as respostas, deve haver um algo de intermédio, onde o filósofo de que se fala e aquele que fala estão presentes juntos, embora, de direito, seja impossível repartir a cada instante o que é de cada um. Levando em conta essa sagacidade, o “algo de intermédio” exprime a impossibilidade de repartir, a todos os níveis de vida e conhecimento, entre o que é dado e o que é recebido. Ora, nessa impossibilidade aninha-se a tarefa imensa que alimenta a interrogação do filósofo francês. Ele nos ensina a ser “radicais”. Trabalhando sobre o retorno husserliano ao “mundo da vida” (*Lebenswelt*), ele pensa o “aparecimento” da vida e do mundo (natural, social, histórico) sem nenhum resíduo dualista e reducionista. A esse resguardo, podemos falar de um “secreto natal” que a natureza exhibe, qual “solo” (*Boden*) da vida, “englobante” de circularidades dialéticas.

Em virtude dessa Natureza, os animais chamados de máquina, até os seres humanos, estabelecem uma relação “em duplo sentido” (*Fundierung*) entre fundante e fundado, de descendência husserliana; relação que

implica não apenas o fato de conjugar a instância do todo com as partes, da unidade com a diferença, do universal com o particular, da imanência com a transcendência, e das outras correlatas, mas, ultimamente, a necessidade de saber fazer tudo isso sem pressupor princípios do exterior e do interior de um determinado fenômeno, sem justapor “movimentos contraditórios”, sem, enfim, fazer uso de “diplopias” reflexionantes. O fato é que se trata de saber conjugar tudo isso sem poder estacionar num lado ou noutro da relação. Dessa maneira, a filosofia é reconduzida à ordem da “interrogação”, não da solução “lógica” de um dado problema. A partir disso, acredito, ramifica-se a “atualidade” de Merleau-Ponty.

**IHU On-Line - Quais são os desafios da corporeidade no legado da fenomenologia desse pensador?**

**Fabio Di Clemente** - Limite-me a focalizar a abordagem merleau-pontyana da corporeidade que pode nos aproximar aos inúmeros desafios nela contidos. Cabe retomar a lógica do secreto natal apontada precedentemente. Merleau-Ponty procurou a relação “em duplo sentido”, voltando ou descendo até a vida dos animais chamados de máquinas. Os organismos, desde os chamados inferiores, não são - ele declara - uma máquina, nem algo derivado de um princípio posto a tergo, porque exibem uma “estabilidade incessantemente reconquistada e comprometida”, segundo uma relação de abraço entre a atividade que cria os órgãos e a atividade de comportamento. Já o caso dos animais-máquinas, como a água-viva, ensina-nos que não temos uma unidade do ponto de vista estritamente fisiológico, mas apenas uma unidade presente gradativamente em relação às funções que ela realiza, apesar de serem repetitivas; essa unidade não se desdobra no exterior. Ademais, os “animais inferiores organizadores”, como as amebas, não têm órgãos definidos, mas exibem plasticidade: como destaca Merleau-Ponty: “a cada momento, no meio, a ameba faz-se pseudópodes (pernas) ou vacúolos (estômago), depois os faz desaparecer para recriá-los”. Elas nos oferecem o

maravilhoso espetáculo do “nascimento continuado”. Em substância, já os organismos chamados de inferiores não se definem por sua “existência pontual”; conseqüentemente, eles não existem “como uma coisa dotada de propriedades absolutas, como fragmentos de espaço cartesiano”, nem como uma forma absoluta, pela qual a morfogenia seria um “trabalho de copista” ou uma “força que avança”. O fato é que o “ideal” que desejamos colocar no organismo não pode ser separado da sua atividade.

**Dilema parmenidiano**

Escreveu magistralmente o filósofo francês: “Não há nenhuma estimulação vinda de fora que não tenha sido provocada pelo movimento próprio do animal”. Nessa tensão irreduzível, o real, vivido e observado, comporta sempre “o mais ou menos”. Destarte, o organismo supõe “um Ser não parmenidiano”, uma “forma que escapa ao dilema do ser e do não ser”. O que os organismos nos ensinam a pensar é a vida como “uma totalidade que está por toda parte e em nenhuma parte”. Merleau-Ponty utiliza a analogia da melodia para apontar essa totalidade, que acaba sendo pensada ultimamente como totalidade precha de partes que agem como “partes totais”. Deixemos a palavra ao filósofo: “A melodia nos dá uma consciência particular do tempo [...]. No momento em que começa a melodia, a última nota está lá, à sua maneira. Numa melodia, ocorre uma influência recíproca entre a primeira e a última nota, e devemos dizer que a primeira nota só é possível pela última e reciprocamente. É assim que as coisas se passam na construção de um ser vivo. Não há, em absoluto, prioridade do efeito sobre a causa. Assim como não se pode dizer que a última nota seja o fim da melodia, e que a primeira seja o seu efeito, tampouco se pode distinguir o sentido à parte do sentido onde ela se exprime”. Como diz Proust, a melodia é uma ideia platônica que não se pode ver à parte. É impossível distinguir nela o meio e o fim, a essência e a existência. Nesse caminho antidualista e antirreducionista, a cair são, entre outras formas de pensamentos, o

realismo (mecanicista, causalista, vitalista, finalista) e o idealismo, nas suas várias declinações.

### Abordagem radical

Finalmente, diante de tudo isso, há evidentemente um secreto natal também pelo caso do corpo humano. Não há qualquer fronteira precisa entre organização do corpo e comportamento: “o corpo é o lugar do comportamento”. Um bebê prematuro só possui “um sono hesitante, difícil de distinguir da vigília”: ele acaba adquirindo “o talento de dormir”. Temos, numa palavra, a maturação do seu comportamento simultaneamente ao caráter orgânico, uma relação inextricável entre “o que é recebido e o que é dado”. Nessa dinâmica, há a conquista de uma aptidão, da superação de uma simples repetição de um gesto, ponto de partida da complexidade do mundo tanto animal como humano. No caso da existência humana, o corpo volta a ser - depois de uma longa história de inferiorização - o lugar “eminente” dessa circularidade de relações, de uma vida e de uma interrogação sobre a vida que se formam e se desenvolvem “em espiral”, segundo uma “ascensão no próprio local”, como dizia sugestivamente o filósofo. É à luz dessa abordagem “radical” que Merleau-Ponty deve ser considerado um autor que prossegue a mudança da relação que passa entre o Ser e o homem, cujos vários “sintomas culturais” ele individuava desde Descartes. Tutelando uma relação de abraço “radical” de Ser e homem, segundo *écart*, Merleau-Ponty tentou lidar com a complexa passagem das ordens físico-química e vital para a ordem humana, sem poder recair em reducionismos e dualismos, nem simples sobreposições entre níveis, formas, sistemas, fatores de relação. Na procura dessas novas relações, que passam de forma eminente entre Ser e homem, podemos nos aproximar aos inúmeros desafios da corporeidade.

**IHU On-Line - Como se imbricam o espírito selvagem e o ser bruto de Merleau-Ponty? O que significam esses conceitos?**

**Fabio Di Clemente** - Com a volta para

## “Merleau-Ponty procurou a relação ‘em duplo sentido’, voltando ou descendo até a vida dos animais chamados de máquinas”

o mundo da vida e com a correlata concepção da Natureza, recupera-se o “aparecimento” da vida e do mundo (natural, social, histórico) sem qualquer resíduo dualista e reducionista. A tutela desse secreto natal é conduzida até o nível ontológico. O “Ser bruto”, dito também “selvagem” e “vertical”, conceito sobre o qual se assenta o projeto da ontologia merleau-pontyana, expressa novamente a relação entre o dado e o recebido, mas na forma mais “radical” possível: o Ser vertical ou selvagem, diz o filósofo, é “o tecido comum de que somos feitos”. Um exemplo, entre outros, do próprio filósofo: o cubo de seis faces iguais “só existe para um olhar não situado, para uma operação ou inspeção do espírito que ocupe o centro do cubo, para um campo do Ser”. Contra essa presunção de um espírito portador do Ser que exclui cada não ser, cada pertença, ou seja, contra a “análise do pensamento reflexivo” que procede para a “depuração” do Ser, é preciso voltar a descrever o Ser “já aí, pré-crítico”. Assim, rebuscamos a “abertura para o próprio cubo que é distanciamento, transcendência”: “dizer que tenho uma visão do cubo é dizer que, percebendo-o, vou de mim a ele, saio de mim nele. Eu, minha visão, estamos com ele presos ao mundo carnal”. Isso que dizer que “também minha visão e meu corpo emergem do mesmo ser que é, entre outras coisas, cubo”. Estamos em face do fenômeno da “imbricação” (*empiètement*), a partir de um recíproco exceder do cubo e da percepção que tenho dele: “não me vejo vendo, mas por imbricação realizo o meu corpo visível, prolongo meu ser-visto para além do meu ser-visível para mim”. Em virtude do secreto natal, a Natureza

za afirma-se como um Englobante de circularidades dialéticas representado pela “carne” (*chair*).

### Ser vertical

A noção de carne recolhe essa circularidade na forma melhor. Ela consiste “no enovelamento do visível sobre o corpo vidente, do tangível sobre o corpo tangente”, constatável no fato de que “o corpo se vê, se toca vendo e tocando as coisas”. A carne não pode ser mais “matéria”, “espírito”, substância. A “atividade - declara o filósofo francês - é identicamente passividade”: afirma-se uma ideia de ‘estrutura’ como nervatura do mundo, sendo juntura operativa de passividade e atividade. O *Leib* vira ponto “cego”, em que a carne do sensível se faz sentiente. Por consequência, o ver não é exatamente o ver de quem está “em movimento *perspektivisch*, como as outras coisas”, ou em um “espaço geométrico”, mas apenas em relação “vertical”, em relação de abraço com o Ser. A “segregação”, com a qual temos que lidar como uma espécie de ‘fenômeno de espelho’, com o fato de ser vidente e ao mesmo tempo de ser objeto de visão, testemunha que “existe uma visão total ou absoluta, fora da qual nada permanece”. Conduzindo a fenomenologia ao seu extremo, ele declara: “Não somos nós que percebemos, é a coisa que se percebe lá em baixo”. Como não existe uma relação ‘frontal’ entre corpo e mundo, temos que rejeitar - diz Merleau-Ponty - “os preconceitos seculares que colocam o corpo no mundo e o vidente no corpo ou, inversamente, o mundo e o corpo do vidente, como em uma caixa”.

A mesma coisa acontece naturalmente a um nível de maior complexidade, com a percepção de outrem. Com a segregação do sentiente e do sensível, os órgãos do meu corpo entram em comunicação segundo uma “transitividade de um corpo a outro”. Saindo do modelo dualista e reducionista de sujeito e objeto, essa transitividade marca a abertura de uma relação com o outro e o mundo não mais ‘frontal’, mas ‘lateral’, ‘oblíqua’, ‘indireta’. O Ser vertical é, portanto, a abertura de um “ambiente pré-espiritual sem o

qual nada é pensável, nem mesmo o espírito, e pelo qual nos interpenetramos uns nos outros, e nós próprios em nós para possuímos o nosso tempo”. Quer dizer que esse Ser vertical funda o Espírito selvagem, o “princípio selvagem do Logos”, o princípio que realiza a lógica do sensível sob forma de uma coesão acentual. Abordado do lado da reabilitação da Natureza (acesso privilegiado à ontologia), o Ser selvagem vai ser o fundamento do ‘espírito’, a apresentação deste último na sua ‘pré-história’. Diante desse nível de radicalidade, não surpreende que, para Merleau-Ponty, só a filosofia nos dá de volta tal pertença ontológica e que, ao mesmo tempo, as ciências (física, psicologia, biologia etc.) sejam compenetradas com questões “transcendentais” e “ontológicas”.

### IHU On-Line - Quais são os principais pontos de ruptura desse pensador com a filosofia grega?

**Fabio Di Clemente** - Merleau-Ponty volta a falar de “elemento”, lembrando-nos a filosofia iônica. Isso também não deve nos surpreender. O elemento, para os filósofos iônicos, tinha o estatuto de *pars totalis*, que, como tal, ultrapassava as divisões entre a parte e o todo, o individual e o universal, a existência e a essência, entre outras; ademais, para Merleau-Ponty, não diferentemente da carne, ele não é matéria, não é espírito, nem substância. O conceito de mundo merleau-pontyano acaba representando tudo isso, enquanto “conjunto em que cada ‘parte’, quando a tomamos em si mesma, abre de súbito dimensões ilimitadas - torna-se parte-total”. Impõe-se o “vínculo secreto” de uma relação que atravessa, por exemplo, as associações do sonho. Esse vínculo secreto, complementar à lógica do secreto natal, do nascimento continuado, nos tutela da presuntiva realidade plena e determinada, resgatando novamente o resíduo, o resto, a excedência, a não coincidência, a saber, a transcendência no interior de uma relação. Merleau-Ponty tenta, assim, garantir a autonomia da ordem do vivido, do fenomenal.

Ora, em face dessa autonomia, compreende-se ainda melhor a tese

de uma vida que afirma um Ser não parmenidiano, uma forma que escapa ao dilema do ser e do não ser, induzindo-nos a rever, dizia Merleau-Ponty, a “história confusa” da *psyché*, assim como o “discurso confuso da história”. Não há lugar para um dualismo metafísico alma/corpo, conforme pensamento de Platão<sup>1</sup>, apesar da complexidade e da evolução que acompanha o pensamento do fundador da Academia. Paralelamente, não há lugar sequer para a visão teleológica de Aristóteles<sup>2</sup>. Nos cursos sobre a Natureza, Merleau-Ponty comentava as pesquisas que mostram como os animais expressam uma força maleável, fazendo desvios, regulando e instituindo relações inéditas. Deve-se, portanto, criticar a assimilação da noção de vida à noção de utilidade e de finalidade. Para um ser vivo, diz Merleau-Ponty, “condições exteriores idênticas acarretam diferentes possibilidades de comportamento”. O caranguejo, ele nota, utiliza o mesmo objeto (a anêmona do mar) para fins diferentes: “ora para camuflar sua carapaça e proteger-se assim dos peixes, ora para alimentar-se, ora, se lhe retirarem a carapaça, para substituí-la”. Consequentemente, “no organismo vivo não podemos nem ‘platonizar’, nem ‘aristotelizar’”.

### Sagacidade

1 Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

2 Aristóteles de Estagira (384 a. C. - 322 a. C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas — por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

É preciso evitar dois erros, afirma Merleau-Ponty: “colocar detrás dos fenômenos um princípio positivo (ideia, essência, entelêquia) e não ver de forma alguma um princípio regulador”. Contra a duplicação da realidade sob nossos olhos, que tanto o sistema de Platão como de Aristóteles produz, é preciso “introduzir no organismo um princípio que seja negativo ou ausência”. A forma, como a vida, do animal “não é a manifestação de uma finalidade, mas, antes, de um valor existencial de manifestação, de apresentação”. Trata-se de acompanhar a “instauração de uma dimensão”, radicalizando a ‘negação da negação’ diante do próprio legado da dialética hegeliana, resgatando sempre o resíduo, o resto, a excedência, a não coincidência, no interior de uma relação. Entretanto, ressaltado tudo isso, eu não falaria de pontos de ruptura. Cabe lembrar que a sagacidade merleau-pontyana, capaz de buscar a excedência crítica numa obra (filosófica, literária, artística, etc.), é fundamentada numa visão ontológica bem determinada. Nas notas preparatórias de um dos dois cursos que ministrou no Collège de France, o de 1960-1961, interpretando a texto de Heidegger<sup>3</sup>, *Introdução à metafísica* (Lisboa: Instituto Piaget, 2000),

3 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do Cadernos IHU Em Formação intitulada *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

Merleau-Ponty ressaltou a tese segundo a qual Platão, com toda a história da filosofia, não é “simples ‘decadência’ respeito aos Pré-Socráticos”, querendo dizer que a “filosofia é a história do ser e não a história das concepções do Ser”.

### IHU On-Line - Qual é a relação entre fenomenologia e dialética hegeliana no pensamento de Merleau-Ponty?

**Fabio Di Clemente** - De um lado, considerando as primeiras pesquisas da estrutura do comportamento (a época em que Merleau-Ponty não tinha ainda um conhecimento da obra de Husserl), a dialética hegeliana serviu para entender o surgimento das várias formas de comportamento, na relação não totalizada de ordem física, vital e psíquica; ademais, em nível ontológico, a dialética tornou-se um instrumento útil à crítica do Ser como “positividade simples” e do “Ser posto de um pensamento”. De outro lado, trabalhando sobre a fenomenologia, em particular, sobre a ‘impossibilidade de uma redução completa’, o filósofo consolida e radicaliza a tese de uma vida e de uma interrogação sobre a vida que são sempre ‘mais ou menos integradas’. Se a percepção vira visão, marcando o quiasma sentiente-sensível; se a noção de carne nos deixa sair radicalmente da relação cognoscitiva sujeito/objeto e, especificamente, da relação plena, determinada entre o “para si” e o “em si”, assim como entre o “Ser” e o “Nada”, a dialética hegeliana precisa ser abordada de forma ‘radical’. Querendo-se permanecer no âmbito da interpretação filosófica das pesquisas biológicas, o “trabalho do negativo” não faz mais da negação um “sujeito”, no sentido - esclarece o filósofo - em que Hegel diz que “o Absoluto é sujeito [...]”. A negação não seria sinônimo de irrealidade ou de princípio que se possa fazer trabalhar, mas de princípio que teria de ser, antes, reconhecido como desvio”, como um “deslizamento do princípio regulador”. A dificuldade, declara Merleau-Ponty, mencionando nesse contexto crítico Whitehead<sup>4</sup>,

<sup>4</sup> Alfred North Whitehead (1861-1947): filósofo e matemático inglês. Com Bertrand Russel, escreveu *Principia Mathematica*. Ele também desenvolveu a chamada Teologia do Processo. (Nota da IHU On-Line)

está na necessidade de conceber a vida apenas como uma “dobra”, como “a realidade de uma passagem”, e não como “uma espécie de quase interioridade”.

Como mostra emblematicamente o caso do axolotl, conforme pesquisas da anatomia do comportamento de George Ellett Coghill<sup>5</sup>, Merleau-Ponty nota que “a maturação do organismo e o surgimento do comportamento constituem um só fenômeno. Para o axolotl, existir da cabeça até a cauda e nadar são uma só e mesma coisa. Trata-se de “um duplo fenômeno que não passa de um único”: de um lado, “no início, o animal não habita todo seu corpo e só pouco a pouco a conduta se desenvolve através do corpo todo. De outro lado, ao mesmo tempo em que o padrão (*pattern*) total se propaga através de todo o organismo, as partes do organismo adquirem uma

### “Com Merleau-Ponty, podemos combater o corpo que foi e é objeto da biopolítica”

existência que lhes é própria e isso na mesma ordem em que elas são invadidas pelo padrão total. A vida esconde-se na mesma medida em que se realiza”. Essa dificuldade, que se torna ao mesmo tempo uma necessidade de situar-se no nível do axolotl, a saber, de apreender o mistério da vida, conduz a criticar, depois da distinção aristotélica de potência e ato, também a distinção hegeliana do “em si” e do “para si”: como testemunha o axolotl, esclarece Merleau-Ponty, “a vida não é ainda Espírito em si. Reencontramos em Hegel a mesma ilusão retrospectiva que em Aristóteles”. O fato é que, para Merleau-Ponty, o Absoluto hegeliano, pensado ainda “nos termos de *Bewusstsein*”, não alcança o Ser como “manifestação de Si, desvendamento, no ato de fazer-se”. Procedendo além do Absoluto hegeliano, a ontologia da carne, refinada com a noção de *écart*,

<sup>5</sup> George E. Coghill (1872-1941): anatomista americano. (Nota da IHU On-Line)

expressa a “superação no próprio lugar” (em espiral), não uma “negação lógica”, com a conseqüente impossibilidade de pensar o *Aufheben* sem “resto”. Isso induziu o filósofo francês a pensar como produzir uma autocrítica que fosse interna à dialética, falando de “hiperdialética”. Assim, em relação à dialética de Hegel e também de Marx, cujos escritos conduziam a voltar, após Primeira Guerra Mundial, à questão do humanismo, Merleau-Ponty empreendeu o caminho da “paciência do conceito”, para poder pensar o “conceito sem destruí-lo” - conforme pensamento de Husserl - nas várias áreas (da ciência até as artes plásticas, a literatura, o cinema).

### IHU On-Line - Até que ponto podemos dizer que somente a partir dos ensaios de *Signos* e do livro póstumo *O visível e o invisível* encontramos uma ontologia radical que acertou as contas com a fenomenologia husserliana e a ontologia heideggeriana?

**Fabio Di Clemente** - A questão é muito complexa. Em primeiro lugar, como expliquei, não convém falar de “acertamentos de contas” na abordagem merleau-pontyana da história da filosofia, das ciências e dos outros saberes, e tampouco em face da grande herança husserliana e heideggeriana. Em relação a Husserl, paralelamente à radicalização da dialética hegeliana, a fenomenologia é interpretada à luz da impossibilidade de uma redução completa. Em *O visível e o invisível*, com a crítica das filosofias de Espinosa e de Kant, a tutela da ordem antidualista e antirreducionista define a “análise reflexionante” como “ingênua” na medida em que “dissimula seu próprio movente”: a evidência segundo a qual é preciso pressupor a “noção do mundo” para constituí-lo como mundo pré-constituído. Por trás do originário e do derivado, “há um pensamento em círculo onde condição e condicionado, reflexão e irrefletido estão em uma relação recíproca, senão simétrica, e onde o fim está no começo como o começo está no fim”. Dessa ‘originalidade’, desse ‘paradoxo’ do conhecimento, deve responder também e, sobretudo, a fenomenologia husserliana: o fato de obter-se por meio da me-

todologia fenomenológica (como nos lembra a *epoché*, a redução, a intencionalidade) a revalorização de uma teoria transcendental que, ao mesmo tempo, não pode perder a tensão com o sujeito que está radicado no mundo, isto é, com o sujeito que reproduz intrinsecamente a impossibilidade de ser ‘reduzido’ completamente, totalmente a uma formalização transcendental.

### Estrabismo fenomenológico

Essa instância crítica, que Merleau-Ponty tutela com a ideia de ‘estrutura’, juntura operativa de passividade e atividade, produtora de uma “inteligibilidade ao estado nascente” (conforme releitura da noção de Gestalt), pode medir a relação crítica instituída com Husserl. Segundo o filósofo francês (veja-se o Curso do Collège de France sobre a Natureza de 1956-1957), o Husserl das *Ideen II* oscilaria entre “duas direções: de um lado, a ruptura com a atitude natural ou, de outro lado, a compreensão desse fundamento pré-filosófico do homem. O irrefletido, nele, não é nem mantido tal qual, nem suprimido, continua sendo um peso e um trampolim para a consciência”. O problema é que temos, conforme palavra do próprio Merleau-Ponty, certo “estrabismo” na fenomenologia. O “irrefletido desempenha o papel de um fundante e de um fundado; refletir é, então, desvelar o irrefletido”. Portanto, “a fenomenologia denuncia a atitude natural e, ao mesmo tempo, faz mais do que qualquer outra filosofia por reabilitá-la”. Nessa sede, não podemos entrar na correlata relação problemática entre as duas ‘reduções’ husserlianas, nem na atribuição de prioridade às sensações táteis em Husserl - prioridade que Merleau-Ponty não aceita.

Sem poder abordar tudo isso e levando em conta o fato de que Husserl, ao ver do filósofo francês, seria “cada vez mais consciente da identidade dessas duas direções”, assim como seria consciente do caráter englobante da Natureza, contemplado até mesmo as “sínteses não egológicas”, cabe frisar que, na ótica merleau-pontyana, o pai da fenomenologia permaneceria ain-

da prisioneiro do plano da correlação noético/noemática. Ademais, como acrescentei em meu ensaio *Corpo e conhecimento em Merleau-Ponty*, é preciso interrogar-se se no pensamento husserliano permanece um resíduo de atitude egológica, diante das sensações de movimento pensadas sob a forma meramente egológica. Como escreve Husserl em *Ding und Raum*, as sensações de movimento “pertencem ao elemento imediatamente egológico”, a saber, elas são a condição de possibilidade para a passagem da passividade à atividade sem representar uma componente hilética.

### Polimorfismo do Ser

Em relação à filosofia de Heidegger, restrinjo-me a destacar que, além da possível confrontação crítica sobre temas específicos (vida, animalidade, relação entre corpo e linguagem, ciência e filosofia, entre outras) e da reavaliação de alguns temas heideggerianos (Seinsfrage, Ereignis, Aletheia) na interrogação de Merleau-Ponty, este último qualifica a ontologia de Heidegger nos termos de uma ontologia curta, criticando-a por ser uma “expressão direta do ser”. A ‘ambiguidade’ da subjetividade merleau-pontyana requalifica-se como lugar eminente da ordem do ‘paradoxo’: a incorporação, o fato que no corpo se forma a “não coincidência”, a relação de “transcendência” entre o organismo e o ambiente, significa que o corpo mesmo se torna lugar da “intraontologia”, do desenvolvimento da “topologia do Ser”. Por consequência, é preciso entender que a ontologia merleau-pontiana é uma ontologia ‘indireta’, que tutela, a meu ver, uma ‘vocalização ontológica da subjetividade’ capaz, como tal, de realizar o “polimorfismo” do Ser.

**IHU On-Line - É correto apontar ressonâncias de uma antropologia filosófica no referencial de Merleau-Ponty? Por quê?**

**Fabio Di Clemente** - Em extrema síntese, a antropologia filosófica do século XX, que teve como pontos de referên-

cia Max Scheler<sup>6</sup>, Helmuth Plessner<sup>7</sup>, Arnold Gehlen<sup>8</sup>, alimentou-se da consciência de dever entender o âmbito do orgânico para poder entender também a especificidade da vida humana. De Scheler, Merleau-Ponty sublinha a tentativa de superar o dualismo entre consciência de si e consciência de outrem. Plessner toma o tema do corpo humano para superar as oposições de alma/corpo, espírito/vida e marcar uma diferença com o corpo do animal, chegando a falar de “excentricidade” da vida do homem. Mesma tentativa de superação desses dualismos temos em Gehlen. Como sabemos, trata-se de temas centrais na obra merleau-pontyana, conjuntamente às questões mais amplas da análise científica da natureza e da abordagem das chamadas ciências do homem. Entretanto, cabe destacar que esses temas são alimentados também por uma ‘reação’ contra o surgimento das ciências do homem, com as tentações, apontadas por Habermas<sup>9</sup>, de subordinar essas problemáticas ao destino do ser (Heidegger), à redenção divina (Bultmann<sup>10</sup>), à ab-

6 Max Scheler (1874-1928): conhecido como o filósofo dos valores. Nasceu em uma família judaica. Na sua juventude converteu-se ao catolicismo, do qual se foi gradualmente distanciando depois de 1923, aproximando-se de um panteísmo inspirado em Spinoza e Hegel. Ensinau nas Universidades de Iena, Munique e Colônia. De suas obras destacamos *O lugar do homem no mundo*. (Nota da IHU On-Line)

7 Helmuth Plessner (1892-1985): filósofo e sociólogo alemão, um dos fundadores da antropologia filosófica. (Nota da IHU On-Line)

8 Arnold Gehlen (1904-1976): sociólogo e filósofo alemão. (Nota do IHU On-Line)

9 Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias do dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da IHU On-Line)

10 Rudolf Bultmann (1884-1976): teólogo alemão. Ocupou-se com muitos temas da teologia, filologia e arqueologia. Levantou questões importantes que dominaram a discussão teológica do século passado e são relevantes até hoje, como, por exemplo, o famoso problema da demitologização. Entre suas obras está

solutização ou ao necessaritarismo de categorias (Gehlen) que, ao invés, seriam apenas historicamente determinadas. Há também em Scheler, pensa o próprio Merleau-Ponty, a subordinação das “particularidades fisiológicas ou históricas individuais” ao conhecimento de uma essência.

Então, podemos dizer que há ressonâncias de uma antropologia filosófica no referencial da obra de Merleau-Ponty, mas é preciso logo esclarecer que a obra merleau-pontyana não desliza nas tentações apontadas acima. Além disso, diante da profunda atenção para as pesquisas biológicas reservada por esses representantes da antropologia filosófica, a leitura merleau-pontyana sobre o nexos entre vida, organismo e meio ambiente procede, ultimamente, na direção de uma resistência da mesma biologia a cada formalização transcendental, última, eidética. Isso se reflete na ideia de organismo. Salienciamos que o organismo animal não é somente *Körper* diante do *Leib* humano. Também os animais, afirma Merleau-Ponty nas notas preparatórias do primeiro curso do Collège de France de 1958-1959, são “portadores de *Psyché*”: nós “praticamos *Einführung* em direção a eles”. De forma mais extensa, afirma-se uma relação como diferença, diferença que se realiza sob forma de “*Einführung* generalizada” entre o nosso corpo, os animais, as plantas, as coisas; uma relação como *Ineinander*, “relação lateral, oblíqua”. Com essa topologia do Ser, ‘universal vertical’, o filósofo francês quis recolocar a formação do conhecimento a partir de um ‘nível de ser operante’, em que o problema da “Filogenia” é o problema da “arquitetônica”, de uma arquitetura “não só do indivíduo, mas da biosfera ou do mundo da vida: é ainda mais claramente um problema ontológico do que embriológico.

**IHU On-Line - Qual é o enlace entre biopolítica e bioética na fundamentação do conceito de vida merleau-pontyano?**

**Fabio Di Clemente** - Sem poder entrar em detalhes sobre toda essa ampla questão, lembro que a reflexao mer-

*Jesus Cristo e mitologia* (São Paulo: Editora. Novo Século, 2000). (Nota da IHU On-Line)

## “O fato é que o ‘ideal’ que desejamos colocar no organismo não pode ser separado da sua atividade”

leau-pontyana libera a autonomia do “fenômeno vida”, com a tentativa de pensar uma norma (tanto do lado intraorgânico como do comportamento, tanto do campo observado como do observador) conjuntamente ao surgimento e desenvolvimento da vida. Produz-se uma ótica radicalmente antirreducionista e antidualista também pela relação de vida e política, assim como de vida e ética. A lógica do secreto natal, que deixa a vida como refratária a uma normatização, ‘plena’ e ‘determinada’, sendo ‘não coincidência’, lugar de uma ‘ausência’, nos dá de volta uma ideia de comportamento como “oscilação” ao redor de uma norma (conforme pensamento de George Canguilhem<sup>11</sup>), veículo de uma ‘abertura de ser’, segundo *empiètement* e *écart*. Então, com Merleau-Ponty, podemos combater o corpo que foi e é objeto da biopolítica. Como reconstruiu o filósofo italiano Roberto Esposito<sup>12</sup>, trata-se de um corpo destinatário de uma “intenção imunitária” da política, enquanto considerado “lugar privilegiado do desdobramento da vida”, de um “binarismo” entre crescimento e consumação, vida e morte. Correlativamente, o corpo da bioética, a meu ver, também foi e é objeto de uma paralela intenção imunitária: trata-se de uma proteção e de um desenvolvimento da vida que produzem novamente uma proteção negativa da vida, a saber, de um mecanismo que, com o escopo de proteger a vida, acaba negando-a em relação à sua pertença ontológica.

Pelo contrário, o Ser merleau-pontyano entra na dimensão interrogativa, em virtude da qual princípios, as

<sup>11</sup> Georges Canguilhem (1904-1995): filósofo francês, membro do Collège de France, especializado em filosofia da ciência e no estudo da normatividade. (Nota da IHU On-Line)

<sup>12</sup> em filosofia moral e política. (Nota da IHU On-Line)

regras, as normas que a política, a ética e o direito expressam devem voltar a ser essencialmente a tentativa de tradução, constitutivamente inesgotável e imperfeita, da nossa pertença ontológica, em que se afirma a necessidade de conceber a vida - nos ensina o caso do axolotl - como uma “dobra”, como “a realidade de uma passagem”, onde tutelar nexos irreduzível de vida e norma (em sentido amplo).

**IHU On-Line - A partir das concepções de biopolítica e bioética, quais são as possíveis críticas que podemos levantar à reflexão de Foucault e Agamben?**

**Fabio Di Clemente** - Como notou Roberto Esposito, na obra *Bios. Biopolítica e filosofia* (Lisboa: Edições 70, 2010), de um lado, o mérito de Foucault foi ter recuperado a centralidade do viver em si mesmo, na sua ‘exposição’ ao poder, quebrando os ‘binarismos’ do pensamento filosófico, político, jurídico, ético e liberando os efetivos mecanismos de funcionamento do poder frente à vida; de outro lado, a retomada desse âmbito da vida, que procede além das correspondentes “alternativas topológicas que definiam a dialética interna à relação entre súditos e soberano”, não é acompanhada de uma reflexão estritamente epistemológica e ontológica sobre o conceito de vida. Na falta desse ganho crítico, Foucault permaneceria prisioneiro da oscilação entre uma “política da vida” e uma “política sobre a vida”. Ora, o conceito de vida merleau-pontyano escapa, como vimos, dessa alternativa; ademais, ajuda-nos a entender que o poder sobre a vida’ (“biopolítica crítico-negativa”), a biopolitização que produziria até mesmo a indistinção, a indiferenciação de *zoé* e *bíos* (do fato biológico de viver e do viver modalizado dentro do mesmo fato biológico de viver), conforme pensamento de Agamben, seria expressão de uma forma de reducionismo entre o fenômeno biológico da vida e a juntura de saber e poder.

Aproveito para frisar também os limites de uma ‘biopolítica afirmativa’ (o ‘poder na forma da vida’), defendida por Roberto Esposito em alternativa a essa biopolítica negativa. Res-salvado o mérito de Esposito de ter

pensado a norma não “sobre a vida” e nem mesmo “a partir da vida”, mas sim “na vida”, acredito, contudo, que se deva respeitar a perspectiva endo-ontológica merleau-pontyana: trata-se de proceder além do mesmo retorno à vida, que, ao afirmar a dimensão ‘impolítica’ da carne (conforme palavra de Esposito), acaba deixando, a meu ver, o corpo privado de um ‘vínculo transcendental’. Com efeito, a questão central merleau-pontyana é aquela de enraizar a ‘exposição’ constitutiva da vida dentro do *écart* estabelecido entre a carne do corpo e a carne do mundo, assim como entre seres e Ser, e não apenas dentro da carne como noção última (ontológica, histórica, cultural, etc.).

#### IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

**Fabio Di Clemente** - Gostaria de destacar, sinteticamente, que o conceito de corpo merleau-pontyano não se presta à preocupação derivante da definição de *Leib* como ‘corpo vivo’, contra a de ‘corpo próprio’; preocupação que tiveram alguns ilustres pensadores (Jacques Derrida<sup>13</sup>, Jean-Luc Nancy<sup>14</sup>, entre outros), levantando também críticas à instância de ‘unidade’ merleau-pontyana. Igualmente, o *Leib* merleau-pontiano não padece de um dualismo de volta de corpo vivo/corpo objetivo, alimento de uma ideia corprocêntrica, reducionista (em sentido amplo), segundo a qual o corpo seria, maçica ou unilateralmente, a condição de possibilidade da ‘aparição’ e ‘medida’ das coisas. Além disso,

<sup>13</sup> Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/s8ba>. Em 09-06-2011, MS Verónica Pilar Gomezjurado Zevallos, da Universidade de Caxias do Sul - UCS falou no IHU Idéias sobre *Derrida e a Educação: o acontecimento do impossível*. Maiores informações em <http://bit.ly/kOffe9>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>14</sup> Jean-Luc Nancy (1940): filósofo francês. (Nota da IHU On-Line)

ao falar de “sujeito encarnado” (*Subjekt-leib*), Merleau-Ponty não acaba liberando sequer “dois movimentos” que permaneceriam “contraditórios”, focados, ao invés, por uma outra literatura crítica (veja-se Renaud Barbaras): um relativo a um “sujeito mensurante as coisas” (“abordagem transcendental”), outro de um “sujeito encarnado como testemunho ontológico” (“antropomorfismo ontológico”). Essas dificuldades de interpretação da relação “em duplo sentido” entre fundante e fundado abarcam também a literatura dominante, que pretende confinar o Merleau-Ponty da década de 1940 dentro da insatisfação pelos seus escritos, para poder dar brilho aos outros escritos da década de 1950. Trata-se de um primeiro período de escritos que pressupuseram - conforme palavra do mesmo Merleau-Ponty, remarcada até as *Notas de trabalho* - a distinção “consciência/objeto”, como ‘ponto de partida’, e de um segundo período de escritos direcionados para as noções ontológicas de visão, Natureza, carne, Ser, entre outras. Ora, se é evidente e dominante a ‘novidade’ da radicalização ontológica das pesquisas da *Estrutura do comportamento* e da *Fenomenologia da percepção*, entre outras, a partir dos escritos da década de 1950, menos evidente e dominante é a primazia do Ser, que esses escritos deveriam fundamentar em detrimento do corpo (reduzido emblematicamente ou a um ser ‘passivo’, ou a um objeto de dois ‘movimentos contraditórios’).

Se quisermos entender o que está efetivamente em jogo com um corpo que precisa escapar não apenas ao reducionismo e dualismo que emprenha a noção de *Körper* (corpo-coisa), mas também a alternativa entre ‘o próprio’ e ‘o vivido’, ou, de forma extensa, entre o fundado e o fundante, é preciso levar a sério toda a espessura crítica contida na análise fenomenal-ontológica do corpo: ao colocar todos os seus órgãos em relação a uma “infraestrutura” ontológica, de um nível de Ser, em que tudo opera de forma carnal concêntrica, e não mais em termos de meras “funções”, nem de relação entre “o conteúdo e a forma”, Merleau-Ponty não esquece, coerentemente, o que tinha intuído desde a *Fe-*

*nomenologia da percepção*: o sujeito é “originariamente consciência motriz”, enquanto no corpo está o “mover-se a si mesmo”. Se a carne consiste “no enovelamento do visível sobre o corpo vidente, do tangível sobre o corpo tangente, constatável - como destaquei precedentemente - no fato que “o corpo se vê, se toca vendo e tocando as coisas”, então - afirma coerentemente o filósofo francês - é o corpo que acaba de “descer entre as coisas como tangível e, ao mesmo tempo, dominá-las”, no sentido de “extrair de si próprio essa relação” e “mesmo essa dupla relação”, por “deiscência ou fissão da sua massa”. Se é essa a correlação buscada entre o sensível em geral e o sentiente, “incorporada” no *Leib*, enquanto sensível que sente sentir e, dessa forma, enquanto “interioridade” carnal, o sentiente pertencente a um nível de ser é, como dissemos, ainda ‘subjetividade’.

#### Arquitetônica da biosfera

A fecundidade da posição de Merleau-Ponty pode ser abordada dentro da capacidade de recuperar o pertencimento do homem ao Ser, remontando até a arquitetônica da biosfera ou do mundo da vida, acabando por recuperar, ao final, o vínculo ‘transcendental’ da mesma ‘subjetividade’, sem dualismos e sem reducionismos, sem sobreposições, nem diplopias. Portanto, a ‘fenomenologia da percepção’ não é superada sem ‘resto’, sem eminentemente o vínculo transcendental do *Leib* nas obras marcadamente ontológicas. Levando em conta a quantidade de folhas (mais de 4000) que o filósofo francês nos deixou (apenas uma parte resulta publicada), indicadora também de um consistente amadurecimento da sua interrogação, sinto-me propenso a afirmar que a passagem da ‘fenomenologia da percepção’ para a ‘ontologia da carne’ não pode ser lida como uma ruptura, nem como um ‘ultrapassar sem resto’, em que cada grau não permanece pressuposto. Evidentemente, cabe aplicar ao desenvolvimento da obra merleau-pontyana a ideia de dialética rumo à hiperdialética, tão defendida pelo próprio pensador francês.

## Fenomenologia e etnomatemática: para além das grades da gaiola

Formas transdisciplinares não redutíveis aos “preceitos das disciplinas tradicionais”, essas duas maneiras de ver o mundo são examinadas por Ubiratan D’Ambrosio. A Merleau-Ponty cabe a aproximação entre fenomenologia e existência, pondera

POR MÁRCIA JUNGES

“**H**á um diálogo entre a maneira fenomenológica de ver o mundo e a maneira etnomatemática de ver o mundo. Ambas essas maneiras são transdisciplinares, isto é, não estão ‘engaioladas’ nos preceitos das disciplinas tradicionais”. A afirmação é do matemático Ubiratan D’Ambrosio na entrevista, concedida por e-mail, à **IHU On-Line**. Segundo o pesquisador, Merleau-Ponty, um de seus grandes referenciais intelectuais, “aproxima fenomenologia e existência”. E acentua: “De Merleau-Ponty apreendi principalmente que o real é o complexo de fatos e fenômenos muitos surpreendentes”. D’Ambrosio aponta que um aspecto pouco explorado na matemática é a psicanálise, amplamente estudada por Merleau-Ponty: “Gostaria de estimular filósofos da matemática a darem mais atenção à psicanálise. A matemática é a expressão de uma forma de ver o mundo, de uma visão pessoal e de experiências próprias, e pode não estar subordinada à formalização que é, muitas vezes, equivocadamente identificada com matemática”.

Ubiratan D’Ambrosio é doutor em Matemática pela Universidade de São Paulo - USP e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Foi internacionalmente agraciado com a “Medalha Felix Klein” (Educação Matemática/ICMI/IMU), com a “Medalha Kenneth O. May” (História da Matemática/ICHM/IMU). Foi presidente da Sociedade Brasileira de História da Matemática - SBHMat e do International Study Group on Ethnomathematics - ISGEm além de ser presidente de honra da Sociedade Brasileira de História da Ciência - SBHC. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Bandeirante - Uniban e professor credenciado nos programas de pós-graduação em Educação Matemática da Faculdade de Educação da USP e da Universidade Estadual Paulista/Rio Claro - Unesp e em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Dentre suas publicações, destacam-se *Transdisciplinarietà* (São Paulo: Palas Athena, 1997); *Etnomatemática. Elo entre as Tradições e a Modernidade* (Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001); *Uma história concisa da matemática no Brasil* (Petrópolis: Vozes, 2008); e *Educação para uma Sociedade em Transição* (Natal: UFRN, 2011). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Como se deu o contato e a aproximação de seus estudos com a obra de Merleau-Ponty?**

**Ubiratan D’Ambrosio** - Nos meus anos de formação, em matemática, a leitura de Husserl foi muito natural. Daí ler Heidegger e Merleau-Ponty foi consequência e me levou a outros autores na linha da fenomenologia e do existencialismo, em sentido amplo. Naturalmente, essas leituras não tinham um objetivo imediato, mas, juntamente com muitas outras leitu-

ras, constituíram o caldo intelectual inconsciente, uma expressão usada, num contexto semelhante, por Pierre Lévy<sup>1</sup>, no qual minhas ideias foram sendo “cozidas”. Destaco ideias sobre necessidades e vontade, sobre viver, observar, sentir, desejar. No

<sup>1</sup> Pierre Lévy ([Tunísia, 1956](#)) é um [filósofo da informação](#) que se ocupa em estudar as interações entre a [Internet](#) e a [sociedade](#). É autor de inúmeras obras, como *Cibercultura* (São Paulo: Editora 34, 1999); *O que é o Virtual* (São Paulo: Editora 34, 1996) e *As Tecnologias da Inteligência* (Rio de Janeiro: Editora 34, 1993). (Nota da IHU On-Line)

meu modelo de conhecimento, que chamo “Da realidade à ação”, cada indivíduo é parte da realidade e é impactado e informado por fatos e fenômenos. Como cada indivíduo processa essa informação, como age e com quais objetivos, qual sua intenção, são as perguntas diretrizes desse modelo. Claramente, esse enfoque tem muito a ver com aquilo que foi acumulado no que eu chamei de caldo intelectual.

**IHU On-Line - Qual é a relação da fenomenologia com a etnomatemática?**

**Ubiratan D'Ambrosio** - A etnomatemática depende inicialmente de descrever as coisas para, em seguida, explicar e entender. O descrever é tipicamente fenomenológico. A etnomatemática reconhece que o ser humano procede, na construção de sistemas teóricos, a partir do reconhecimento de fatos e fenômenos à ação com alguma intenção.

**IHU On-Line - Em que aspectos há um diálogo transdisciplinar entre esses saberes e o que eles apontam de positivo sobre a intersecção do conhecimento?**

**Ubiratan D'Ambrosio** - A pergunta revela uma concepção de transdisciplinaridade como uma disciplina ou uma metodologia. A fenomenologia e a etnomatemática são maneiras transdisciplinares, isto é, vão além das disciplinas, além das grades de uma gaiola, de reconhecer, entender e explicar fatos e fenômenos.

**IHU On-Line - A transdisciplinaridade entre fenomenologia e etnomatemática representa uma alternativa para as “gaiolas epistemológicas”, às quais o senhor se referiu em entrevista concedida à nossa revista em 2005?<sup>2</sup> Por quê?**

**Ubiratan D'Ambrosio** - Não faz sentido a expressão “transdisciplinaridade entre”. Há um diálogo entre a maneira fenomenológica de ver o mundo e a maneira etnomatemática de ver o mundo. Ambas essas maneiras são transdisciplinares, isto é, não estão “engaioladas” nos preceitos das disciplinas tradicionais.

**IHU On-Line - Qual é a importância da compreensão de Merleau-Ponty de que é preciso considerar o organismo como um todo para se descobrir o que se seguirá a um dado conjunto de estímulos?**

**Ubiratan D'Ambrosio** - Compreender Merleau-Ponty é compreender

<sup>2</sup> Confira a entrevista concedida por Ubiratan D'Ambrosio intitulada *A visão engaiolada do mundo*. Edição número 153, de 29-08-2005, disponível em <http://migre.me/600Vq>. (Nota da IHU On-Line)

**“A fenomenologia e a etnomatemática são maneiras transdisciplinares, isto é, além das disciplinas, além das grades de uma gaiola, de reconhecer, entender e explicar fatos e fenômenos”**

tudo o que quero dizer sobre a maneira de ser no mundo. Por isso uma das leituras que recomendo aos meus alunos é Merleau-Ponty. O básico é que ele nos dá a mensagem que no mundo, onde quer que estejamos inseridos, há sempre algo para se ver e se dizer. Melhor que qualquer outro, Merleau-Ponty aproxima fenomenologia e existência.

**IHU On-Line - Que outras contribuições a filosofia de Merleau-Ponty oferece para o diálogo com a matemática?**

**Ubiratan D'Ambrosio** - Uma vertente pouco explorada na matemática tem sido a psicanálise, que foi tratada exemplarmente por Merleau-Ponty. Gostaria de estimular filósofos da matemática a darem mais atenção à psicanálise. A matemática é a expressão de uma forma de ver o mundo, de uma visão pessoal e de experiências próprias, e pode não estar subordinada à formalização que é, muitas vezes, equivocadamente identificada com matemática.

**IHU On-Line - Como percebe o diálogo entre esses dois saberes nas tradições ocidental e oriental? Quais são os principais pontos de aproximação entre filosofia e matemática?**

**Ubiratan D'Ambrosio** - Acredito que o pensamento é uma somatória de experiências, de busca de satisfação de necessidades, isto é, da satisfa-

ção da pulsão de sobrevivência, e de ir além da sobrevivência, transcendendo necessidades e incorporando explicações e desejos. Os saberes nas tradições orientais ou ocidentais, ou setentrionais ou meridionais, ou equatoriais, são resultados da resposta às pulsões de sobrevivência e de transcendência, de necessidades e vontades, e esses saberes e fazeres refletem, numa relação simbiótica, experiências e memórias, que são naturalmente fenomenológicas e existenciais.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Ubiratan D'Ambrosio** - Vou comentar justamente sobre a questão anterior. Há duas dicotomias insustentáveis numa questão que deveria ser, fenomenológica e existencialmente, muito abrangentes. De fato, estamos falando de humanidade - toda uma espécie - e de experiências e memórias individuais que, socializadas, constituem saberes e fazeres de grupos, muitas vezes formados por apenas dois indivíduos e outras vezes por populações. Esses saberes e fazeres estão presentes em uma variedade de tradições orientais e ocidentais, mas também setentrionais, meridionais e equatoriais, simplificando para cinco essas classificações. De Merleau-Ponty apreendi principalmente que o real é o complexo de fatos e fenômenos muitos surpreendentes. O indivíduo procura descrevê-los conforme sua percepção e seu imaginário. O homem está nesse real e é nesse real que ele se conhece. Esse real é planetário, como são, conseqüentemente, os saberes e fazeres distintos. É impreciso, incompleto e pode causar muita confusão reduzir essa complexidade simplesmente falando em tradições oriental e ocidental.

#### LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Ubiratan D'Ambrosio à IHU On-Line

\* A visão engaiolada do mundo. Edição número 153, de 29-08-2005, disponível em <http://migre.me/600Vq>

## Um autor em diálogo com o mundo contemporâneo

Perseguido junto com Sartre por apoiar a Guerra da Argélia contra a França, Merleau-Ponty tem obra vasta e atual. Luiz Augusto Passos conta quais são as relações entre a fenomenologia do pensador francês e Paulo Freire nos movimentos sociais brasileiros na década de 1980

POR MÁRCIA JUNGES

Um autor a ser revisitado e que estabelece diálogos entre diversas correntes filosóficas e científicas. Assim é Merleau-Ponty, assinala o professor Luiz Augusto Passos, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Esse autor denuncia a pedagogia “adultocêntrica” e que não tem ouvidos e olhos para entender a criança, apontando que os pequenos vivem o mundo nele mergulhados por todos os poros. Merleau-Ponty “cultiva teimosia quase obsessiva de voltar sempre ao início, de fazer perguntas instigantes e de promover tremores de terra nas áreas já pacificadas, na suspeita de que é necessário uma hipercrítica. Nesse sentido, numa época em que se retornam a evidências ‘estabelecidas’ ou à deificação das ‘incertezas’ como caminho e prática individuais ou sociais, é bom visitar Merleau-Ponty”.

Passos possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora Medianeira, São Paulo; graduação em Teologia pelo Colégio Máximo Cristo Rei, de São Leopoldo, RS; mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; doutorado em Educação Pública pela Universidade Federal de Mato Grosso; e doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente leciona na UFMT e é um dos organizadores do Simpósio Internacional Merleau-Ponty vivo aos 50 anos de sua morte. Percursos ao redor da fenomenologia aos 90 anos do nascimento de Paulo Freire (<http://gempo.com.br/portal/>), que ocorre de 10 a 12 de novembro nessa universidade. É um dos autores de *O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola* (Cuiabá: EdUFMT, 2010) e escreveu *Filosofia para educadores* (Cuiabá: EdUFMT, 2008). Seu site pessoal é <http://gempo.luizaugustopassos.com.br/> Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais são os maiores motivos para se lembrar Merleau-Ponty 50 anos após sua morte?**

**Luiz Augusto Passos** - Os maiores motivos desta memória é o fato de Merleau-Ponty se constituir num autor que costura consensos no diálogo de distintas correntes filosóficas e científicas. Grandes problemas da humanidade, pelos processos de globalização, se agudizam por tratamentos sempre localizados e parciais, pois são compreendidos como dissociados da rede de interações que compõe a pessoa, as sociedades, o mundo e as questões do universo. Às crises globais respondemos com tratamentos periféricos ou sintomáticos. Buscam-se intervenções eficazes mediante tecnologias de alto impacto exclusivamente voltadas ao

mercado. Ignora-se a fragilidade da vida, e as correções produzem um nível de exclusão das sociedades empobrecidas e em situação de vulnerabilidade ambiental. O pretendido progresso impõe a destruição dos meios de vida, de sobrevivência com destruição de padrões ético-políticos, aniquilação das pessoas pela hipertrofia de partidos e de estado, ou o seu contrário, a afirmação do individualismo e absolutização do narcisismo solitário contra processos de solidariedade e convivência. Sobrevive um materialismo prático destituído de espiritualidade pessoal e sem mística; ou o seu contrário grandes corporações religiosas que sobrevivem de sacrifícios humanos, por interesses monopolistas. Mantém-se a diluição dos direitos humanos numa

atmosfera de justicialismo vazio. Não será possível a felicidade humana, sem que se afirme a esperança na vida em face da dissociação de nossa condição de seres políticos e voltados à comunicação e à comunhão, encarnado em estruturas políticas. Singulares e únicos, particulares como membros de comunidades específicas, universais não apenas enquanto gênero humano, somos seres planetários em comunhão através de uma relação inextricável de todos/as com tudo e todos/as com todas as criaturas animadas e inanimadas do universo.

**Eu-outro-mundo**

Isso corresponde a um programa geral da filosofia de Merleau-Ponty?

Absolutamente não. Ele, contudo, jamais ignorou todas essas dimensões em conjunção e se empenhou também em sua vida com todas as questões que dissesse respeito à guerra, ao terror, à desumanização, à hegemonia, à dominação, à emancipação política, à beleza e ética, à diferença cultural. O que ocorre é que Merleau-Ponty examinou e tematizou todas essas coisas da vida, da existência, dando-lhes o estatuto filosófico, tratando-as em sua origem primordial: a indissociabilidade do eu-outro-mundo; do espaço, tempo, da sexualidade. A *fenomenologia da percepção* registra o equívoco do divórcio entre as polaridades dialéticas pelas quais, diz Merleau-Ponty, todas as filosofias falam de sujeito e objeto, e não raro ou jogam fora o objeto para salvar o sujeito, ou jogam fora o sujeito para garantir a objetividade. Proclama até o fim de que não se neguem as contradições, articulando até o fim os polos contrários, sem eliminar as contradições, trabalhadas na perspectiva da vida.

Adauto Novaes, em entrevista à revista *IHU On-Line*, menciona uma das contradições que se tenta driblar. Diz ele, “suspeitamos que nosso maior problema, hoje, está no descompasso da relação entre ciência e pensamento”. Ou, para usar os termos do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, no surgimento da rivalidade entre o conhecimento científico e o saber metafísico, entendendo por metafísico “não a construção de conceitos através dos quais tentaríamos tornar menos sensíveis nossos paradoxos”, mas como a experiência de todas as situações da história pessoal e coletiva, “e de todas as ações que, assumindo-as, as transformem em razão”. A conclusão de Merleau-Ponty no ensaio *O Metafísico no Homem* define bem nossa condição, hoje: “Uma ciência sem filosofia não saberia dizer literalmente do que fala; uma filosofia sem exploração metódica dos fenômenos só chegaria a verdades formais, isto é, a erros”. Estas são algumas razões que norteiam o evento da UFMT: retomar o caminho difícil de explicitar as ambiguidades, difundir a literatura do filósofo francês, torná-la inspiração teórico-metodológica das pesquisas, e responder ao interesse de

## “Merleau-Ponty se constitui num autor que costura consensos no diálogo de distintas correntes filosóficas e científicas”

professores, mestrandos, doutorandos, professores das redes públicas e particulares.

### Grandes narrativas

Relembro, ainda, uma avaliação de Creusa Capalbo, companheira de estudos do professor Antonio Joaquim Severino, na Universidade Católica da Bélgica, que foi uma das primeiras brasileiras, junto com Joel Martins, a estudar com afinco a fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty. Antonio Joaquim Severino trará da Bélgica também o apreço acerca da obra de Emmanuel Mounier<sup>1</sup>, que se inspirava na fenomenologia de Husserl, e é sobre Mounier que Severino fará sua tese doutoral na PUC-SP. Pode parecer às pessoas que possuam menos contato com a obra de Merleau-Ponty que ela seja uma obra superada ou secundária.

É preciso lembrar que a professora Marilena Chauí<sup>2</sup> produziu sua tese na Sorbonne sobre as anotações desse autor, nos últimos anos de sua existência, quando ministrava aulas no Collège de France. E nesse lugar Merleau-Ponty produziu um projeto ambicioso de revisão em todas as áreas da filosofia com reverberações para todo o conjunto das ciências a partir de balizas inéditas, e quais delas “dariam o que pensar”, menciona Chauí. Seu diálogo era um diálogo com o mundo

<sup>1</sup> Emmanuel Mounier (1905-1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-09-2005 tem como tema de capa Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária, disponível em <http://migre.me/30s20>. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>2</sup> Marilena Chauí: filósofa brasileira reconhecida pela sua ativa participação no contexto do pensamento e política brasileira. (Nota *IHU On-Line*)

contemporâneo. Ora, a fenomenologia sempre quis ser um âmbito de interlocução entre os múltiplos olhares das ciências e das filosofias. O plural que uso é imprescindível, posto que o fato de haver algum meio de campo consensual nessas ciências e nas filosofias, mas nenhuma das duas deve ser reduzir ao campo do consenso.

Penso que não se possa e não se deva restringir conhecimentos, saberes, às grandes narrativas, que pretendiam englobar em visões sistêmicas e orgânicas uma visão de mundo que pretendesse dar conta de tudo. Merleau-Ponty abriu um diálogo ampliado com as posições filosóficas clássicas, o positivismo e o idealismo; debruçou-se também sobre a tradição existencialista e marxista, com as ciências humanas de modo geral: psicologia, pedagogia, antropologia, psicanálise, psiquiatria, ciências políticas, ética, dimensões da guerra, da violência, do terror, do reconhecimento. Isso tornou possível a busca de cotejar diferenças, buscando reiteradamente trazer às luzes invisibilidades e promover um conjunto de dimensões que permitissem evitar escolha entre a produção das ciências e aquela das filosofias.

### IHU On-Line - Por que sua obra é inspiração crescente para todas as áreas do conhecimento?

Luiz Augusto Passos - Merleau-Ponty possui - vou utilizar a expressão do nosso poeta maior mato-grossense Manoel de Barros - uma ampliada noção dos (des-) limites do conhecimento humano e da produção da cultura e das ciências. Cultura e ciência ficaram empobrecidas quando se fecharam em dogmas, definitivos e conclusivos, sob pretensos saberes que delimitam a região do “conhecimento competente”, reservando, como sugere Marilena Chauí, áreas circunscritas para os discursos desautorizados. Merleau-Ponty, a cada achado, debruçava-se outra vez a perguntar pelo “fundo de silêncio que recorta as palavras”. Cultiva teimosia quase obsessiva de voltar sempre ao início, de fazer perguntas instigantes e de promover tremores de terra nas áreas já pacificadas, na suspeita de que é necessário uma hipercrítica. Nesse sentido, numa épo-

ca em que se retornam a evidências “estabelecidas” ou à deificação das “incertezas” como caminho e prática individuais ou sociais, é bom visitar Merleau-Ponty.

### Incapacidade de sínteses

Ele se situa numa conexão pouco visível, na interface entre o moderno clássico e o pós-moderno: dialoga com Descartes, Kant e Hegel; com Marx, Scheller, Freud e Kafka; com Mauss e Lévi-Strauss; com Nietzsche, Foucault e Derrida. Inaugurou áreas de estudos pré-anunciadas por suas teorias que receberam confirmações de importantes descobertas, o circuito da sinestesia corporal, a aprendizagem corporeidade, a transcendência cotidiana; da impossibilidade de ver figura-fundo (a mulher idosa não poderá jamais ser percebida, ao mesmo tempo, com a moça): testemunha nossa incapacidade de síntese: a “fé perceptiva” sobre o outro lado do cubo que não vemos e dizemos que está lá. Percepções corporais vividas produzem um conhecimento do mundo mais adequado, por vezes, que aqueles das ciências modernas.

Meu filho Matheus tinha menos de vinte dias, eu assobiava e via a atenção quase estática como ele me observava. De súbito, cada vez que eu assobiava ele produzia um biquinho como se fosse imitar. Minha mulher dissera que era impressão minha. Comecei a assobiar e ele se encantou por ver a comunicação que havia entre ele e eu. O professor Di Clemente<sup>3</sup> (Grupo de Estudos, Educação & Merleau-Ponty - Gempo/UFMT) menciona a existência, em Merleau-Ponty, do que se pode chamar um “cérebro” antes do cérebro. Os progressos na neurociência, na saúde, no urbanismo, na estética têm partido de contribuições significativas.

**IHU On-Line - Quais são as principais contribuições desse pensador para a filosofia, em específico à fenomenologia e à educação?**

**Luiz Augusto Passos** - Convocávamos nosso encontro falando da existência de fissuras, mas talvez se expresse

<sup>3</sup> Leia uma entrevista com ele publicada nesta edição. (Nota da IHU On-Line)

**“A criança vive o mundo, mergulhada por todos os poros nele, numa relação visceral, intuitiva, cheia de significados, sem que nos seus primeiros anos, possa concebê-lo e expressá-lo como ‘objeto’ do pensamento”**

melhor por alguns abalos sísmicos nas ciências contemporâneas, causados por Merleau-Ponty. Ele contribuiu para alguns consensos, pelo rigor, precisão e linguagem poético-literária que o ajuda a criar conceitos adequados à compreensão dos fenômenos. Ora, as ciências contemporâneas, obcecadas com o fato de que algumas coisas vão mal, trabalham compulsivamente para evitar o naufrágio. O que ocorrerá, caso não forem revistas algumas inadequações acerca da compreensão do mundo, do ser humano, das relações nossas com os/as outros/as e com o mundo? Muitos aspectos da fenomenologia merleau-pontyana não causaram ainda o imprescindível “espanto aristotélico”, essencial para a crítica de paradigmas, das pesquisas. Vou sair de generalidade e exemplificar, avisando que me aventuro, sem a intenção de que se ponha Merleau-Ponty nisso.

Piaget está imortalizado na coleção *Os pensadores*, como filósofo, irritado com textos de Merleau-Ponty que dificultavam alguns princípios da epistemologia genética. O ponto de discordância desencadeador era o texto *Em toda a parte e em parte alguma*, pelo qual Merleau-Ponty contrapõe o devir e o tornar-se, e a localização, como processo vivo. Assim o autor comenta que a filosofia está em todo lugar e em lugar algum, tanto quanto a vida estava em todo lugar e em lugar nenhum, não havia um local estático, um cérebro, que desse conta da abrangência da produção do conhecimento que

passava pela sinestesia de cada um e de todos os sentidos em simultaneidade, produzindo significações, que implicavam num conhecimento sensível, do qual inclusive Merleau-Ponty sugeria a necessidade de reaprender a ver um mundo impossível de se explicar, e que fugia e se recolhia em dobras, envolto em mistério.

### Adultocentrismo

Piaget não ignorou Merleau-Ponty. Leu-o e respondeu desautorizando que isso fosse falado em nome da ciência, entendendo na aporia de “em toda parte e em parte alguma” como licença poética absurda, antirracional, que poderia até atribuir-se a uma sabedoria de senso comum, mas não ao conhecimento das ciências. Merleau-Ponty está longe de ser considerado, por sua complexidade, na grande maioria dos cursos de psicologia e pedagogia. Sua obra *A pedagogia e a psicologia da criança* denuncia a pedagogia como “adultocêntrica”. Há uma forma prepotente e injusta dos pressupostos do desenvolvimento do conhecimento da criança, que a maltrata e, sobretudo, a ignora. A criança vive o mundo, mergulhada por todos os poros nele, numa relação visceral, intuitiva, cheia de significados, sem que nos seus primeiros anos possa concebê-lo e expressá-lo como “objeto” do pensamento. Cada um de nós viveu isso. Somos capazes de vivê-lo com intensidade e de compreendê-lo sensorial e intuitivamente, um mundo mais verdadeiro do que aquele expresso pela razão moderna.

A epistemologia genética tem sido preferencialmente o modelo tanto da pedagogia como da psicologia, que se difunde sem considerar a crítica do Merleau-Ponty. Há na epistemologia genética um sutil etnocentrismo alimentado por um evolucionismo linear - duramente atacado por Hobsbawm<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Eric Hobsbawm: historiador marxista do século XX. Autor de inúmeros livros, entre os quais *A Era dos Extremos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), *A Era do Capital* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A Era das Revoluções* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), *A Era dos Impérios* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988), *Bandidos* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976) e sua autobiografia, *Tempos Interessantes: uma vida no século XX* (São Pau-

em seu prefácio às *Formações pré-capitalistas* de Marx e Engels. Tese de que a humanidade e os sujeitos humanos são estrutural e substancialmente os mesmos; a diferença cultural com distâncias astronômicas de um grupo humano para outro mostra - na expressão de Clifford Geertz<sup>5</sup> - “fósseis humanos” ainda contemporâneos que sobrevivem nas sociedades sem estado, de sorte que essa condição ‘primitiva’ mostra a nós que eles hoje são o que éramos ontem. Do outro lado estamos nós, no plano civilizatório cultural mais complexo. No mais alto patamar de desenvolvimento, obtido pela superioridade do pensamento abstrato, lógico-matemático, que permitiu às sociedades capitalistas, brancas, criar esta sociedade que representa a melhor humanidade possível à qual todas as outras sociedades (atrasadas) deveriam ser estimuladas a diminuir a diferença através de processos tecnológicos de impacto, em curto prazo, acelerado diminuir as distâncias, posto que todas as sociedades estão destinadas universalmente a esse desenvolvimento, por justiça.

### Pedagogia sem ouvidos

Isso legitimaria, diz Hobsbawn, a intervenção do grupo em condições de superioridade de justificar intervenções por meio de aceleração qualificada, para fazê-lo amanhã o que somos nós hoje, permitindo-os o desenvolvimento máximo acenado aos humanos, os moldes da civilização ocidental. Isso se chama, no melhor português, assimilação! Perversão do nosso autoconhecimento que nega efetivamente o outro como o outro, e busca homogeneizar não os reconhecendo como humanidades universais, mas, ao mesmo tempo, diversas. Merleau-Ponty diz na *Fenomenologia da percepção* sobre o tempo o que se poderia dizer em todos os outros âmbitos: “Há mais verdade nas personificações míticas: Companhia das Letras, 2002). (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Clifford James Geertz (1926-2006): antropólogo estadunidense, professor emérito da Universidade de Princeton em Nova Jérsei. Seu trabalho no Institute for Advanced Study de Princeton se destacou pela análise da prática simbólica no fato antropológico, foi considerado, por três décadas, o antropólogo mais influente nos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

## “Merleau-Ponty censura uma pedagogia que não tem ouvidos, olhos para entender a criança, e tem dela os estereótipos gerados por uma cultura tutelar, autoritária que pretende saber e oprime a diferença”

cas do tempo do que na noção de tempo considerado, à maneira científica, como uma variável da natureza em si ou, à maneira kantiana, (...) isso porque enfim há no coração do tempo um olhar, ou (...) alguém para quem a palavra possa ter sentido”<sup>6</sup>.

Professor Fabio Di Clemente, no seminário “Corpo Carne e Ser” que nos ministrava, comentava a severa crítica feita por Merleau-Ponty quando perante um desenho uma criança que expressara a imagem de sua mãe, e a proporção da lágrima excedia em espaço, o desenho. Para Piaget tratava-se de uma incapacidade e falta de maturidade para expressar a harmonia da proporção objetiva do conjunto que se apresentava no real; para Merleau-Ponty era por excesso de entendimento; a leitura preponderante naquela cena era expressa pelo que interessava agora: o sofrimento da mãe. Ela se atinha ao essencial colhido por sua percepção.

Merleau-Ponty censura uma pedagogia que não tem ouvidos, olhos para entender a criança, e tem dela os estereótipos gerados por uma cultura tutelar, autoritária que pretende saber e oprime a diferença concebendo-a, como expressara Dussel, que considera os oprimidos como exterioridade, apêndice e adereço de mau gosto, destituídos de centralidade, entendimento e interioridade.

Merleau-Ponty, ao tratar ainda, o outro, denuncia o processo excluden-

<sup>6</sup> Merleau-Ponty, 1979, p. 425. (Nota do entrevistado)

te e ratifica essa dimensão em suas críticas de *Mauss a Lévi-Strauss*, cujo olhar datado da modernidade não tem consciência de que seu olhar datado invisibiliza o que ela própria não pode e não quer ver. Além disso, reduz as outras sociedades pela transposição da epistemologia moderna, cientificista, de reduzir o desconhecido ao conhecido, de tomar emprestado o modelo das ciências da natureza e das suas sociedades para uma leitura contrastante e comparativa - não se comparam sem injustiça coisas diferentes! - impedidas de reconhecer o outro por ele mesmo, e olhá-lo como dependente, tutelado e “menor”. Não era raro afirmar que os nativos fazem rituais e conduzem cerimônias com alta densidade simbólica, mas precisam recorrer ao antropólogo para dizer-lhes o que estão mesmo fazendo. Reduz-se, assim, as sociedades à mesmidade, e como negativo e faltante nelas, daquilo que possuímos em excesso.

### IHU On-Line - Como se articulam os conceitos da fenomenologia de Merleau-Ponty e Paulo Freire nos movimentos sociais na década de 1980?

**Luiz Augusto Passos** - Somente no doutorado da UFMT, por provocação de Maria de Lurdes Bandeira de Lamonica Freire, fui desafiado a ler a *Fenomenologia da percepção* em diálogo com a descrição densa de Clifford Geertz. Isso se constituiu num privilégio e compromisso que herdei de levar adiante este diálogo. Paulo Freire, ao contrário, era trabalhado na Paróquia Nossa Senhora do Rosário, de Cuiabá, MT, dos jesuítas, da qual participei desde o final de 1979. O trabalho acontecia numa perspectiva freiriana no que dizia respeito às ações educacionais e políticas, aspecto indivisível de Freire. A paróquia mantinha movimentos populares e círculos de cultura, um deles sistemático no bairro Quarta-Feira, com crianças e adolescentes que faziam uma horta comunitária na casa da Ir. Dineva Vanuzzi, falecida há pouco, e se organizavam contra os processos de repressão conduzidos pelo Estado e pelo aparato policial militar que realizava execuções. A paróquia se inspirava na teologia da libertação e foi importantíssima a presença do padre João Ma-

noel Lima Mira<sup>7</sup> que iniciara em Cuiabá o trabalho com universitários improvisando um restaurante naturalista e macrobiótico, bem como aulas livres de kung fu. Tratava-se, pela teologia da libertação, de convergência com os mesmos caminhos da “gentificação” - isto é, a arte de contribuir na feitura das pessoas pela comunhão, proporcionando autonomia e emancipação, e atuação de denúncia e anunciação, na perspectiva do reino de justiça, que já estava em parte entre nós, reino de paz, liberdade, justiça e de vida em plenitude. O projeto de humanização plena, as dimensões da justiça, da liberdade estão todos presentes em Merleau-Ponty.

### Contato com o marxismo

Tivemos em vista em nossos trabalhos de pesquisa no GPMSE algumas orientações teórico-metodológicas que fomos buscar na fenomenologia de Merleau-Ponty. Sabíamos que havia uma imensa comunhão de Paulo Freire com o pensador francês. Tenho sobre isso um verbete no *Dicionário Paulo Freire* em que expresso mais extensamente a relação entre fenomenologia de Merleau-Ponty e Freire. Freire se dizia dialético e fenomenológico. Desde a *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire possui a consciência da relação visceral entre esta pedagogia e a fenomenologia. Mas implica, como em Merleau-Ponty, muitos pontos de contato com o marxismo. Alguns princípios nos impulsionam, como a inseparabilidade entre sujeito e objeto que coexistem, ainda que o mundo nos preceda. Merleau-Ponty pergunta: “Quando minha mão direita toca meu braço esquerdo, quem é que toca e quem é tocado?” Na verdade, sujeito e objeto se fundem naquele momento e adquirem uma coincidência inclusive sofisticada, na qual estou ao mesmo tempo dentro e fora de mim, imanente e transcendente a mim, vidente e sensiente ao mesmo tempo. Não aplainamos polos de contradição;

<sup>7</sup> João Manuel Lima Mira: padre jesuíta, morreu aos 61 anos de idade, em janeiro de 2010. Conhecido como Padre Mira, foi o primeiro estrangeiro, depois de 1400 anos, a ser acolhido, no Japão, no grupo xintoísta Yamabushi. Sobre sua vida e morte, leia a notícia publicada no sítio do IHU em 12-01-2010, disponível no link <http://bit.ly/urmiKl> (Nota da IHU On-Line)

**“O mundo só era natural no período precedente à nossa entrada nele. A partir daí temos a inauguração de uma confusão - assim chamada por Merleau-Ponty entre eu, outro, mundo, com certa reversibilidade inconclusiva”**

mantemos a ambiguidade - conceito merleau-pontyano - até o fim. Ambiguidade que só pode ser suprimida por má fé, ou admitindo uma preponderância de um dos polos sobre o outro. O mundo só era natural no período precedente à nossa entrada nele. A partir daí temos a inauguração de uma confusão - assim chamada por Merleau-Ponty<sup>8</sup> entre eu, outro, mundo, com certa reversibilidade inconclusiva. Buscar enxergar todos os sentidos possíveis, posto que a realidade é polissêmica e inesgotável.

Muniz Rezende dizia: há sentido, e alguns só percebidos por outros olhares. É preciso, reincidentemente, realizar uma interlocução de perspectivas e de olhares e dos lugares experimentados por outras humanidades que lhe permitiram conhecer o mundo só acessível por sua carne e naquele lugar donde nós não poderemos estar. Compartilhar desarmadamente sentidos significa crescer outros sentidos plausíveis que permitam ampliar o conhecimento do mundo e nos aproximar do sentido humano e histórico, antes invisíveis. Saber que a realidade é mistério, como nós mesmos somos mistérios, parcialmente revelados pela face do outro que me diz, em parte, o que sou. Vale Manoel de Barros: “O melhor de mim são os outros!” Não damos conta de nós! Somos incompletudes. O

<sup>8</sup> *Fenomenologia da percepção*, p. 518. (Nota do entrevistado)

mistério que somos, contudo, não nos conduz a um epistemicídio. Leonardo Boff diz de maneira feliz que mistério não é o que não podemos conhecer, mas que ao conhecer somos impelidos muito além, mostrando-nos outra vez nossa impotência da abraçar a totalidade. Merleau-Ponty fala de horizontes que aos nossos passos recuam sempre mais.

### Captando invisibilidades

Nossas pesquisas se voltam a investigar os sentidos que movem as pessoas, e priorizamos pessoas e movimentos coletivos dos setores populares por razão de justiça. Professor Di Clemente busca em Merleau-Ponty a relação do “sistema dos objetos” com “o sistema humano”, “abraçados”. Nossas pesquisas não comunicam apenas o que percebemos, mas de onde e como percebemos. Não nos negamos como autores/as, pois a interpretação só é plausível na intersubjetividade. Deixar explícito que nossos escritos possuem interesses, o que vemos, compreendemos e interpretamos não é de imaculada conceição. Não pretendemos que o que vimos e interpretamos seja ponto de chegada, síntese universalmente válida, conclusiva acerca do mundo: não é. Buscamos captar invisibilidades, sentidos ocultos. Não nos debruçamos sobre dados significativos estatisticamente, mas aqueles que quebram e que, apesar da globalização e da homogeneização - aquela singularidade ali circunscrita -, permite um mundo mais oxigenado e menos petrificado. Não pretendemos que nossos trabalhos e pesquisas tenham aderência universal e sirvam como receita de bolo a outras pesquisas.

### IHU On-Line - Quais são as proximidades entre o pensamento de Merleau-Ponty e Mounier?

Luiz Augusto Passos - Mounier teve duas faces muito decisivas. Era um filósofo de rara envergadura intelectual, um mestre e raro comunicador. Possuía uma coerência e envergadura ética que respaldava abrir diálogo com todas as correntes políticas e ideológicas e com os governos. Além disso, era um místico: cristão ativista, corporifi-

cava, diria Freire, o que acreditava. As proximidades entre Merleau-Ponty e Mounier vinham da atuação de ambos no campo da cátedra. No campo do diálogo político face às situações injustas, emprestava sua voz. Ambos eram homens de partido, com ideais democráticos e de justiça social muito definidos. As questões epistemológicas de Merleau-Ponty são ressaltadas na entrevista de Aduato Novaes. Di Clemente desenvolve as questões da bioética e da biopolítica em Merleau-Ponty em sua livre docência. Referência decisiva é aquela hoje expressa pela ética da libertação do argentino Enrique Dussel<sup>9</sup>, para Mounier e Freire: o princípio categórico e absoluto de qualquer ética é a vida, e a resistência e luta contra tudo que conduza à morte, como o terrorismo de Estado, os totalitarismos e qualquer opressão aos mais oprimidos.

### Perseguições

Merleau-Ponty fala que o totalita-

<sup>9</sup> Enrique Dussel (1934): filósofo argentino radicado (exilado) desde 1975 no México. É um dos maiores expoentes da filosofia da libertação e do pensamento latino-americano em geral. Autor de uma grande quantidade de obras, seu pensamento discorre sobre temas como: filosofia, política, ética e teologia. Tem se colocado como crítico da pós-modernidade chamando por um novo momento denominado transmodernidade. Tem mantido diálogos com filósofos como Apel, Gianni Vattimo, Jürgen Habermas, Richard Rorty, Lévinas. É um crítico do pensamento eurocêntrico contemporâneo. (Nota da IHU On-Line)

rismo é uma tara. Sai do Partido Comunista ao qual se filiara quando da invasão da Hungria. Sofre perseguição junto com Jean-Paul Sartre por apoio à Guerra da Argélia contra a França. Mounier é o grande criador da pedagogia da alternância retomada pelo Movimento dos Sem Terra - MST, e estendia a educação não somente aos jovens, mas às suas famílias. Ao contrário do que parece, Merleau-Ponty tinha um simpatia pela Igreja, mas sofria críticas por parte dela, pois pontuava a ausência da democracia interna, e as questões "enciclopedistas" que tomaram a moral sexual da igreja. Estava nas ruas de Paris nas grandes manifestações políticas, como Mounier e Freire.

Mounier estabeleceu grande corrente de diálogo onde vigia intolerância. Merleau-Ponty o fazia escrevendo. Em suas aulas era muito expressivo, mas tímido fora delas. Ambos consideravam ser a educação um direito, como tarefa política cuja centralidade era a própria o educando, fosse ele criança, adolescente ou adulto. Havia em ambos um conceito das crianças como seres de direitos inalienáveis e como cidadãos plenos. E toda a educação era voltada para a vida com uma perspectiva de conhecimento em profundidade e não em extensão, herança da Escola Nova de Dewey.

**IHU On-Line - Quais são as atividades previstas no Simpósio Merleau-Pon-**

**ty: cinquenta anos da morte do autor, organizado pela UFMT?**

**Luiz Augusto Passos** - Esperamos um público em torno de 450 pessoas no Teatro Universitário da UFMT. O clima é de exposição de telas inspirados no tema *Quiasma*, do artista plástico de renome internacional Claudyo Casares, uma delas realizada para a arte do evento, a releitura de *A dança* de Matisse. Começaremos com a execução da *Sonata de Viteuil* que Merleau-Ponty tinha por referência. Ela rompe com o sentido clássico, tanto quanto a estética merleau-pontyana, e terá arranjo do professor pesquisador e maestro Abel Santos, que a executará na Viola de Cocho cuiabana junto à camerata formada pela Orquestra Sinfônica da UFMT. Conferencistas de âmbito internacional, como Serge Latouche, Fabio Di Clemente, Creusa Capalbo, que circula nos ambientes merleau-pontyanos na Europa, e Edebrando Cavalieri (UFES) são conferencistas do encontro. Outras presenças serão Gabriel Mograbi (UFMT), Jovino Pizzi (UFPEL), Regina Célia Popim (Unesp), Reinaldo Matias Fleury (Mover/UFSC), Diélcio Moreira e Celso Prudente (Cinema Negro, Comunicação e Linguagem) e Guilherme Romanelli, pesquisador, maestro, e violinista da UFPR. O evento terá oficinas, rodas de conversa, apresentação de trabalhos, conferências comentadas e ampliadas. Portanto, uma festa no coração da América Latina, seu marco geodésico.

## Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2011

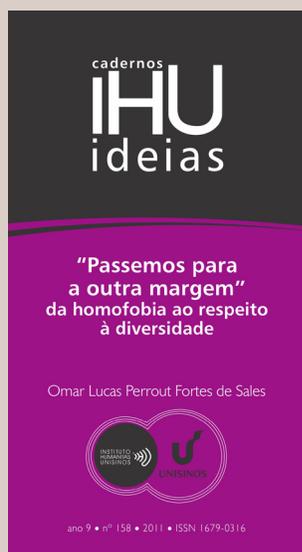
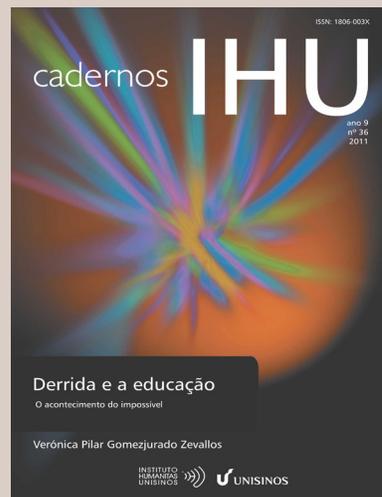
Amartya Sen: o desenvolvimento como liberdade para a superação da fome, da miséria e do mal-estar social

Data: 7/11/2011

Prof. Dr. Flavio Comim - UFRGS

Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

## Artigo da semana

### Uma visão sintética do “estado da arte” da implementação do SUS

POR NELSON RODRIGUES DOS SANTOS

**D**ando continuidade ao debate levantado na **IHU On-Line** número 376, de 17-10-2011, publicamos, nesta edição, o artigo que segue, enviado pelo professor Nelson Rodrigues dos Santos, da Unicamp. Ele escreveu este texto inspirado pelas perguntas enviadas pela redação da **IHU On-Line**. Com a finalidade de contribuir para a reflexão sobre a complexidade sociopolítico-econômica que envolve o desenvolvimento do SUS, e que usualmente são expostas à opinião pública sob ângulos parciais ou unilaterais, Nelson propõe cinco questões centrais, “polêmicas para os gestores e o controle social, e que são usualmente expostas à opinião pública sob ângulos unilaterais, o que limita e fragiliza o debate democrático e a mobilização da sociedade”.

Nelson Rodrigues dos Santos é professor colaborador da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, presidente do Instituto de Direito Sanitário Aplicado - Idisa e consultor do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde - Conasems. Confira o artigo.

Todos sabemos que é responsabilidade constitucional do poder Executivo implementar o disposto na Constituição e na Lei e, para tanto, valer-se da prerrogativa de formular e realizar as estratégias necessárias. Sabemos também da grande conquista democrática das entidades e movimentos sociais na saúde, da criação, pela lei n. 8142/90, das Conferências e Conselhos de Saúde, esses tendo como primeira atribuição legal atuar na formulação de estratégias. Desde então, os colegiados de gestores e os conselhos de saúde formulam estratégias decisivas para o bom desenvolvimento do SUS, congruentes com os princípios e diretrizes constitucionais, como intensiva criação e funcionamento dos conselhos e conferências de saúde nos municípios e estados, a criação dos colegiados intergestores nacional e estaduais, a pactuação de normas básicas ordenadoras da descentralização, a surpreendente produtividade da ges-

tão descentralizada que incluiu, em uma década, metade da população antes excluída, a efetivação da direção única em cada ente federado com extinção do Inamps, a criação dos fundos de saúde nos entes federados e o repasse fundo a fundo, a contínua e acentuada elevação da parcela municipal no financiamento do SUS, revelando que somente os municípios rompem com a cultura de adotar o “mínimo” como “teto”, a assunção da Atenção Básica como a grande estratégia para efetivação da universalidade, integralidade e equidade com qualidade em todo o sistema, e mais recentemente, a criação dos colegiados regionais, hoje, as comissões intergestores regionais.

Torna-se inabdicável o reconhecimento de que nesses mais de 20 anos foram formuladas e vêm sendo realizadas outras estratégias, incongruentes com os princípios e diretrizes constitucionais, como a contínua e pronunciada retração da parcela

federal no financiamento do SUS, os fortes e contínuos subsídios federais aos planos e seguros privados de saúde, hoje equivalentes a mais de 40% do orçamento do Ministério da Saúde e 25% do faturamento das respectivas operadoras privadas, a resistência pétrea à reforma democrática da estrutura administrativa do Estado, adequando-o ao atendimento eficiente, qualitativo e eficaz das demandas sociais na saúde, e a imutabilidade na relação público/privado antirrepublicana, promíscua e antissocial vigente.

Por fim, não há como não reconhecer que o imbricamento das estratégias congruentes e incongruentes com os princípios e diretrizes do SUS, além da grande tensão e angústia dos gestores e conselhos de saúde, vão deixando um saldo amargo: toda a classe média e todos os trabalhadores privados e públicos da economia formal afiliam-se aos planos privados e usam complementarmente o SUS; a

Atenção Básica não consegue apontar rumo à universalidade, à alta resolução, à porta de entrada preferencial e à estruturação/ordenação do conjunto do sistema; a inclusão social (inabdicável) processa-se sob a vigência e hegemonia do modelo “da oferta” e não das necessidades e direitos da população.

Com a finalidade de contribuir para a reflexão sobre a complexidade sociopolítico-econômica que envolve o desenvolvimento do SUS, e que usualmente são expostas à opinião pública sob ângulos parciais ou unilaterais, seguem-se cinco questões centrais, polêmicas para os gestores e o controle social, e que são usualmente expostas à opinião pública sob ângulos unilaterais, o que limita e fragiliza o debate democrático e a mobilização da sociedade. Após as cinco questões centrais, seguem-se seis recomendações de ação política pelo SUS, iniciando pelas relações dos conselhos de saúde com as entidades e movimentos da sociedade.

### **Cinco questões polêmicas e centrais para os gestores e o controle social no SUS**

**I. Ênfase nos valores** - Na divulgação dos gastos públicos na saúde, chama atenção a ênfase dada aos valores numéricos - milhões e bilhões de reais que, apesar do impacto na opinião pública, pouco revelam e mobilizam sobre sua suficiência perante a capacidade arrecadatória do Estado e as necessidades da população. Novas ênfases e novas questões centrais devem estar nas divulgações e nos debates como:

**I.1. Per capita anual dos recursos públicos com base na comparação internacional por meio do dólar padronizado pelo poder e compra (OMS)** - O Brasil está em torno de 340 dólares públicos, enquanto a média dos países mais ricos e os europeus com os melhores sistemas públicos de saúde está em torno de 2 mil dólares públicos. Na América do Sul, temos a Argentina, Chile e Uruguai com per capita público para a saúde acima do nosso. A Argentina, 42% acima e Chile 27% acima.

**I.2. Crescimento da capacidade de arrecadação** - Nossa capacidade arrecadatória vem crescendo acentuadamente: em pesquisa de 1995 a 2004, a Receita Corrente da União cresceu de 19,7% para 26,7% do PIB, mantendo a curva de crescimento até o momento, apesar da extinção da CPMF no final de 2007. No mesmo período da pesquisa (1995 a 2004), os gastos do Ministério da Saúde caíram de 9,6% para 7,5% da mesma Receita Corrente da União, tendência que também continua.

**I.3. Porcentagem do PIB com gastos em saúde** - os gastos totais (públicos e privados) oscilam entre 9 e 10% nos países mais desenvolvidos, incluindo os que apresentam os melhores sistemas públicos de saúde, e esta porcentagem vem refletindo o limite de sustentabilidade pelas respectivas sociedades. No Brasil estamos com 8,4% próximo a esse limite, mas o centro da questão está nos gastos públicos que compõem estas porcentagens: nos referidos países estão entre 6 e 8% do PIB, enquanto o Brasil está com 3,5%, abaixo da Argentina, Chile, Uruguai e Costa Rica. Para nos equipararmos à Argentina e Chile, precisaríamos um acréscimo de 45 bilhões de reais no orçamento do Ministério da Saúde, bem acima dos 32,5 bilhões estimados pelos 10% da Receita Corrente Bruta, um dos pleitos da regulamentação da EC-29.

**II. Instalação de recursos novos** - A ênfase dada para um salto na capacidade gestora e gerencial com base nas tecnalidades produtivistas de custo/efetividade, no âmbito do modelo de atenção hoje predominante, com porta de entrada preferencial nos serviços assistenciais de média densidade tecnológica -eletivos e de urgência - onde predomina o pagamento por produção em rede laboratorial e hospitalar privada complementar, implementa na prática outro sistema público anti-SUS. Mas o centro da questão do imprescindível e inadiável salto deve enfatizar a adequação e realização das referidas tecnalidades, com exclusividade à cobertura da Atenção Básica à

Saúde, conferindo-lhe prerrogativas para o ordenamento das linhas de cuidado integral e na construção da regionalização. Valiosíssimos projetos elaborados pelas comissões intergestores ao nível nacional, estadual e regional encontram-se em plena fase de pactuação, além do Pacto de Fev./2006, do Decreto 7508/2011 e da Lei N. 12.466/2011. Por isso, torna-se inequívoca a imperiosa a alocação de recursos novos, volumosos o necessário para impactar, por etapas e estratégias definidas junto aos conselhos de saúde, a retomada do rumo da universalidade, integralidade, equidade, incluindo gestão pública do pessoal de saúde com participação e adesão de todos os trabalhadores de saúde. Vale ressaltar que o acréscimo de 32,5 bilhões de reais correspondentes a 10% da RCB aos valores atuais colocará nosso país em patamar de quase 500 dólares públicos habitantes-ano e pouco mais de 4% do PIB para o setor público de saúde, ainda muito baixo, porém seguramente suficiente para a retomada do rumo constitucional do desenvolvimento do SUS aqui exposto.

**III. Tamanho da carga tributária (porcentagem do volume da arrecadação no PIB)** - encontra-se no Brasil, por volta de 35,5% e objeto de permanente crítica e pressão de setores empresariais e da elite social, e seus agentes na mídia, como excessiva e antissocial. Quais os destinos dos gastos públicos consequentes à arrecadação. Informação: pesquisa do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário em 2009 analisou o Canadá, Inglaterra, Espanha, Itália, França e Dinamarca em 2007, com cargas tributárias entre 33,3% e 48,9% dos seus PIBs, e que dispõem a toda a população, sistemas públicos de qualidade e gratuitos de saúde, educação e previdência, segurança pública e ausência de pedágio, e sem carga tributária na agenda dos pleitos da sociedade. No Brasil, por comparação, a população com renda mensal entre 3 e 10 mil reais, trabalhou em 2008, em média, 117 dias para poder adquirir no mercado aquela relação

de serviços básicos, e reformar nosso sistema tributário, que recolhe 54% da renda familiar dos que recebem até dois salários mínimos mensais, e 29% dos que recebem acima de 30 salários-mínimos, além de penalizar a produção e folha em 25,3% e a renda e patrimônio em apenas 7,9%.

**IV. Peso da “fatia” saúde no Orçamento Geral da União - OGU -** é apresentado pelo atual “pensamento econômico” e seus agentes na mídia, como privilegiado por comprimir os orçamentos de outras áreas, como educação, assistência social, transporte, segurança pública, energia, saneamento, etc., estimulando, inclusive, disputas orçamentárias entre esses setores. As respectivas porcentagens podem criar essa falsa ideia quando avaliadas isoladamente. Em 2010, foram: 3,9%, 2,8%, 2,7%, 0,7%, 0,5%, 0,04% e 0,04%. Acima desses setores básicos, estão a Previdência com 22,12% e as transferências obrigatórias aos estados e municípios, também básicas. Porém, acima de todas, está a dívida pública com 44,93% (juros, amortizações, refinanciamento e outros serviços financeiros), totalizando em 2010, 635 bilhões, dos quais, por volta de 200 bilhões só de juros. A nova ênfase deve ser na democratização da informação e do debate sobre os critérios de por que e como os setores são básicos ou não, e quem comprime quem.

**V. Regulamentação da EC-29** - além do grande avanço na definição do que são as ações e serviços de saúde a serem financiados pelo SUS, formulado pelo Conselho Nacional de Saúde e encampado e aprimorado no Congresso Nacional, o debate econômico encontra-se centrado na criação ou não de novo imposto ou contribuição social, quando deveria ser decorrência ou na sequência. A questão central está na inflexibilidade da política de Estado de não vincular porcentagem da arrecadação à saúde, demonstrada na rejeição dos 30% do OSS (1990), na retirada da contribuição previdenciária da base de cálculo para o SUS (1993),

na imposição de caráter substitutivo à CPMF (1996), na “virada” de última hora das negociações de 10% de cada esfera pela EC-169, impondo 15% aos municípios, 12% aos estados e a VNP à União (2000), o que significou na prática, prosseguir retraindo a parcela federal, que caiu de 75% em 1980 para 44% em 2010, tendência que permanece. E, por final, o desafio da regulamentação desde 2003. Merece lembrar que esta mesma política de Estado é responsável também pelo crescimento ininterrupto, há mais de 20 anos, de várias formas de subsídios públicos às empresas operadoras de planos e seguros privados de saúde, e hospitais de grande porte por elas credenciados, estimados hoje em mais de 25% do faturamento anual do conjunto dessas empresas. Essa questão é a central e estruturante porque expõe um forte indicador de responsabilidade na política pública: qualquer que seja o tamanho da arrecadação, esse critério é definidor por si, o que é testado na prática pelos municípios, estados e Distrito Federal desde 2000.

O escalonamento anual da aplicação dos 10% da Receita Corrente Bruta e a introdução de medidas incrementadoras da arrecadação podem e devem ser negociadas e pactuadas, mas sem constituírem condições *sine qua non* para a regulamentação com os 10% da RCB, com pena da política pública constitucional continuar refém do equívoco estrutural de onde está a questão central.

Exemplos de medidas incrementadoras da arrecadação a serem negociadas e pactuadas em curto e médio prazos:

- Incremento da taxa sobre itens danosos à saúde ou que geram alto custo para o SUS.

- Redução efetiva e parcelada dos gastos tributários (renúncias fiscais) e demais formas de subsídio público ao mercado na saúde.

- Tributar os jatinhos, helicópteros, iates e lanchas de luxo, hoje isentos, sob o mesmo critério do IPVA para os carros.

- Redução da taxa de juros da dívida pública (cada 1% que cai corresponde a 10 bilhões de reais ganhos

no OGU).

- Vinculação prospectiva de recursos como os do pré-sal.

- Obrigar em Lei que o valor declarado da terra para pagamento do ITR seja o valor assumido pela União nos processos de desapropriação.

- Tributar a remessa de lucros ao exterior, hoje isenta. Somente em agosto/2011, foram remetidos mais de 5 bilhões de reais.

- Tachação das grandes fortunas.

- E criação de uma contribuição social para o Sistema Público de Saúde.

### Desafio

Vale lembrar que o projeto de n. 121/2007 do ex-senador Tião Viana, que contempla o critério dos 10% da RCB, com acréscimo de 32,5 bilhões de reais e implementação escalonada, iniciando com 16,9 bilhões no primeiro ano, representa a vitória do critério de cálculo e de nova responsabilidade da política pública de Estado, significando certamente uma postura “estadista” dos atuais poderes legislativo e executivo. Por outro lado, o projeto n. 306/2008, oriundo do projeto inicial n. 01/2003, dos ex-deputados Roberto Gouveia e Guilherme Menezes, mas revertido posteriormente para a continuidade do critério VNP, acrescentará somente 8,2 bilhões de reais, caso aprovada a CSS (sem o Fundeb e com a DRU), e perderá 7 bilhões (sem o Fundeb), sem aprovação da CSS. Diferentes alternativas poderão ser propostas e negociadas. Mas, para a sua avaliação e posicionamento, permanece o desafio de qual é a questão central.

### LEIA MAIS...

Confira outras edições da Revista IHU On-Line sobre o SUS:

\* Sistema Único de Saúde. Uma conquista brasileira. Revista IHU On-Line, edição 376, de 17-10-2011, disponível em: <http://migre.me/61LN8>;

\* SUS: 20 anos de curas e batalhas. Revista IHU On-Line, edição 260, de 02-06-2008, disponível em: <http://migre.me/61LuL>;

\* Saúde Coletiva. Uma proposta integral e transdisciplinar de cuidado. Revista IHU On-Line, edição 233, de 27-08-2007, disponível em: <http://migre.me/61Lww>.



## Globalização, tecnologias digitais e os questionamentos éticos

A tecnologia digital pode e deve ser usada para transmitir serviços e conceitos de cidadania

POR SÉRGIO MATTOS\*

O intenso processo de globalização, no qual todos os países e suas estruturas internas, inclusive as de comunicação, estão envolvidos, começa a refletir mudanças e novos desafios devido às tendências já constatadas da globalização *versus* regionalização. O termo globalização, em si, sugere que as atividades políticas, econômicas e sociais estão se transformando em escala mundial, como fenômeno universal que atinge, ao mesmo tempo e por igual, todos os cantos do planeta.

Anthony Giddens<sup>1</sup> define globaliza-

<sup>1</sup> Anthony Giddens: sociólogo inglês, foi diretor da “London School of Economics and Political Science” (LSE). É autor de 34 obras, publicadas em 29 línguas, e de inúmeros artigos. Em 1985 foi co-fundador da “Academic Publishing House Polity Press”. É também conhecido como o mentor da idéia da Terceira Via. Entre suas obras publicadas em português citamos *As Consequências da modernidade* (Oeiras: Celta, 1992); *Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber* (Lisboa: Editorial Presença, 1994); *Transformações da Intimidade - Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas* (Oeiras: Celta Editora, 1996).

ção como sendo a intensificação das relações sociais, mundiais que ligam localidades distantes, de tal modo que acontecimentos locais podem ser influenciados por eventos que estão ocorrendo a centenas de quilômetros de distância e vice-versa. Dessa forma, a globalização está relacionada também com a interseção de presença e ausência, o entrelaçamento dos eventos sociais e relações sociais à distância com contextualidades locais. Segundo as interpretações de Gabriel Bar-Haim, a mídia parece sugerir a existência de uma cultura global que não se constitui numa entidade em si mesma, mas é um conglomerado de eventos culturais internacionais que refletem a multiplicidade de todas as sociedades, cujas diferenças culturais podem ser minimizadas, mas suficientemente caracterizadas para serem percebidas como exóticas.

É inegável que o acesso a informações por meio da mídia pode influen-

(Nota da IHU On-Line)

\* Sérgio Mattos é jornalista diplomado, mestre e doutor em Comunicação pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos, e professor adjunto da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. É autor de vários livros de comunicação dentre os quais se destacam: *História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política* (Vozes, 5. ed. 2010); *O guerreiro midiático - Biografia de José Marques de Melo* (Vozes/Intercom, 2010); *Mídia controlada: a história da censura no Brasil e no mundo* (Paulus, 2005), e *O contexto midiático* (IGHB, 2009) entre outros. Participa e contribui regularmente das atividades do Grupo Cepos. E-mail: <sasmattos@gmail.com>.

ciar no nosso modo de viver. A globalização é avassaladora e pode provocar padronização cultural. Trata-se de uma realidade diante da qual precisamos tomar uma atitude, uma vez que ela tem eliminado diferenças entre produtos, cuja diferenciação passou a ser a ética da massa, ou seja, a imagem institucional da empresa. Por isso os efeitos imediatos da globalização são considerados predatórios. Ao mesmo tempo, entretanto, o processo da globalização pode levar a países e pessoas benefícios ainda não totalmente dimensionados, como o acesso a milhares de informações e de produtos das regiões mais distantes do planeta.

Nos últimos onze anos o cenário das comunicações sofreu significativa mudança estrutural devido ao desenvolvimento tecnológico que contribuiu para o surgimento de um ambiente de convergência midiática e para a produção de conteúdos multimídia. Isso foi possível graças ao desenvolvimento da internet e da digitalização dos conteúdos de áudio, vídeo e texto. Por meio da internet pode-se transportar, armazenar e redistribuir produtos audiovisuais, dados e voz (Voip - voz sobre protocolo de internet). A convergência permitiu uma mudança na relação entre as redes de produtores e transmissores de conteúdos com os prestadores de serviços. Antes, uma rede atuava como suporte para a prestação de um único serviço. Agora, com o avanço da tecnologia, constata-se a tendência de uma mesma rede ofere-

cer mais de um serviço.

Alicerçada em alto nível de qualidade técnica que lhe permite competir no mercado internacional, exportando seus programas para dezenas de países, participando assim das novas tendências de um mercado cada vez mais globalizado, a televisão brasileira começou este milênio em plena maturidade. Em contrapartida, as novas perspectivas mundiais que lhe são impostas levam a televisão também a enfrentar e se adaptar a esta nova etapa, na qual a própria tecnologia que tanto ajudou no seu desenvolvimento passou a competir com ela mesma, devido ao avanço da informática, da internet, da televisão paga, da tecnologia digital e das novas aspirações e conceitos que impulsionam a humanidade neste milênio.

O avanço das novas tecnologias digitais permite o desenvolvimento de novos instrumentos de comunicação, mas ao mesmo tempo em cria uma série de questionamentos de ordem ética, além de contribuir para transformar o homem num ser cada vez mais individualista. Outro aspecto a se considerar é que as novas tecnologias digitais podem facilitar ainda mais o processo da globalização da cultura e da política, contribuindo diretamente para a construção de um “pensamento único”. Diante dessa perspectiva surgem perguntas básicas com as quais devemos nos preocupar:

1) Como as tecnologias digitais podem trabalhar em favor da interatividade, viabilizando uma comunicação

mais democrática?

2) Como minimizar ou superar o processo de exclusão digital?

3) Qual é o tipo de inclusão digital que desejamos para o país?

Respostas a estas perguntas devem ser dadas, num futuro próximo, pelos estudos e debates que já estão sendo realizados por acadêmicos, grupos de estudo dos ministérios e organizações não governamentais preocupados com a inclusão social e digital.

A tecnologia digital pode e deve ser usada para transmitir serviços e conceitos de cidadania, além de abrir perspectivas para o aumento e veiculação da produção televisiva independente. Com a interatividade permitida pela tecnologia, grupos comunitários de cultura poderão facilmente se transformar em produtores de conteúdo, fortalecendo a diversidade cultural.

Espera-se que a tecnologia digital aumente a democratização dos canais comunitários (de rádio e TV) e que eles possam atingir a massa da população, cumprindo com sua função de prestar informações e cultura e contribuindo para transformar os usuários em produtores de conteúdos. Isso porque, com a tecnologia digital, o usuário deixa de ser um telespectador passivo e passa a ser um sujeito ativo. A tendência, portanto, é que o cidadão deixe de ser apenas um receptor e consumidor da programação televisiva e se transforme também em um produtor de conteúdo e transmissor de ideias.



## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 24-10-2011 a 30-10-2011.**

**COP-17 e o impasse de Kyoto**

Entrevista especial com Maureen Santos, assessora do Núcleo Justiça Ambiental e Direitos da FASE

Confira nas Notícias do Dia de 24-10-2011

Acesse no link <http://bit.ly/r5kg8N>

Segundo assinala a assessora do Núcleo Justiça Ambiental e Direitos da FASE, “o Protocolo de Kyoto, apesar de ser extremamente reducionista, não está sendo valorizado”.

**“A flagrante discriminação da mulher na Igreja é um escândalo”**

Entrevista com Teresa Forcades, monja beneditina

Confira nas Notícias do Dia de 25-10-2011

Acesse no link <http://bit.ly/tx941D>

A monja beneditina constata que “nenhum papa se atreveu a proclamar ex-cathedra a proibição da ordenação de mulheres”.

**Transgênicos contaminam as sementes crioulas**

Entrevista especial com Magda Zanoni, bióloga

Confira nas Notícias do Dia de 26-10-2011

Acesse no link <http://bit.ly/rMSOUc>

Segundo declaração da bióloga, “há risco de consumo de transgênicos porque inexistem estudos epidemiológicos que comprovem a não existência de riscos”.

**Encontro de Assis: uma “viagem fraterna” rumo a um horizonte maior**

Entrevista especial com Faustino Teixeira, teólogo

Confira nas Notícias do Dia de 27-10-2011

Acesse no link <http://bit.ly/upNdTE>

O teólogo comenta a 3ª edição da Jornada Mundial de Oração pela Paz, realizada semana passada em Assis, na Itália, e define: “uma ‘viagem fraterna’ visando a meta misteriosa e transcendente que Deus estabeleceu para todos”.

**BNDES tem discurso verde e prática cinza**

Entrevista especial com João Roberto Lopes Pinto, integrante da Plataforma BNDES

Confira nas Notícias do Dia de 28-10-2011

Acesse no link <http://migre.me/61MQu>

O integrante da Plataforma BNDES constata que “assiste-se a um processo de financeirização das políticas ambientais e da própria natureza, esvaziando dramaticamente o sentido público do direito”.

**“As redes sociais e a internet deram ao mundo um novo fôlego em termos de cidadania”**

Entrevista especial com Paulo Faustino

Confira nas Notícias do Dia de 29-10-2011

Acesse no link <http://bit.ly/tXkuHZ>

O debate brasileiro em torno da criação de um marco regulatório para a mídia “está desfocado e não é esclarecedor”, adverte o pesquisador português.

### O IMPACTO DA PLANTAÇÃO EXTENSIVA DE EUCALIPTO NAS CULTURAS TRADICIONAIS

DATA: 3/11/2011

PROF. MS MARCELO HENRIQUE SANTOS TOLEDO - UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ/SP  
INFORMAÇÕES EM [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

## IHU em Revista

# Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

<b>Dia 03-11-2011</b>	
Evento: IHU ideias	
Palestrante: Prof. MS Marcelo Henrique Santos Toledo - Universidade de Taubaté-SP	
Tema: O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais	
Horário: 17h30min às 19h	
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU	
Maiores informações: <a href="http://bit.ly/sAXpQa">http://bit.ly/sAXpQa</a>	
<b>Dia 07-11-2011</b>	
Evento: Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia	
Palestrante: Prof. Dr. Flavio Comim - UFRGS	
Tema: Amartya Sen: o desenvolvimento como liberdade para a superação da fome, da miséria e do mal-estar social	
Horário: 20h às 22h	
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU	
Maiores informações: <a href="http://bit.ly/ndTF3S">http://bit.ly/ndTF3S</a>	

Acesse a página do IHU no Facebook em  
[www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos](http://www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos)

## Plantação extensiva de eucalipto X culturas tradicionais

O impacto das monoculturas de eucaliptos não é só ambiental, social e/ou econômico, mas é também cultural, aponta Marcelo Henrique Santos Toledo

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Quinta-feira, dia 3 de novembro, o coordenador do Movimento em Defesa dos Pequenos Agricultores - MDPA, Marcelo Henrique Santos Toledo, estará na Unisinos debatendo o tema “O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais”, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU. O evento ocorre das 17h30 às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.

Toledo concedeu a entrevista a seguir por e-mail à **IHU On-Line**, e frisa que “as plantações extensivas de eucalipto têm um reflexo avassalador nos valores culturais e religiosos das comunidades ‘caipiras’. A monocultura do eucalipto suprimiu diversos sítios de devoção popular não respeitando seus bens simbólicos”. Segundo ele, as empresas eucaliptoras derrubaram diversas capelas, ermidas e em outros casos impediram o acesso da população a esses bens. “Os interesses econômicos das grandes empresas de celulose detonaram o catolicismo rústico e mataram o bairro tradicional rural. O povo teve que ir embora para nunca mais voltar”.

Marcelo Henrique Santos Toledo é formado em História pela Universidade de Taubaté, em São Paulo-SP, mestre em Ciência da Religião, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Participa de um Núcleo de Pesquisa sobre religiosidade popular na Universidade de Taubaté e coordena o Movimento em Defesa dos Pequenos Agricultores - MDPA por ele criado em São Luís do Paraitinga-SP, que luta contra a monocultura do eucalipto. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Quais os riscos que a plantação extensiva de eucalipto causa nas comunidades e culturas tradicionais?**

**Marcelo Henrique Santos Toledo** - O primeiro é o risco do desmantelamento das comunidades tradicionais e depois a sua extinção. A cultura tradicional de um bairro, de uma localidade, acaba quando as comunidades deixam de existir. Isso já aconteceu em alguns bairros. O impacto das monoculturas de eucaliptos não é só ambiental, social e/ou econômico, mas é também cultural. A chegada das grandes empresas de celulose, no processo de aquisição de terras, acabou por incorporar diversos sítios de produção tradicional e conseqüentemente essa aquisição implicou na desagregação da agricultura familiar, que culmina com o fim dos grupos de vizinhanças. A manutenção desses elementos de forma coesa é imprescindível para a manutenção da cultura “caipira”.

As plantações extensivas de euca-

lipto têm um reflexo avassalador nos valores culturais e religiosos das comunidades “caipiras”. A monocultura do eucalipto suprimiu diversos sítios de devoção popular não respeitando seus bens simbólicos. A população rural de São Luís do Paraitinga, em sua grande maioria é formada por católicos tradicionais diretamente ligados aos seus santos de fé e devoção. As empresas eucaliptoras derrubaram diversas capelas, ermidas e em outros casos impediram o acesso da população a esses bens. Os interesses econômicos das grandes empresas de celulose detonaram o catolicismo rústico e mataram o bairro tradicional rural. O povo teve que ir embora para nunca mais voltar.

**IHU On-Line - Quais os impactos da plantação de eucalipto em larga escala à agricultura familiar?**

**Marcelo Henrique Santos Toledo** - Os danos causados pela monocultura industrial de eucalipto sobre a agricultura familiar é enorme, violento. São

Luís do Paraitinga já foi considerado como município celeiro do Vale do Paraíba, ou seja, mantinha uma produção agrícola voltada para a policultura de alimentos que abastecia diversas cidades dessa região, litoral norte e até mesmo o sul de Minas. No entanto, atualmente boa parte do seu território encontra-se invadido por milhares de hectares de árvores exóticas de eucalipto e, se não fosse a resistência da sociedade civil, especificamente a do meio rural, a sua articulação e resistência representados pelo Movimento em Defesa dos Pequenos Agricultores - MDPA, a situação seria muito pior. São Luís do Paraitinga estava se tornando um grande celeiro de eucalipto.

As plantações extensivas de monocultivos de eucalipto usurpam terras de boa qualidade destinadas à agricultura e, até mesmo, à pecuária de leite. A cada dia que passa querem plantar mais e mais eucalipto. Ao se instalarem, muda tudo nos bairros/comunidades e o primeiro fator negativo

é o da migração dos moradores rurais, entre outras mazelas.

**IHU On-Line - De que maneira o plantio excedente de eucalipto compromete a pesca, a qualidade e a quantidade da água potável, por exemplo?**  
**Marcelo Henrique Santos Toledo** - A pesca em São Luís do Paraitinga acontece de forma amadora. Porém, em alguns ribeirões que cortam as grandes fazendas de eucalipto, a fauna aquática praticamente foi extinta. No bairro do Alvarenga, que já há quase 40 anos convivem com a plantação de eucalipto em grande escala, os moradores mais antigos contam que era comum encontrar peixes boiando “com a barriga para cima”. Isso aconteceu após os funcionários das firmas terceirizadas baterem agrotóxico (mata-mato) para o plantio de eucalipto. Quando chove, o veneno é levado pelas águas das chuvas para os córregos que, por sua vez, desaguarão nos ribeirões e estes, por sua vez, no rio Paraitinga. No bairro Ribeirão, outrora piscoso, tanto que os peixes faziam parte da dieta alimentar da população local, hoje parece um rio morto, sem vida. A água é considerada pelos moradores remanescentes dos bairros como imprópria ao consumo humano e até mesmo animal. Os moradores rurais têm cacimbas em suas casas; não captam água dos ribeirões, córregos.

## “As plantações extensivas de eucalipto têm um reflexo avassalador nos valores culturais e religiosos das comunidades ‘caipiras’”

**IHU On-Line - Quais os principais impactos ambientais que a plantação de eucalipto acarreta?**

**Marcelo Henrique Santos Toledo** - Em diversos bairros da zona rural de São Luís do Paraitinga é possível observar que córregos e riachos, e um número praticamente incontável de nascentes, além de veios d’água, secaram; ribeirões com o volume hídrico diminuído estão contaminados por agrotóxicos. Rios assoreados causados pela exclusão das matas ciliares, no lugar plantaram eucalipto. Matas nativas habitat de uma rica fauna não mais existem, sendo substituída por extensas fazendas de eucalipto. O reflorestamento de eucalipto não contribui em nada para a manutenção da fauna nativa, não produz alimentos, abrigos e força à migração o deslocamento das espécies silvestres para áreas que ain-

da não foram utilizadas para o plantio indiscriminado de eucalipto. Animais como lobo-guará, veado, anta, entre outros, estão em extinção devido à perda de seu habitat natural.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo?**

**Marcelo Henrique Santos Toledo** - Em quase quarenta anos de plantios ininterruptos de monocultivos de eucaliptos no município de São Luís do Paraitinga não houve o desenvolvimento econômico do município e muito menos melhora na qualidade de vida da população. Gerou lucros para poucos empresários. Por outro lado, os impactos sociais, econômicos, ambientais e culturais promovidos nos municípios em que essas malsinadas monoculturas se encontram são irreversíveis para a população, para o meio ambiente. Os municípios do Brasil impactados por plantações extensivas de eucalipto devem seguir o exemplo dos pequenos agricultores de São Luís do Paraitinga, que fizeram leis populares e promoveram ações civis públicas e conseguiram no poder Judiciário paulista barrar o avanço dos eucaliptais. Na região do Vale do Paraíba, municípios como Guaratinguetá e Piquete seguiram o exemplo de Paraitinga e barraram novos plantios de eucalipto em seus territórios.

## Ciclo de Palestras: Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades

Por outro modo de consumir: descrição de algumas experiências alternativas

Prof. Dr. Serge Latouche - Professor de Economia na Universidade de Paris XI - Sceaux/Orsay

Data: 22/11/2011

Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## A trilogia “Homo Sacer”, de Agamben

**E**ncerrou-se, no dia 24 de outubro, o evento Giorgio Agamben: “O Homo Sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana”. Ministrado pelo professor Castor Bartolomé Ruiz, do PPG em Filosofia da Unisinos, o curso teve como objetivo estudar o pensamento de Giorgio Agamben na sua trilogia Homo Sacer.

A revista IHU On-Line publicou uma série especial com artigos inéditos do professor Castor sobre os temas trabalhados nos oito encontros (acompanhe nos links ao final deste artigo). Para encerrar o curso, publicamos nesta edição a tradução da apresentação do novo livro de Giorgio Agamben, publicado na Itália em setembro de 2011: AGAMBEN, Giorgio. *Altissima povertà. Regole monastiche e forma di vita. Homo sacer IV, 1*. [Altíssima pobreza. Regras monásticas e forma de vida]. Vicenza, Neri Pozza, 2011, realizada pelo professor Selvino Assmann, do Departamento de Filosofia da UFSC.

Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Imaculada Conceição, de Viamão, e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG), Selvino Assmann é mestre em Teologia por essa mesma instituição. É mestre e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Lateranense com a tese A Filosofia da História de Leopoldo Zea - A América Latina e a História. Um de seus livros é *Filosofia e ética* (Florianópolis-Brasília: UFSC/CAPEs-UAB, 2009). Eis o texto, apontado como subsídio de estudo.

**Orelha do livro** - O que é uma regra, se ela parece confundir-se sem resíduos com a vida? E o que é uma vida humana, se em cada gesto seu, em cada palavra sua, em cada silêncio seu, já não consegue ser distinta da regra?

É a estas perguntas que o novo livro de Agamben procura dar uma resposta, através de uma apaixonada releitura do fenômeno fascinante e interminável que é o monasticismo ocidental, desde Pacômio até S. Francisco<sup>2</sup>. Se o livro reconstrói nos seus detalhes a vida dos monges na sua obsessiva atenção à escansão temporal e à regra, às técnicas ascéticas e à liturgia, a tese de Agamben consiste, porém, em que a verdadeira novidade do monasticismo não reside na confu-

são entre a vida e a norma, mas sim na descoberta de uma nova dimensão, na qual, talvez pela primeira vez, a “vida” como tal se afirma na sua autonomia e a reivindicação da “altíssima pobreza” e do “uso” lança para o direito um desafio com que o nosso tempo ainda deve fazer as contas.

Como pensar uma forma de vida, ou seja, uma vida humana totalmente subtraída à tomada pelo direito e um uso dos corpos e do mundo que não se substancie jamais numa apropriação? Como pensar a vida como aquilo de que nunca se dá propriedade, mas apenas um uso comum.

**Prefácio** - O objeto desta investigação é a tentativa - feita no caso exemplar do monasticismo - de construir uma forma de vida, ou seja, uma vida que se vincule tão estreitamente à sua forma a ponto de resultar inseparável dela. É nessa perspectiva que a investigação se confronta, sobretudo, com o problema da relação entre regra e vida, que define o dispositivo através do qual os monges tentaram realizar o seu ideal de uma forma de vida comum. Tratava-se não tanto - e não só - de investigar o com-

plicado acúmulo de minuciosos preceitos e de técnicas ascéticas, de claustros e horologia, de tentações solitárias e de liturgias corais, de exortações fraternas e de punições ferozes mediante os quais o cenóbio se constitui, tendo em vista a salvação em relação ao pecado e ao mundo, como uma “vida regular”, quanto de compreender, antes de tudo, a dialética que dessa maneira se instaura entre os dois termos “regra” e “vida”. Tal dialética é tão densa e complexa que, aos olhos dos estudiosos modernos, às vezes parece resultar numa perfeita identidade: *vita vel regula* [vida ou regra], segundo a introdução à Regra dos Padres, ou, nas palavras da *Regula non bullata* [Regra não ornada com bula] de Francisco: *haec est regula fratrum minorum* [esta é a regra dos frades menores]... Aqui, no entanto, preferiu-se ao *vel* e ao *et* toda a sua ambiguidade semântica, a fim de olhar para o cenóbio muito mais como a um campo de forças percorrido por duas intensidades contrapostas e, ao mesmo tempo, entrelaçadas, em cuja recíproca tensão algo de inaudito e de novo, ou seja, uma forma de vida, obstinadamente se aproximou da sua própria realização e, com idêntica obstinação,

1 São Pacômio (c. 292-348): também conhecido como Abba Pacômio, é geralmente reconhecido como o fundador do monasticismo cenobita. Seu dia é celebrado em 9 de maio. (Nota da IHU On-Line)

2 São Francisco de Assis (1181-1226): frade católico, fundador da “Ordem dos Frades Menores”, mais conhecidos como Franciscanos. Foi canonizado em 1228 pela Igreja Católica. Por seu apreço à natureza, é mundialmente conhecido como o santo patrono dos animais e do meio ambiente. Sobre Francisco de Assis confira a edição 238 da IHU On-Line, de 01-10-2007, intitulada Francisco. O santo, disponível para download em <http://migre.me/61MbS>. (Nota da IHU On-Line)

veio a falhar. A grande novidade do monasticismo não é a confusão entre vida e norma, nem uma nova declinação da relação de fato e de direito, mas sim a identificação de um plano de existência, impensado e talvez ainda hoje impensável, que os sintagmas *vita vel regula, regula et vita, forma vivendi, forma vitae* buscam com esforço nomear, e nos quais tanto a “regra” quanto a “vida” perdem o seu significado familiar para apontar em direção a um terceiro, que se trata precisamente de trazer à luz.

Contudo, no decurso da investigação, aquilo que apareceu como obstáculo para a emergência e para a compreensão deste terceiro não foi tanto a insistência sobre dispositivos que podem parecer jurídicos para os modernos, como acontece com o voto e a profissão, quanto um fenômeno absolutamente central na história da Igreja e ao mesmo tempo opaco para os modernos, que é a liturgia. A grande tentação dos monges não foi aquela que a pintura do século XV fixou nas figuras femininas seminuas e nos monstros informes que importunam Antônio no seu eremitério, mas a vontade de construir a sua vida como uma liturgia integral e incessante. Por isso a investigação, que inicialmente se propunha definir, através da análise do monasticismo, a forma de vida, teve que haver-se com a tarefa, de forma alguma óbvia e, pelo menos aparentemente, desviante e estranha, de uma arqueologia do ofício (cujos resultados são publicados em volume separado sob o título *Opus Dei. Archeologia dell'ufficio*).<sup>3</sup>

Só mesmo uma definição preliminar do paradigma ontológico e prático ao mesmo tempo, tecido conjuntamente de ser e de agir, de divino e de humano, que a Igreja nunca parou de modelar e articular no decurso de sua história, desde as primeiras e incertas prescrições das Constituições Apostólicas até a minuciosa arquitetura do *Rationale divinum officiorum*<sup>4</sup> de Guilherme de Mende (séc. XIII) e à calculada sobriedade da encíclica *Mediator Dei* (1947), poderia de fato permitir que se compreendesse

<sup>3</sup> *Opus Dei. A arqueologia do ofício*. Obra cuja publicação, pela mesma editora, está anunciada para janeiro de 2012 (Nota do Tradutor)

<sup>4</sup> Esta obra é um tratado sobre os significados simbólicos dos elementos arquitetônicos eclesiais e sobre as celebrações litúrgicas. O autor também é conhecido como Guillaume Durand (1230-1296) (Nota do Tradutor).

## “Como pensar uma forma de vida, ou seja, uma vida humana totalmente subtraída à tomada pelo direito e um uso dos corpos e do mundo que não se substancie jamais numa apropriação?”

a experiência, ao mesmo tempo muito próxima e remota, que estava em questão na forma de vida.

Se a compreensão da forma de vida monástica podia ocorrer unicamente como persistente contraponto ao paradigma litúrgico, o experimento talvez crucial da investigação não poderia deixar de se situar na análise dos movimentos espirituais dos séculos XII e XIII, que culminaram no franciscanismo. Enquanto já não situam a sua experiência central no plano da doutrina e da lei, mas no da vida, os mesmos se apresentam, sob essa perspectiva, como o momento de toda forma decisivo na história do monasticismo, em que a sua força e a sua fraqueza, os seus sucessos e os seus fracassos alcançaram a sua tensão extrema.

O livro encerra-se, por isso, com uma interpretação da mensagem de Francisco e dos teóricos franciscanos sobre a pobreza e sobre o uso, que, por um lado, uma precoce lenda e uma interminável literatura hagiográfica recobriram com a máscara humana demais do *pazzu* [louco] e do *giullare* [menestrel] ou com aquela, não mais humana, de um novo Cristo, e, por outro, uma exegese atenta mais aos fatos do que às suas implicações teóricas fechadas nos confins disciplinares da história do direito e da Igreja. Em ambos os casos, o que continuava desconsiderado era o legado talvez mais precioso do franciscanismo, com o qual, sempre de novo, o Ocidente deverá voltar a medir-se como se fosse sua tarefa indeferível: como pensar uma forma de

vida totalmente subtraída à prisão do direito e um uso dos corpos e do mundo que não acabe sempre numa apropriação? Ou seja, ainda pensar a vida como aquilo de que nunca se dá propriedade, mas apenas um uso comum.

Tal tarefa exigirá a elaboração de uma teoria do uso a respeito da qual faltam, na filosofia ocidental, os princípios mais elementares, e, a partir dela, uma crítica daquela ontologia operativa e governamental que, sob os disfarces mais diversos, continua determinando os destinos da espécie humana. Isso fica reservado ao último volume de *Homo Sacer* (p. 7-10).

**Limiar** - O que faltou à doutrina franciscana do uso é precisamente a tentativa de pensar o nexos com a ideia de forma de vida, que o texto de Olivi<sup>5</sup> parece implicitamente exigir. É como se a altíssima pobreza, que deveria definir, segundo o fundador, a forma de vida franciscana como vida perfeita (e que noutros textos, como no *Sacrum commercium Sancti Francisci cum Domina Paupertate*<sup>6</sup>, tem de fato esta função), vinculando-se ao conceito de *usus facti*, perdesse sua centralidade e acabasse caracterizando-se apenas de forma negativa com relação ao direito. Certamente, graças à doutrina do uso, a vida franciscana pôde afirmar-se sem reservas como a existência que se situa fora do direito, ou seja, que, para ser, deve abdicar do direito - e este certamente é o legado que a modernidade se mostrou incapaz de enfrentar e que o nosso tempo nem sequer parece capaz de pensar. Mas o que é uma vida fora do direito, se ela se define como a forma de vida que faz uso das coisas sem nunca delas se apropriar? E o que é o uso, se cessamos de o definir apenas negativamente com respeito à propriedade?

É, pois, o problema do nexos essencial entre uso e forma de vida que nesta altura

<sup>5</sup> OLIVI, *Quaestio octava de altissima paupertate*. Em: SCHLAGETER, Johannes. *Das Heil der Armen und das Verderben der Reichen*. Petrus Johannes Olivi OFM. *Die Frage nach der höchsten Armut*. Franziskanische Forschungen, 34, Werl, Dietrich-Goelde, 1989. (Nota do Tradutor)

<sup>6</sup> A tradução portuguesa pode ser encontrada em *São Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano* (Petrópolis: Vozes, 1981, p. 1045-1078). (Nota da IHU On-Line)

se torna inadiável. Como pode o uso - ou seja, uma relação com o mundo enquanto inapropriável - traduzir-se em um *ethos* e em uma forma de vida? Quais são a ontologia e a ética que corresponderão a uma vida que, no uso, se constitui como inseparável da sua forma? A tentativa de responder a estas perguntas exigirá necessariamente um confronto com o paradigma ontológico-operativo em cuja moldura a liturgia, através de um processo secular, acabou por prender a ética e a política do Ocidente. Uso e forma de vida são os dois dispositivos através dos quais os franciscanos procuraram, de maneira certamente insuficiente, quebrar essa moldura e confrontar-se com aquele paradigma. Mas é certo que só a partir da retomada do confronto numa perspectiva nova que se poderá eventualmente decidir se e em que medida aquela que se apresenta em Olivi como a extrema forma de vida do Ocidente cristão ainda tem, para isso, um sentido, ou se, pelo contrário, o domínio planetário do paradigma da operatividade exige que se desloque o confronto decisivo para um outro terreno (p. 177-178).

LEIA MAIS...

- >> Confira os outros artigos de Castor Bar-tolomé Ruiz sobre o evento Giorgio Agamben: "O Homo Sacer I, II, III. A exceção jurídica e o governo da vida humana"
- \* Homo sacer. O poder soberano e a vida nua. Revista IHU On-Line, edição 371, de 29-08-2011, disponível em <http://bit.ly/naBmM8>.
- \* O campo como paradigma biopolítico moderno. Revista IHU On-Line, edição 372, de 05-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nPTZz3>;
- \* O estado de exceção como paradigma de governo. Revista IHU On-Line, edição 373, de 12-09-2011, disponível em <http://bit.ly/nsUUpX>;
- \* A exceção jurídica e a vida humana. Cruzamentos e rupturas entre C. Schmitt e W. Benjamin. Revista IHU On-Line, edição 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/pDpE2N>;
- \* A testemunha, um acontecimento. Revista IHU On-Line, edição 375, de 03-10-2011, disponível em <http://bit.ly/q84Ecj>;
- \* A testemunha, o resto humano na dissolução pós-metafísica do sujeito. Revista IHU On-Line, edição 376, de 17-10-2011, disponível em <http://bit.ly/qQHeua>.

Confira também textos publicados nas Notícias do Dia sobre Giorgio Agamben

- \* Giorgio Agamben: Política da profanação versus religião do consumo. Notícias do Dia 19-10-2011, disponível em <http://migre.me/61Mul>
- \* Em que cremos? Redescubramos a ética. Entrevista com Giorgio Agamben. Notícias do Dia 02-05-2011, disponível em <http://migre.me/61Mya>
- \* Em "O Reino e a Glória", Agamben analisa liturgias do poder. Notícias do Dia 26-04-2011, disponível em <http://migre.me/61MAC>

## CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

# IHU Repórter

## Mari Margarete dos Santos Forster

POR THAMIRIS MAGALHÃES | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

**S**orridente. Assim a professora Mari Margarete dos Santos Forster recebeu a IHU On-Line em sua sala para contar um pouco sua história de vida. Trabalhando há quase 40 anos na Unisinos, Mari se anima ao dizer que foi nessa universidade que aprendeu muitas coisas. Alegre, ela afirma ser confiante, amiga, solidária, além de acreditar saber respeitar as diferenças. Seus maiores sonhos são continuar tendo saúde, ver a neta crescer e poder ainda fazer coisas que lhe deem prazer. Conheça um pouco mais de sua história.



**Origem** - Nasci e moro em Porto Alegre. Por muitos anos resido no mesmo bairro, em Petrópolis. Troco de casa, mas não de bairro. Gosto muito dali.

**Família** - Sou viúva, tenho uma filha, a Gabriela, casada, e uma neta, de seis meses, a Francesca. Minha filha escolheu esse nome para homenagear meu pai. Ela diz que quer terminar com uma dinastia, a de mulheres de filhas únicas, porque eu sou filha única, ela é filha única e agora nasceu a Francesca. Então, a ideia dela é ter outra criança, para não ficar só repetindo... Meus pais são falecidos. Moraram comigo depois que minha filha casou.

**Formação** - Sou pedagoga. Formei-me na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Tenho mestrado, pela mesma universidade, e doutorado, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS, em Educação.

**Autodefinição** - Sou confiante. Amiga. Solidária e acredito que sei respeitar as diferenças. Tenho alguns defeitos, os reconheço. Mas acredito

que eles fazem parte do sujeito, pois este não é só A ou B. Ele é A e B.

**Trabalhos** - Dedico-me à Pós-Graduação desde 1998, na linha de pesquisa chamada Formação de Professores, que é algo que eu venho investigando. Até 1998, fiquei mais na graduação aqui e em outros lugares. Sempre trabalhei muito, mas desde 2000 estou lecionando só na Unisinos. Trabalho também na graduação, curso de Pedagogia, que é onde eu gosto muito de atuar. Toda minha formação básica foi na instituição pública. Tive uma boa formação. No entanto, quase toda minha atuação profissional é na instituição privada. Por algum tempo, trabalhei na instituição pública, como no Colégio de Aplicação, da UFRGS; foi uma experiência maravilhosa. Logo que comecei a trabalhar, lecionei por muito pouco tempo no ensino público estadual. Além disso, fui Secretária de Educação Substituta aqui no Rio Grande do Sul, nos anos de 1989 e 1990. Foi na época que trabalhei diretamente na rede pública. Hoje, pesquiso a formação de professores ainda nesse ramo. Acredito que tenho um compromisso muito grande com a escola pública.

O centro de minha pesquisa é a relação universidade/escola. Reputo que hoje, fazendo isso, eu de alguma forma devolvo um pouco do que recebi da instituição estatal.

**Ingresso na Unisinos** - Tive uma professora que trabalhava na Unisinos, mas precisou se ausentar por algum período e indicou meu nome para atuar na universidade. Vim para cá nessas condições e acabei ficando. Nessa época, estava me formando na graduação, pois não havia exigência de ter mestrado e doutorado para atuar no ensino superior. Então, eu estava terminando a graduação quando ela me convidou para substituí-la e, chegando aqui, 99% dos meus alunos eram mais velhos que eu. À época, os professores já tinham longa experiência profissional, mas eles vinham fazer sua formação na universidade, porque eles não tinham passado pela academia. Foi uma experiência muito rica para mim. Aprendi muito com aqueles professores. A partir dali, comecei a me dar conta que, ensinando, nós aprendemos. E muito. Às vezes, até aprendemos mais do que ensinamos. Essa experiência me ensinou isso, porque saí da universidade e



vim com referenciais teóricos, à época, bem norte-americanos, achando que iria ser o máximo. Cheguei aqui, deparei-me com pessoas que tinham longa experiência prática, de atuação, e precisávamos dialogar sobre isso.

**Lazer** - Ir ao cinema, ler, passear, ir à praia, viajar. Sempre que posso viajo bastante. Teatro gosto muito também. Reservo o meu sábado para cinema e teatro.

**Cinema** - Gosto de dramas, filmes latino-americanos, do Pedro Almodóvar, Woody Allen. Aprecio o filme que assisti recentemente, *Um Conto chinês*. Maravilhoso. Vale a pena assistir.

**Livros** - Leio muita coisa ao mesmo tempo. Agora, estou lendo duas coisas que adoro. Um é o *Ética para meus pais*, de Yves de La Taille; o outro é *O tempo entre costuras*, um romance, de María Dueñas, que é uma espanhola maravilhosa, de um texto belo.

**Autor** - Gosto muito da Isabel Allende, chilena; o nosso Jorge Amado, tenho lido quase tudo dele; e do português José Saramago.

**Política** - Acredito que estamos vivendo um momento importante. Gosto muito da Dilma. Acho que está acertando bastante. Claro que ela está se deparando com pressões de várias ordens, mas acredito que está conseguindo dar conta a contento desses desafios.

Acho mesmo que irá conseguir fazer um bom governo. A presidente está tendo bastante clareza sobre esse momento e, mesmo as pessoas dizendo que ela não tem tanta autonomia em relação ao nosso ex-presidente Lula, eu acredito que sim. Vejo que Dilma tem feito coisas boas e acredito efetivamente que possa fazer um bom governo.

**Religião** - Sou batizada, crismada, tudo pela Igreja Católica. Sou uma pessoa que acredita em Deus. Acho que Ele está em muitos lugares. Mas posso me considerar católica não praticante.

**Sonho** - Continuar tendo saúde. Acredito que isso é efetivamente importante; ver a minha neta crescer; poder ainda fazer coisas que me deem prazer, e acredito muito também na possibilidade de ter um mundo cada vez melhor, mais solidário na relação com os outros. Meus sonhos são simples, porém genuínos, eu diria.

**Unisinos** - Estou desde agosto de 1972 na Unisinos. Já tenho 39 anos aqui. Ela foi um dos primeiros espaços de trabalho que tive. Aprendi muito. É um espaço que abre possibilidades para nós, professores, como profissionais. A instituição cresceu muito! Tive chance de acompanhar os seus diferentes momentos e, às vezes, sinto falta de algumas coisas, como, por exemplo, o contato

mais direto com as pessoas, porque por muito tempo se conhecia quase todo mundo que era professor daqui. E eu trabalhei também em um setor pedagógico que existia, que era o Núcleo de Apoio Pedagógico - NAP. Então, eu tinha chance de circular por toda a instituição, nos diferentes espaços, e essa foi uma bela experiência. Mas, mesmo que ela tenha crescido, consegui me localizar em um espaço menor, que é a pós-graduação, para poder criar junto, discutir junto. Eu acredito muito nisso: na possibilidade de construir com o outro. E creio que aqui, nesse espaço, eu tenho essa possibilidade.

**IHU** - É o oásis na Unisinos. Acredito que o trabalho do Instituto representa, de alguma forma, um espaço de liberdade, de produção. Um lugar que tem uma autonomia, pelo menos é como eu enxergo; e é um ambiente que se projeta, não fica só dentro desse espaço Unisinos. Ele tem uma projeção para além da universidade; creio que provoca também, dentro da instituição universitária, uma série de reflexões. É um espaço privilegiado. Além disso, precisa ser prestigiado e apoiado porque, de fato, faz toda a diferença aqui dentro. Vejo que, depois da entrada do Instituto, muitas coisas são diferentes. Não tem como não saber o que é o IHU. Representado em diferentes veículos, ele tem uma marca boa.

# Destaques

## Serge Latouche e a economia de baixo carbono

No próximo mês de novembro, estará no Brasil o Prof. Dr. Serge Latouche, professor de Economia na Universidade de Paris XI. Ele participará do Ciclo de Palestras: Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades, promovido pelo IHU, com o objetivo de debater e refletir sobre os desafios socioambientais e econômicos atuais.

Confira a programação de Latouche no Brasil:

**Dia 12-11** Latouche estará no Centro Cultural da UFMT em parceria com Centro Burnier - Cuiabá/Mato Grosso, falando sobre *Decrescimento sustentado, bioética e biopolítica: conversas com Merleau-Ponty*;

**Dia 18** na Faculdade de Administração e Economia - FAE em parceria com CEPAT/Curitiba-PR, abordando o tema *Uma sociedade do decrescimento. Uma utopia ou uma necessidade?*

**Dia 21** Latouche estará no Campus da Unisinos em Porto Alegre, ministrando a palestra *Desenvolvimento Humano, Decrescimento e a Sociedade Convivial*;

**Dias 22, 23, 24 e 25 de novembro** o pesquisador estará na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU, tratando dos seguintes temas, respectivamente “Por outro modo de consumir: descrição de algumas experiências alternativas” (Das 16h às 18h); “Sociedade convivial e economia de baixo carbono: uma relação convivial?” (Das 20h às 22h); “A atualidade da obra de Ivan Illich” (Das 17h30min às 19h); e “Sociedade convivial: uma perspectiva eco-teológica” (Das 15h às 17h).

Mais informações sobre o evento podem ser obtidas em <http://bit.ly/fmmTpa>



Siga o IHU no



([http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu))

E também no

**facebook**

(<http://bit.ly/iहुfacebook>)

Apoio:

